



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O PAPEL MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS

MARIA GABRIELA COSTA RIBEIRO

João Pessoa-PB
Fevereiro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O
PAPEL MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS**

Maria Gabriela Costa Ribeiro, *Mestranda*

Valdiney Veloso Gouveia, *Orientador*

João Pessoa, Fevereiro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O PAPEL
MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS**

Maria Gabriela Costa Ribeiro

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (Mestrado) da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

João Pessoa, Fevereiro de 2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R484n Ribeiro, Maria Gabriela Costa.

NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O
PAPEL MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS / Maria Gabriela
Costa Ribeiro. - João Pessoa, 2019.
207 f.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

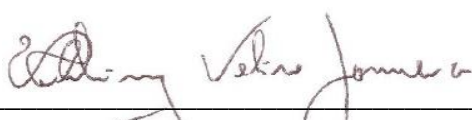
1. nostalgia; valores humanos; bem-estar subjetivo. I.
Gouveia, Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/CCHLA

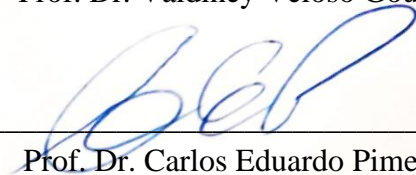
**NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O
PAPEL MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS**

Maria Gabriela Costa Ribeiro

BANCA AVALIADORA



Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia



Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel



Prof. Dr.ª. Ana Karla Silva Soares



Prof. Dr.ª. Isabel Cristina Vasconcelos de Oliveira

*À minha mãe, Jackeline
Aos meus irmãos, Ronaira e Italo
Meus amores eternos*

*(...) Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida.*

(Maria, Maria – Milton Nascimento)

AGRADECIMENTOS

Com o passar do tempo, ao recordar do passado, tenho certeza que o sentimento de nostalgia tomará conta de mim. Durante esses dois anos, pesquisei esse fenômeno e pude compreender sua natureza ambivalente. De acordo com que pude aprender, sentirei afetos negativos, mas também, muitos afetos positivos. Lembrarei do passado e irei sentir falta dos momentos, querendo revivê-los e ao mesmo tempo, esse sentimento me impulsionará a estar mais conectada com meus familiares e amigos de modo que terei presença de sentido de vida, elevada estima e perspectiva positiva diante do futuro. Tudo isso só tem sentido as pessoas que eu tenho na minha vida.

Primeiro, quero agradecer à Deus por me proporcionar uma vida rica de amor, em que diariamente sinto sua presença em todos os detalhes, como na natureza, na minha família e os melhores caminhos que Ele me proporciona para o meu bem-estar. A sua maior graça comigo se refere ao meu maior amor, minha mãe Jackeline Batista da Costa. Ela é tudo na minha vida de modo que os caminhos que julgo ser o melhor, é sempre pensando em oferecer o melhor na vida dela. Não tem um dia na vida que eu não pense em dar o mundo para ela, da mesma forma que ela se doa para o mundo. O nosso amor é eterno, mãe.

Porém, no meu para sempre, também estão meus irmãos Ronaira e Italo. Diferentes um do outro, eles possuem o mesmo objetivo que o meu: oferecer o nosso melhor para mainha. Rô, com o seu jeito mais conscienciosa e questionadora, também tem um coração lindo e repleto de amor, tão generosa. Por outro lado, Italo é o mais calado e sereno da casa, mas tem uma fidelidade e empatia com outro que é lindo demais. Amo vocês! Também quero agradecer ao meu Pai, meu amor, por ter respeitado minha escolha profissional e hoje é tão empolgado (com o seu jeito) com meu caminho. Obrigada por tudo, painho, eu te amo demais! Agradeço à minha Za, meu amor branquela.

Também quero agradecer a minha Tia Socorro, Tia Nida e Tia Zana por me ajudarem em diferentes momentos nessa etapa. Quero agradecer à minha vovó Margarida por todo amor e zelo comigo. Ainda agradeço ao meu primo amado Kel, que sempre torceu de forma genuína por todo sucesso que conquisto ao longo da vida. Também estendo esse carinho para Cláudio, um primo que ganhei na vida. Meu muito obrigada para Mãe Céu, minha madrinha Hilma e Isabel. Também agradeço ao meu avô Jaime, à Marluce e meus tios Zé Carlos, Karina e Suênia. Por fim, também agradeço minha prima Conceição e toda sua família por todo apoio que recebi.

Procurando seguir uma ordem cronológica, quero agradecer aos meus amigos que do colégio, foram para a vida. Primeiro, minhas amigas mais antigas Yuanna e Nayara, as quais vivenciaram comigo os meus sonhos de uma pré-adolescente e hoje conhecem meus sonhos como uma mulher adulta, estando sempre comigo, até nas minhas piores escolhas. Também agradeço minha amiga Danielle, por diferentes histórias engraçadíssimas que vivemos e pelo companheirismo. Quero agradecer ao meu amigo Eros pela torcida de sempre e ficar feliz com minha felicidade. Por fim, agradeço ao meu amigo Vinicius Pimenta, por sempre acreditar que poderia conseguir e me estimular a fazer mais! Meus amigos, vocês fazem minha vida mais leve. Eu amo muito vocês!!!

Passando para a área da universidade, a primeira pessoa que conheci foi minha doce amiga Daniella, que esteve comigo em todos os momentos durante a graduação e no mestrado, não foi diferente. Também agradeço as minhas amigas Gabriela e Rafaella, pela torcida e por compartilhar os diferentes sensações pós-graduação. Obrigada por tudo meninas! Amo vocês!

Agradeço a uma pessoa que me possibilitou estar escrevendo esses agradecimentos: Professor Valdiney Veloso Gouveia. Ao me permitir entrar no núcleo, eu não tinha ideia na época, mas ele estava me dando a grande chance de construir uma carreira, ainda

menina. Porém, mas do que isso, por meio dele, conheci pessoas incríveis e de um coração inestimável. Às vezes brinco que ele deveria ser mais criterioso nas escolhas dos orientandos, mas, depois percebo que ao longo da história da vida do núcleo, ele conseguiu reunir pessoas que hoje são tudo na minha vida. E claro, ele é uma dessas pessoas.

Professor, na minha vida existe uma linha temporal a.V (antes de Valdiney) e d.V (depois de Valdiney). Com o senhor aprendi ser pesquisadora e diferentes construtos da Psicologia, porém, o mais importante você me ensinou quando tomamos inúmeros cafés. Você me ensinou que um Professor é ser leal com seus alunos, é dar tudo de si para vê-los crescer e principalmente, ajudá-los nos momentos mais críticos da vida. Recebi sua bondade inúmeras vezes a tal ponto, que estendeu para minha família. O senhor sabe o quanto luto para oferecer o melhor para eles e sou muito grata por ter nos ajudado. Obrigada por diferentes papéis que assumiu comigo, um pai, professor e um amigo. Sempre serei grata à sua vida e tudo que fez por mim. Também sou grata à Rildésia por ser tão generosa e verdadeira comigo. Amo vocês! Agradeço também à Catalina e Andrés.

Como disse anteriormente, encontrei no BNCS pessoas que fazem parte da minha vida. Uma delas, considero minha alma gêmea, meu amor Alessandro. Ele completa as partes que faltam em mim. Ele é engraçado, doce e um verdadeiro amigo. SEMPRE esteve comigo em todos os momentos dessa jornada de tal modo que construímos uma amizade sincera, tão íntima e leal. Fazemos de tudo para ver o outro bem. Alessandro, se essa caminhada foi mais fácil, devo a você que esteve comigo, em tudo. Eu te amo para sempre!

Agradeço as pessoas que entraram na seleção de mestrado junto comigo e hoje, são meus amigos: Diego e Olindina. Diego, você é uma pessoa com o coração gigante! Você praticamente deve saber mais de nostalgia do que eu, do tanto que procurei para me ajudar a entender mediação e moderação. Entretanto, mais do que isso, você foi meu amigo em momentos difíceis, ajudou com todos os recursos que tinha para me ajudar. Também

agradeço à Olindina, sempre tão atenciosa aos meus sentimentos e generosa em me ajudar nas atividades, além de ser uma ótima companhia para além do mundo acadêmico. Eu amo vocês, amores!

Ainda no BNCS, quero agradecer à Bárbara, minha linda Cunha, por ser tão companheira e gentil em todos os momentos. Sua amizade estende além do acadêmico, conseguimos nos divertir sempre que saímos. Tenho ótimas lembranças de você Cunha, amo você! Também agradeço a Thiago, uma pessoa que compartilhou comigo as mais variadas situações e demonstrou que no final tudo acaba bem, de uma forma ou de outra. Obrigada por toda a ajuda. Quero agradecer a uma linda muito especial, chamada Flávia! Uma pessoa tão doce, generosa e muito inteligente. Queria que ela enxergasse ainda mais a lindeza que ela é. Obrigada por todo apoio, meu bem. Um agradecimento especial para Karen, com toda sua elegância e generosidade, fez de tudo para me ajudar. Também agradeço a todo núcleo que possibilita o nosso caminho, Francicléia, Aline, Anderson, Naíla, Maria Aparecida, Bruna Araújo, Marina e Lucas. Quero agradecer aos mais antigos que tanto me ajudou como Italo, Camilla, Alex, Renan, Roosevelt, Rafaella, Layrthton, Bruna Lopes, Ana Isabel e Rebecca.

Quero agradecer aos professores que aceitaram o meu convite de ler essa dissertação. Primeiro, ao professor Carlos Eduardo, uma das pessoas mais inteligentes que conheço, a qual pude aprender bastante com ele, bem como conhecer receber diariamente sua gentileza. À professora Ana Karla, que me ajudou desde o início do curso e hoje é uma amiga muito especial, que esteve do meu lado inúmeras vezes, sempre com o coração acolhedor com de tanto afeto. À professora Isabel Cristina, um doce de pessoa e ao mesmo tempo, admiro a sua sensatez e como olha para a realidade. Aprendi muito com você e sou grata por todas suas palavras de conforto. Amo vocês!!

Por último, não menos importante, quero deixar esse parágrafo para uma pessoa que convive todos os dias comigo e com certeza, sem sua ajuda, tudo seria mais difícil. Conheci Bia em 2015 quando fui dividir apartamento com ela. Naquele momento, não imaginava que estava indo morar com uma das pessoas mais maravilhosas da VIDA! Bia foi importante no final do meu curso, mas durante o mestrado ela foi essencial. Tive que aprender a lidar com suas diferenças e ela, muito mais do que eu, teve que aprender com as minhas. Com ela aprendi a ter mais fé, a entregar sua vida aos planos de Deus e ter mais autocontrole. Bom, o que ela aprendeu comigo? Espero logo ler os agradecimentos da Tese dela. Deixando as brincadeiras de lado, quero sempre lembrar do quanto sou grata por ter Bia na minha vida. Ela é um verdadeiro presente que esteve comigo nos momentos mais difíceis, nos mais divertidos e tediosos. Por isso, gosto de reforçar o quanto sou privilegiada por ter a oportunidade de conviver com uma pessoa tão generosa. Obrigada por tudo, meu bem. Amo você!

Por fim, agradeço à minha turma do Kickboxing que me ajudou a “descarregar” os momentos de estresse durante esses dois anos. Fiz amizades e convivi com pessoas tão diferentes do que eu faço. Foi enriquecedor! Agradeço também a todos os participantes que responderam de forma voluntária e contribuíram para essa pesquisa. Um agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me possibilitou a dedicação exclusiva deste trabalho.

Portanto, se você chegou até aqui caro leitor, talvez possa entender algumas das razões que sentirei falta quando lembrar da minha época do mestrado. Por outro lado, também sentirei muita alegria e amor, pois como podem perceber, tenho pessoas incríveis ao meu lado e que sempre estiveram/estarão dispostas para me ajudar. Obrigada Deus por tanta graça em minha vida.

NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O PAPEL MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS

Resumo. O objetivo geral desta dissertação, buscou verificar em que medida a nostalgia e os valores humanos explicam o bem-estar subjetivo. Nesta direção, foram delineados quatro estudos. O *Estudo 1*, objetivou a construção da *Escala de Disposição à Nostalgia (EDN)* e conhecer seus indicadores psicométricos (e.g., validade fatorial, convergente e consistência interna). Os participantes ($N = 207$ universitários; $M_{idade} = 22,8$ anos; $DP = 6,13$; 51% sexo masculino) responderam a versão inicial da EDN, composta por 20 itens, o *Inventário de Nostalgia (IN)*, *Escala de Nostalgia de Southampton (ENS)* e questões demográficas. Uma análise fatorial exploratória (método de Eixos Principais e rotação *oblimin*), demonstrou uma estrutura unifatorial e consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,86$). Entretanto, decidiu-se selecionar os itens com carga fatorial igual ou acima de $|0,50|$ e os mesmos critérios anteriores foram adotados. Esta última versão apresentou novamente uma estrutura unifatorial, composta por 10 itens ($\alpha = 0,84$), além da validade convergente com IN ($r = 0,57$) e ENS ($r = 0,31$). No *Estudo 2*, procurou confirmar a estrutura fatorial do estudo anterior. Os participantes ($N = 260$ universitários; $M_{idade} = 22,3$ anos; $DP = 5,92$; 53% sexo feminino) responderam a versão reduzida da EDN, IN, ENS e questões demográficas. Ao testar a estrutura, verificou-se que um item (8) havia compartilhamento alto de variância com dois outros itens (2 e 10). Ao retirá-lo, os indicadores foram satisfatórios (e.g., CFI = 0,94; TLI = 0,91; RMSEA = 0,06) e consistência interna adequada ($\alpha = 0,78$; teste-reteste t_1 e $t_2 = 0,82$). Ademais, também se correlacionou as com as medidas IN ($r = 0,55$) e ENS ($r = 0,36$). Diante da adequação psicométrica da EDN, o *Estudo 3*, objetivou conhecer a relação entre nostalgia, valores humanos e as variáveis do bem-estar subjetivo (sentido de vida, autoestima e otimismo). Os participantes ($N = 306$ universitários; $M_{idade} = 24,9$ anos; $DP = 7,86$; 62% sexo feminino), os quais responderam a EDN, *Questionário dos Valores Básicos*, *Questionário Sentido de Vida*, *Escala de Autoestima de Rosenberg*, *Escala de Afetos Positivos e Negativos* e questões demográficas. A EDN se correlacionou positivamente com os valores *interativos* ($r = 0,18$), *experimentação* ($r = 0,13$) e *suprapessoal* ($r = 0,14$) e *afetos negativos* ($r = 0,13$), enquanto se relacionou negativamente com *presença de sentido* ($r = -0,14$). Não houve correlações com *autoestima* e *afetos positivos*. Ademais, testou-se o poder preditivo da nostalgia na autoestima e presença e sentido, considerando o papel mediador da subfunção interativa; observou-se um efeito indireto positivo. Observou-se também que os valores interativos apresentaram efeito supressor na predição da nostalgia na autoestima e presença de sentido, respectivamente. Por fim, o *Estudo 4*, buscou verificar o efeito do estado nostálgico no otimismo mediado pelos valores interativos e autoestima e se esses efeitos dependem do traço nostálgico. Os participantes ($N = 193$ universitários; $M_{idade} = 24,3$ anos; $DP = 7,61$; 65% sexo feminino), os quais responderam os mesmos instrumentos do estudo anterior, além da *Escala de Otimismo*. Verificou-se que o estado nostálgico e a interação (estado nostalgia x traço nostalgia) não tiveram efeito no otimismo via caminho sequencial da subfunção interativa e autoestima. Entretanto, o traço de nostalgia explicou o otimismo quando mediado pelos valores interativos e autoestima. A partir dos resultados dos quatro estudos, verificou-se a construção e adequação de um instrumento na mensuração do traço de nostalgia. Além disso, observou-se a importância da função social na nostalgia, uma vez que indivíduos mais nostálgicos priorizam valores de afetividade, apoio social e convivência e conseqüentemente, apresentam níveis maiores de bem-estar subjetivo (sentido de vida, autoestima e otimismo).

Palavras-chave: nostalgia; valores humanos; bem-estar subjetivo.

NOSTALGIA COMO EXPLICADORA DO BEM-ESTAR SUBJETIVO: O PAPEL MEDIADOR DOS VALORES HUMANOS

Abstract. This dissertation aimed to verify to what extent the nostalgia and human values explain the subjective well-being. Four studies were conducted. The *Study 1* aimed to develop the *Dispositional Nostalgia Scale (DNS)* and investigate its psychometric indexes (e.g., factorial and convergent validities, reliability). Participants ($N = 207$ undergraduate students; $M_{\text{age}} = 22.8$; $SD = 6.13$; 51.0% men) completed the initial version of the DNS, composed by 20 items, the Nostalgia Inventory (NI), the Southampton Nostalgia Scale (SNE) and demographic questions. An exploratory factor analysis (principal axis factoring; oblimin rotation) indicated a one-factor solution and satisfactory reliability ($\alpha = 0.86$). However, it was decided to select the items with factor loading above $|0.50|$ under the same previous criterions. The final version, composed by 10 items, showed again a one-factor solution ($\alpha = 0.84$) and convergent validity was supported (NI, $r = 0.57$; ENS, $r = 0.31$). The *Study 2* aimed to confirm the previous factor solution for the DNS found in the first study. Participants ($N = 260$ undergraduate students; $M_{\text{age}} = 22.3$; $SD = 5.92$; 53% women) completed the DNS brief version, the NI, the SNE and demographic questions. The confirmatory factor analysis revealed that the error term of item 8 was correlated with the items 2 and 10. The confirmatory model was reestimated, in absence of the item 8, and the one-factor solution fitted well (e.g., CFI = 0.94; TLI = 0.91; RMSEA = 0.06) with satisfactory reliability ($\alpha = 0.78$; test-retest, t_1 and $t_2 = 0.82$). Moreover, the DNS brief version was correlated with NI ($r = 0.55$) e SNE ($r = 0.36$). In the *Study 3* was investigated the relations between nostalgia, human values and variables that composes the subjective well-being universe (meaning of life, self-esteem and optimism). Participants ($N = 306$ undergraduate students; $M_{\text{age}} = 24.9$; $SD = 7.86$; 62% women) completed the DNS, Basic Values Survey, Meaning in Life Questionnaire, Rosenberg Self-Esteem Scale, Positive and Negative Affects Scale and demographic questions. The DNS correlated positively with interactive values ($r = 0.18$), excitement ($r = 0.13$) e suprapersonal ($r = 0.14$) and negative affects ($r = 0.13$). In turn, the DNS correlated negatively with presence of sense ($r = -0.14$). It was not observed correlations with self-esteem and positive affects. Moreover, the predictive power of nostalgia was tested on self-esteem and presence of sense, including the interactive values as a mediator variable; a positive indirect effect was observed. In addition, the interactive values showed a suppressor effect on the estimated mediation model. Finally, the *Study 4* aimed to verify the state nostalgia effect on optimism mediated by interactive values and self-esteem and whether this effect is contingent of on trait nostalgia. Participants ($N = 193$ undergraduate students; $M_{\text{age}} = 24.3$; $SD = 7.61$; 65% women) completed the same instruments of the *Study 3* and the Optimism Scale. In sum, the effect of the state nostalgia and the interaction term (state nostalgia x trait nostalgia) on optimism through sequential path (interactive subfunction and self-esteem) was not significant. However, the trait nostalgia explained the optimism when mediated by interactive values and self-esteem. In conclusion, it was verified the development of a reliable instrument to measure the trait nostalgia. In addition, the importance of a social function on the nostalgia construct was supported, once individuals with higher nostalgic experiences endorse Affectivity, Belonging and Support values and, in turn, exhibits higher levels of subjective well-being (meaning of life, self-esteem and optimism).

Keywords: nostalgia; human values; subjective well-being

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
PARTE I – MARCO TEÓRICO	27
CAPÍTULO 1. NOSTALGIA	28
1.1. Aspectos históricos da nostalgia	29
1.1.1 <i>Nostalgia na área da Publicidade</i>	31
1.2. Nostalgia como traço de personalidade	34
1.3. Para que serve a nostalgia?	35
1.3.1. <i>Significado das vivências nostálgicas</i>	37
1.3.2. <i>Gatilhos da nostalgia</i>	38
1.3.3. <i>Funções da nostalgia</i>	40
1.4. Afinal, qual é a natureza da nostalgia?	43
1.5. Diferenciando a nostalgia de outros construtos	45
1.6. Mensurações da Nostalgia	47
1.6.1. <i>Inventário de Nostalgia</i>	47
1.6.2. <i>Escala de Nostalgia Southampton</i>	49
1.7. Nostalgia e bem-estar	50
CAPÍTULO 2. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS	53
2.1. Definição	54
2.2. Pressupostos teóricos	55
2.2.1. <i>Natureza Humana</i>	55
2.2.2. <i>Princípios-guia individuais</i>	56
2.2.3. <i>Base motivacional</i>	58
2.2.4. <i>Caráter terminal</i>	60
2.2.5. <i>Condição perene</i>	62
2.3. Função dos valores humanos	63
2.3.1. <i>Tipo de orientação</i>	64
2.3.2. <i>Tipo de motivador</i>	65
2.3.3. <i>Cruzamento das duas funções valorativas: seis subfunções valorativas</i>	66
2.4. Hipótese de conteúdo e estrutura	70
2.5. Hipótese de congruência e compatibilidade	70
2.6. Questionário dos Valores Básicos (QVB)	72
2.7. Correlatos valorativos com dimensões do bem-estar	74

CAPÍTULO 3. BEM-ESTAR SUBJETIVO.....	78
3.1 Modelos teóricos do bem-estar	80
3.1.1. <i>Bem-estar Subjetivo.....</i>	80
3.1.2. <i>Bem-estar Psicológico.....</i>	81
3.1.3. <i>Outros modelos teóricos do bem-estar.....</i>	82
3.2. Sentido de Vida.....	84
3.2.1. <i>Definição.....</i>	84
3.2.2. <i>Mensuração.....</i>	87
3.2.3. <i>Correlatos de sentido de vida com o bem-estar.....</i>	88
3.3. Autoestima.....	89
3.3.1. <i>O desenvolvimento da autoestima.....</i>	89
3.3.2. <i>Mensuração.....</i>	92
3.3.3. <i>Correlatos da autoestima com o bem-estar.....</i>	93
3.4. Otimismo.....	94
3.4.1. <i>Definição.....</i>	94
3.4.2. <i>Mensuração.....</i>	96
3.4.3. <i>Correlatos do otimismo com o bem-estar.....</i>	98
3.5. Correlatos entre sentido de vida, autoestima e otimismo.....	99
PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS.....	101
4. ESTUDO 1. CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ESCALA DISPOSIÇÃO À NOSTALGIA	102
4.1 Método	103
4.1.1. <i>Elaboração da Escala Disposição à Nostalgia (EDN).....</i>	103
4.1.2. <i>Evidências de validade da EDN baseadas em conteúdo.....</i>	104
4.2 Evidências de adequação psicométrica baseada na estrutura interna e validade	105
4.2.1. <i>Objetivo e delineamento</i>	105
4.2.2. <i>Participantes.....</i>	106
4.2.3. <i>Instrumentos.....</i>	106
4.2.4. <i>Procedimento.....</i>	108
4.2.5. <i>Análise de dados.....</i>	109
4.3. Resultados	109
4.3.1. <i>Poder discriminativo dos itens.....</i>	109
4.3.2. <i>Evidências de validade fatorial.....</i>	110
4.3.3. <i>Consistência interna e Homogeneidade dos itens.....</i>	112
4.3.4. <i>Validade convergente e de critério.....</i>	113

4.4. Discussão parcial	114
5. ESTUDO 2. CONFIRMANDO A ESTRUTURA FATORIAL DA EDN E SUA RELAÇÃO COM VARIÁVEIS EXTERNAS	118
5.1 Objetivo e Delineamento	119
5.2 Método	119
5.2.1. <i>Participantes</i>	119
5.2.2. <i>Instrumentos</i>	119
5.2.3. <i>Procedimento</i>	120
5.2.4. <i>Análise de dados</i>	120
5.3 Resultados	122
5.3.1. <i>Confirmação da estrutura fatorial da EDN</i>	122
5.3.2. <i>Consistência interna e Estabilidade temporal</i>	123
5.3.3. <i>Validade Convergente e de Critério</i>	124
5.4. Discussão Parcial	125
6. ESTUDO 3. EXPLICANDO A AUTOESTIMA E PRESENÇA DE SENTIDO A PARTIR DA NOSTALGIA: O PAPEL MEDIADOR DOS VALORES INTERATIVOS	129
6.1 Objetivo e Delineamento	130
6.1.1. <i>Hipóteses</i>	130
6.2. Método	132
6.2.1. <i>Participantes</i>	132
6.2.2. <i>Instrumentos</i>	132
6.2.3. <i>Procedimentos</i>	133
6.2.4. <i>Análises dos dados</i>	134
6.3 Resultados	134
6.3.1. <i>Correlatos entre nostalgia, valores humanos e dimensões do bem-estar</i>	135
6.3.2. <i>Criação das Normas da Escala de Disposição à Nostalgia</i>	138
6.3.3. <i>O papel mediador dos valores interativos entre nostalgia, autoestima e presença de sentido</i>	139
6.4. Discussão Parcial	142
7. ESTUDO 4. O ESTADO DE NOSTALGIA, MODERADO PELO TRAÇO DE NOSTALGIA EXPLICA O OTIMISMO VIA VALORES INTERATIVOS E AUTOESTIMA?	148
7.1. Objetivos e delineamento	149
7.1.1. <i>Hipóteses</i>	149
7.2. Método	151
7.2.1. <i>Participantes</i>	151

7.2.2. Instrumentos e Procedimento	151
7.2.3. Análise dos dados	152
7.3. Resultados.....	153
7.3.1. Efeito supressor da subfunção interativa	153
7.3.2. Correlação entre Nostalgia Induzida, Traço Nostalgia e Interação (Nostalgia Induzida x Traço Nostalgia)	154
7.3.3. Nostalgia induzida, traço nostalgia e interação predizendo otimismo via modelo sequencial valores interativos e autoestima	155
7.3.3.1. Manipulation check e Traço Nostalgia	155
7.3.3.2. Análise moderação mediada	155
7.4. Discussão Parcial.....	159
DISCUSSÃO GERAL.....	162
REFERÊNCIAS.....	169

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1.</i> Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos.....	60
<i>Tabela 2.</i> Índices dos Coeficientes de Validade de Conteúdo na análise dos juízes.....	97
<i>Tabela 3.</i> Poder discriminativos dos itens.....	103
<i>Tabela 4.</i> Estrutura fatorial da Escala de Disposição à Nostalgia.....	105
<i>Tabela 5.</i> Validade Convergente e Critério.....	107
<i>Tabela 6.</i> Validade Convergente e Critério.....	118
<i>Tabela 7.</i> Correlação entre nostalgia, subfunções valorativas, autoestima, sentido de vida e afetos.....	131
<i>Tabela 8.</i> Normas da Escala de Disposição à Nostalgia para amostra total.....	133
<i>Tabela 9.</i> Correlação entre NI, EDN e interação (NI X EDN) e variáveis critério.....	148
<i>Tabela 10.</i> Testes dos efeitos diretos e indiretos do modelo de moderação mediada...	152

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Padrão de congruência das subfunções valores básicos.....	64
<i>Figura 2.</i> Gráfico <i>Scree plot</i>	105
<i>Figura 3.</i> Estrutura fatorial da Escala de Disposição à Nostalgia.....	117
<i>Figura 4.</i> Modelo de mediação entre nostalgia, valores interativos e autoestima.....	134
<i>Figura 5.</i> Modelo de mediação entre nostalgia, valores interativos e presença de sentido.....	135
<i>Figura 6.</i> Otimismo como função de nostalgia induzida e traço de nostalgia.....	153
<i>Figura 7.</i> Modelo de moderação mediada de nostalgia e traço de nostalgia na predição do otimismo.....	153

INTRODUÇÃO

Em sua vida atual, qual lembrança do passado você mais recorda? Os almoços de domingo com a família, as viagens com os amigos e/ou as brincadeiras na infância? Esses são alguns dos exemplos de respostas que podem ser citados quando realizamos essa pergunta para uma pessoa. Mas, surge outro questionamento: por que gostamos de relembrar de forma recorrente, no presente, os momentos vivenciados do passado?

Cada vez mais, observam-se elementos de recursos passados no momento presente na publicidade, músicas e redes sociais. Por exemplo, o *Facebook* possui um recurso chamado “*Suas lembranças do facebook*”, o qual todos os dias aparecem o aniversário de postagens antigas feitas pelo o usuário. Outro exemplo que também se popularizou na rede social *Instagram*, foi *Trowback Thursday* (popularmente chamado de *#tbt*), em que um dia da semana (quinta-feira) se direciona para colocar fotos no perfil que relembrem algo do passado que sentem saudade.

Esse fenômeno pode ser denominado como *nostalgia*. Atualmente, ela é entendida como uma característica relativamente estável (Batcho, 1995) e ambivalente, pois há a justaposição de afetos negativos e afetos positivos (Sedikides & Wildschut, 2016). Ademais, é um construto profundamente social, uma vez que os relacionamentos interpessoais são importantes para o seu manejo (Batcho, 2013) e para suas implicações motivacionais (Stephan et al., 2015). Desse modo, observa-se a natureza complexa em torno da nostalgia e assim, compreender a construção e seus benefícios psicológicos se apresenta como um campo interessante na área da psicologia social.

Entretanto, percebe-se que o entendimento do conceito de *nostalgia* passou por uma série de modificações ao longo do tempo. A origem da palavra *nostalgia* vem do grego, a qual significa um forte desejo pelo retorno da sua casa (Sedikides, Wildschut, & Barden, 2004). De acordo com a definição anteriormente apresentada, ela passou a ser entendida como patologia, ao observar sintomas semelhantes em imigrantes que passavam um longo

período distantes de sua terra natal (Wildschut, Sedikides, Ardnt, & Routledge, 2006). Nessa direção, a nostalgia foi classificada como um transtorno psiquiátrico (Hofer, 1934), melancolia (McCann, 1941) e até mesmo, subcomponente da depressão (Kaplan, 1987).

Todavia, outros autores foram desenvolvendo diferentes conceituações acerca do fenômeno da nostalgia. Davis (1979), por exemplo, em contraponto com a definição anterior sugere que este fenômeno abarca mais elementos positivos do que negativos. Este autor, ao buscar diferenciar os construtos de nostalgia e *homesickness* (saudades de casa), encontrou que as palavras *velhos tempos* e *infância*, estavam mais associadas ao construto de nostalgia, quando comparado as palavras de *homesickness*.

Nesta direção, em detrimento a complexidade do construto da nostalgia, ela ganhou outra vertente: a natureza ambivalente. Detalhadamente, Johnson-Laird e Oatley (1989) sugerem a nostalgia como uma emoção mista, isto é, existe a justaposição de afetos negativos e afetos positivos. Em outras palavras, a nostalgia é um sentimento relacionado à felicidade, mas, simultaneamente, invoca à tristeza por perceber que determinados objetos desejados do passado não podem ser vivenciados no presente. Atualmente, os principais estudiosos da área adotam a perspectiva ambivalente da nostalgia (Batcho, 2013; Sedikides & Wildschut, 2016).

Não obstante, um ponto ainda se apresenta divergente entre seus proponentes: identificar se a nostalgia é uma característica intrínseca da pessoa ou uma emoção. Por exemplo, Batcho (1995) entende a nostalgia como traço de personalidade, em que indivíduos que apresentam níveis elevados deste traço, evocam frequentemente as vivências do passado. Além disso, também sugere que a função primordial da nostalgia é o aumento dos relacionamentos interpessoais (e.g., família, amigos), uma vez que os eventos lembrados são significativos, isto é, são importantes na vida do indivíduo (Batcho, 2007).

Por outro lado, a nostalgia também é compreendida como uma emoção, que possui como finalidade, aliviar sentimentos negativos (e.g., solidão) e, conseqüentemente, aumentar a percepção positiva de atributos pessoais, dar significado existencial e estabelecer conexão entre os pares (Wildschut et al., 2006). Em outras palavras, quando sentimentos desadaptativos ou eventos externos (e.g., música, cheiro) são desencadeados, a nostalgia serve como um recurso homeostático, que diminui possíveis danos destes gatilhos e, por sua vez, aumenta a autoestima, sentido de vida e conectividade social (Sedikides et al., 2015).

Nesta linha de pensamento, compreende-se a nostalgia como um recurso psicológico para o aumento do bem-estar (Routledge, Wildschut, Sedikides, & Juhl, 2013). Embora considerem também a presença de afetos negativos (Sedikides & Wildschut, 2016), a nostalgia é considerada uma emoção predominantemente positiva. Ademais, essa perspectiva entende a nostalgia como multifacetada e que abarca uma experiência comum entre as pessoas, não restringindo-se apenas aos elementos do passado, mas voltando-se também as expectativas positivas frente ao futuro, ou seja, o otimismo (Cheung et al., 2013).

Como dito anteriormente, a nostalgia é um construto complexo, dada a dificuldade de definição da sua natureza. Todavia, observa-se que entre seus principais estudiosos (Batcho, 2013; Sedikides et al., 2015), há um consenso que a função principal da nostalgia é o fortalecimento dos relacionamentos interpessoais importantes na vida do indivíduo. Assim, como o elemento social é a base para a compreensão deste construto, a utilização de outras variáveis psicossociais no auxílio de seu entendimento se apresenta fundamental, a exemplo dos valores dos indivíduos.

O entendimento dos valores perpassa por diferentes perspectivas, tanto a nível cultural (Hofstede, 1984; Inglehart, 1989), como a nível individual (Gouveia, 1998;

Schwartz, 1992). Entretanto, nesta oportunidade se considera apenas a perspectiva psicológica, isto é, que considera o indivíduo como unidade básica de análise (Kuklick, 2002); especificamente, tem-se em conta a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* (Gouveia, 1998; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014), por ser considerada mais integradora e parcimoniosa em relação as demais teorias.

A principal proposta em torno desta teoria se direciona para seguinte pergunta: Para que servem os valores humanos? Neste sentido, os valores possuem duas finalidades: guiar o comportamento (*tipo de orientação*) e representar as necessidades (*tipo de motivador*) (Gouveia, 2003). Assim, a partir do cruzamento destas duas funções, surge uma estrutura axiológica (3x2), representada por seis subfunções, a saber: *realização, experimentação, existência, suprapessoal, normativa e interativa* (Gouveia, 2013).

Diferentes estudos buscaram verificar quais variáveis são os antecedentes e consequentes dos valores humanos. Por exemplo, em relação aos traços de personalidade, Oliveira (2017) encontrou que os traços luminosos explicam os valores interativos, pois pessoas que possuem a característica intrínseca de orientação pró-social tendem a priorizar valores de apoio social e convivência. Por outro lado, quanto aos seus consequentes, Chaves (2003) e Nascimento (2016) verificaram que indivíduos com princípios mais sociais, apresentam maiores níveis de satisfação com a vida. Desse modo, observa-se a importância dos valores humanos, sobretudo, os sociais no bem-estar subjetivo.

Pode ser percebido que a nostalgia e os valores humanos, embora sejam dois construtos distintos em suas definições, eles apresentam dois pontos em comum: 1) trabalham a natureza dos construtos como funções, isto é, para que eles servem no âmbito psicológico; e, 2) os relacionamentos sociais como elemento na promoção do bem-estar subjetivo. Dessa forma, a nostalgia e os valores humanos são recursos que podem favorecer o ajustamento psicológico saudável do indivíduo.

Considerando o exposto, na presente dissertação além dos valores humanos, será levado em consideração também o bem-estar subjetivo, sendo este representado pelos construtos *sentido de vida*, *autoestima* e *otimismo*. Embora exista diferentes modelos acerca do bem-estar, tais como o bem-estar subjetivo (Diener, 1984) e o bem-estar psicológico (Ryff, 1989), decidiu-se adotar sentido de vida, autoestima e otimismo como bem-estar subjetivo, uma vez que contribuem para a qualidade de vida das pessoas (Catalano & Ebener, 2010; Hanssen et al., 2015; Kleftaras & Psarra, 2012); assim como, pela relação destes construtos com nostalgia (Sedikides et al., 2015) e valores humanos (Gusmão, Aquino, & Nascimento, 2016).

Portanto, tendo em conta que a nostalgia é um recurso que está relacionado ao aumento do bem-estar subjetivo (Routledge et al., 2013) e os valores humanos também auxiliam no favorecimento deste fenômeno (Gusmão et al., 2016), a presente dissertação buscou responder o seguinte problema de pesquisa: Como a nostalgia e os valores humanos podem explicar o bem-estar subjetivo? Neste sentido, esta pesquisa objetivou investigar como a nostalgia explica o bem-estar subjetivo, mediado pelos valores humanos.

Para atender ao objetivo proposto, esta dissertação está dividida em duas partes: A primeira, consiste na parte *Teórica*, a qual são expostos três capítulos que fundamentam as variáveis da presente pesquisa. O *Capítulo I*, busca apresentar as diferentes definições em torno da nostalgia, suas principais medidas e correlatos com outras variáveis. O *Capítulo II*, trata-se da *teoria funcionalista dos valores humanos*, buscando detalhar os seus pressupostos, funções e correlatos com o bem-estar. Por último, o *Capítulo III*, intitulado de *bem-estar subjetivo*, descreve os principais conceitos, medidas e correlatos de sentido de vida, autoestima e otimismo, evidenciando suas relações com o bem-estar subjetivo e o ponto comum entre elas.

A segunda parte, refere-se a parte *Empírica*, a qual se estrutura por meio de quatro

estudos. O *Estudo 1*, objetivou a elaboração e adequação psicométrica da *Escala de Disposição à Nostalgia*, demonstrando evidências de validade (fatorial e convergente) e consistência interna. O *Estudo 2*, por sua vez, buscou confirmar a estrutura preconizada no estudo anterior, corroborar as validades fatorial e convergente, bem como consistência interna. Em seguida, conhecido os parâmetros psicométricos da medida, o *Estudo 3*, objetivou relacionar a nostalgia, valores humanos e bem-estar subjetivo (sentido de vida, autoestima e otimismo), bem como, verificar o papel mediador dos valores interativos entre nostalgia e sentido de vida e autoestima, respectivamente. Por fim, o *Estudo 4*, buscou verificar se o efeito do estado de nostalgia prediz o otimismo via modelo sequencial subfunção interativa e autoestima e se esses efeitos dependem do traço nostálgico. Na *discussão*, explanou-se os principais achados destes estudos, suas principais limitações, potenciais contribuições e estudos futuros.

PARTE I – MARCO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. NOSTALGIA

“[...] E nesta viagem, beirando os partidos de cana, passando pela porta dos moradores, a minha saudade se demorava por toda parte” (p.81. *Menino de engenho*; Rego, 2000).

O trecho que se inicia este capítulo foi retirado da obra *Menino de engenho* escrito por José Lins do Rego. O livro conta a visão de uma criança, o qual narra os costumes e tradições do engenho que marcaram sua infância. A história é repleta de personagens importantes na vida do menino, bem como objetos, brincadeiras e eventos que são lembrados na sua vida adulta com alegria, mas também com tristeza, dado ao seu saudosismo do tempo que vivenciou no engenho.

Esses aspectos cognitivos-emocionais são representados pela *nostalgia*, compreendida como recurso psicológico motivacional que evoca memórias passadas para aproximar os relacionamentos interpessoais. Neste sentido, este capítulo visa apresentar os elementos históricos do construto, a construção na área da publicidade, no âmbito psicológico e suas implicações para o bem-estar.

1.1 Aspectos históricos da nostalgia

A obra literária o “Menino de engenho” descreve a passagem de um lugar marcado por pessoas e situações importantes do personagem principal, Carlinhos, o qual, ao ter que ir embora do engenho, sente saudades dos momentos que ali vivenciou. Essa obra se assemelha ao conto “A odisseia” escrita por Homero (1921; 2011), que conta a história de um herói aventureiro, Ulisses, que durante vinte anos ficou longe da sua terra natal e família. A mitologia grega conta que o personagem rejeita a possibilidade de se tornar imortal, pelo maior desejo do retorno para sua casa. Esse anseio pelo retorno (em grego, chamada de *nostos*) causava sofrimento insuportável (em grego, denominava de *algos*) em Ulisses. Nesta perspectiva, a nostalgia foi compreendida como um martírio psicológico ocasionado pela vontade infundável de retornar à sua casa (Sedikides, et al., 2004).

O termo “nostalgia” foi utilizado pelo médico suíço Johannes Hofer (1934), ao verificar sintomas comportamentais, como dificuldades para dormir, anorexia e tentativas de suicídios em suíços que percorriam a Europa na busca por dinheiro. Hofer (1934) sugeriu que essas pessoas mercenárias se que passavam bastante tempo longe de casa, sofriam problemas de enfermidades fisiológicas ou explicações neuroanatômicas, classificando como “nostalgia” ou “*homesickness*” (saudade de casa). Assim, esse fenômeno foi interpretado como uma desordem psicológica nos séculos XVIII e XIX, estendendo sua ocorrência para outras populações como soldados franceses e americanos (Rosen,1975).

No início do século XX, a nostalgia foi compreendida como: (1) enfermidade psicossomática ou psiquiátrica do cérebro, que incluía a lista de sintomas como ansiedade, insônia, tristeza, falta de apetite e febre (Batcho, 1998; Havlena&Holak, 1991); (2) forma de melancolia (McCann,1941); (3) associada a concepção psicodinâmica vigente da época como “psicose imigrante” em que o indivíduo deseja inconscientemente retornar ao estado fetal, denominado “transtorno compulsivo mentalmente repressivo” (Fodor, 1950); e, (4) subcomponente da depressão (Kaplan, 1987), igualando ao termo saudade de casa (*homesickness*; Cox, 1988; Sedikides et al., 2004).

Apesar das diferentes definições para a nostalgia, em relação a equivalência do conceito de nostalgia com o termo *saudades de casa*, observa-se que estudos buscaram diferenciar os dois construtos (Werman, 1977). A exemplo disso, destaca-se o estudo com estudantes universitários realizado por Davis (1979), o qual objetivou identificar quais palavras se associariam aos termos, nostalgia e saudade de casa, encontrando que os participantes relacionaram nostalgia a “velhos tempos”, “infância”, “saudades”, mais frequentemente comparado aos participantes na condição saudades de casa (*homesickness*).

Em outras palavras, o termo saudades de casa refere-se a objetos específicos, isto é, uma dificuldade psicológica central na transição de uma mudança de um lugar para outro (e.g., ensino médio para a universidade; Werman, 1977). Enquanto que a nostalgia corresponde a elementos do passado que provocam saudades de forma geral (e.g., eventos, pessoas ou viagens) e não se reduz a saudade de casa ou terra natal, como no caso de *homesickness* (Davis, 1979). Logo, a experiência nostálgica transcende situações e idade, sendo uma vivência universal existente durante do ciclo de vida (Batcho, 1995; Sedikides et al., 2004). Portanto, nostalgia e saudade de casa são construtos distintos.

A partir disso, que a nostalgia começa a ser estudada por diferentes áreas e passa adquirir destaque. Observa-se assim que a publicidade começa a ter interesse no estudo deste fenômeno (Merchant, Latour, Ford, & Latour, 2013; Muehling & Pascal, 2012; Muehling, Sprott & Sprott, 2004), iniciado pelos trabalhos de Holbrook e Schindler (1991) e Havlena e Holak (1991), os quais se destacaram na avaliação da perspectiva positiva da nostalgia, bem como do seu impacto nos marketings e propagandas.

Já no âmbito da Psicologia, as pesquisas sobre nostalgia ocorreram nos anos 90, a partir dos estudos de Batcho (1995), a qual investigou os elementos psicológicos da nostalgia e, a partir disso desenvolveu a primeira medida desse construto. Não obstante, a expansão e um maior destaque nos estudos da nostalgia ocorreram a partir da publicação de Wildschut, Sedikides, Arndt e Routledge (2006), os quais buscaram analisar seus conteúdos, gatilhos e funções. Portanto, antes de detalhar as concepções psicológicas da nostalgia, explanar-se-á sua perspectiva na área da publicidade, dada a sua importância para os estudos da nostalgia.

1.1.1 *Nostalgia na área da Publicidade*

O interesse da nostalgia recebeu atenção ao longo da literatura de diversas áreas, como antropologia (McCracken, 1988), história (Hobsbawm, 1983) e sociologia (Davis, 1979). Atualmente, o impacto da nostalgia na publicidade perpassa as intenções de compra

por produtos associados ao passado individual (Hallegatte & Marticotte, 2014), observando a influência deste fenômeno como uma das variáveis utilizadas nos marketings.

Os estudos sobre a nostalgia na área do marketing são importantes para a predição no consumo de produtos. Os principais achados implicam que a indução da nostalgia minimiza os sentimentos de perdas das situações passadas, ou seja, os produtos nostálgicos podem ser um instrumento ou meio para o consumidor controlar o distanciamento do passado e eliminar emoções negativas (Merchant et al., 2013; Muehling & Pascal, 2012; Muehling et al., 2004).

No contexto brasileiro, observou-se que os estudos acerca da nostalgia na área da publicidade. Plutarco e Botelho (2012) verificaram o impacto da idade e do gênero no consumo por produtos com apelo nostálgico. Prestes e Macedo (2013) avaliaram o maior consumo em produtos *retrô*. Carvalho (2016), por sua vez, observou que os discursos remetidos ao passado possuíam um valor requintado e fino, além de serem persuasivos. Por fim, Toledo, Lopes e Toledo (2016) encontraram que a nostalgia influenciou a fidelização de clientes em uma empresa no setor bancário.

Os primeiros trabalhos na utilização da nostalgia na área do marketing foram realizados por Belk (1990), Havlena e Holak (1991) e Holbrook e Schindler (1991). A ideia proposta da existência de pessoas mais propensas ao sentimento de nostalgia em relação a outras, constituiu a operacionalização da *nostalgia proneness* (propensão à nostalgia) realizado por Holbrook (1993). A nostalgia foi definida como uma preferência (atitudes positivas, afetos favoráveis) para objetos (pessoas, lugares ou pensamentos) que era mais frequente quando as pessoas eram mais jovens (infância, adolescência), de modo que as memórias evocadas são aos objetos preferidos. A ênfase recai no papel das experiências de consumo associadas aos objetos que foram perdidas ao longo do tempo, ou seja, vivências importantes difíceis de serem alcançadas novamente (Holbrook & Schindler, 1991).

Os autores demonstram evidências empíricas do fenômeno, encontrando que a interação entre a história pessoal do consumidor com o produto, associa-se em um período crítico da idade de modo que desenvolvem uma preferência por esse objeto ao longo da vida, denominada de *ligação nostálgica* (Holbrook & Schindler, 2003). Assim, pessoas caracterizadas por uma propensão à nostalgia tendem a experimentar mais ligação nostálgica que outras (Holbrook, 1993).

Os trabalhos realizados por Havlena e Holak (1991) são destaque na área de marketing, e para esses a nostalgia é considerada como uma emoção, sentimento ou humor com valência positivamente complexa, provocada por reflexões ou pensamentos (objetos, pessoas, experiências, ideais) relacionada com o passado. Dessa forma, a nostalgia é uma experiência individual que envolve memórias passadas, porém não são vivências diretas com o objeto.

Para compreender os componentes emocionais da nostalgia, Holak e Havlena (1998) realizaram um estudo com 62 indivíduos que julgaram os termos das emoções experienciadas. Os pesquisadores encontraram que a nostalgia envolve respostas emocionais complexas, sugerindo uma experiência emocional “agridoce”. Isso porque ela se associa com emoções positivas, como entusiasmado, alegria, gratidão, associada a família, amigos, feriados e reuniões, por outro lado, relaciona-se com a tristeza, uma vez que há combinação entre a sensação de perda e o desejo de algo que não pode ser mais recriado. Assim, distinguiram a nostalgia em uma tipologia com as seguintes dimensões: (1) a natureza da nostalgia é pessoal ou coletiva; e (2) as experiências resultam de forma direta ou indireta (Havlena & Holak, 1998).

Pode-se observar uma breve compreensão e sistematização da nostalgia na área da publicidade e do marketing. A principal contribuição desse campo se refere a percepção benéfica e positiva da nostalgia, revelando sua natureza complexa dada a sua composição

emocional “agridoce”. Portanto, faz-se necessário apresentar a nostalgia como fenômeno psicológico individual, inicialmente propostas por Batcho (1995) e Sedikides et al. (2004).

1.2 Nostalgia como traço de personalidade

As proposições acerca da nostalgia proposta por Davis (1979) foram fundamentais para as perspectivas subsequentes, uma vez que o autor concluiu a nostalgia como fenômeno que auxilia o indivíduo na adaptação nos momentos de tristeza ou instáveis, além de ocorrer com maior frequência no desenvolvimento da terceira idade. Essas ideias fundamentaram as suposições realizadas por Batcho (1995) de forma que operacionalizou o construto em termos psicológicos.

Batcho (1995) examinou a nostalgia por meio do dicionário *The American Heritage Dictionary* (1972), o qual trazia como definição “uma saudade pelos pensamentos, pessoas ou situações que não estão presentes”. A autora assume essa conceituação geral, embora não considere a ideia que o sentimento da falta do passado implica na rejeição das vivências do presente, representada por diversas facetas que serão descritas, resumidamente, a seguir.

Resumidamente, as dimensões podem ser elencadas em quatro pontos: 1) criação da medida no âmbito psicológico da nostalgia; 2) a experiência sentimental ocorre em todas as faixas etárias; 3) a nostalgia é uma dimensão estável da personalidade ou o sentimento é mais ou menos intenso em indivíduos com específicos traços de personalidade; e 4) a nostalgia inibe os gatilhos pelo estado de humor negativo. Estas dimensões se relacionam de forma que podem promover a ampliação da nostalgia ser mais intensa ou prevalente em certos períodos de tempo, diferente entre as gerações e potencializar a característica nostálgica do indivíduo (Batcho, 1995).

Batcho (1998) expandiu suas pesquisas com o objetivo de explorar as características das pessoas que expressavam alto escore no *Inventário de Nostalgia*. Nesta direção, encontrou que os indivíduos com alta pontuação em nostalgia, também obtiveram maior

média nas percepções do mundo quanto ao presente, passado e futuro, sendo que a memória pessoal do passado tendia a ser mais forte. A partir disso, concluiu a nostalgia como construto individual, em que os eventos lembrados são significativos e envolve pessoas importantes.

Pesquisas consecutivas evidenciaram os benefícios da nostalgia para o indivíduo. Batcho (2007) ao realizar uma pesquisa experimental com músicas alegres e tristes, verificou que pessoas com alto traço nostálgico apresentaram maior média nas músicas alegres e maior pontuação nas relações interpessoais. Outro estudo demonstrou a relação da nostalgia com as experiências emocionais e comportamentos vivenciados na infância. Os autores concluíram que a definição de uma infância feliz acontece por meio da interação com outros indivíduos, em que amigos e família se associaram mais as lembranças de felicidade em oposição a prazeres mais solitários (e.g., jogos de vídeo game, brincar sozinho; Batcho, Nave, & DaRin, 2011).

Em suma, Batcho (1995; 2013) compreende a nostalgia como um traço de personalidade, em que a experiência nostálgica ocorre frequentemente nos indivíduos que apresentam elevada magnitude desta característica comparado àquelas que expressam nível menor. Ademais, a pesquisadora sugere a ocorrência do sentimento nostálgico mediante a interação entre a interpretação cognitiva da experiência e a emoção do momento lembrado. Neste sentido, a função primordial da nostalgia se refere a estimulação da reflexão cognitiva sobre o passado evocado, com o propósito de encontrar significado no presente e no futuro do indivíduo (Batcho et al., 2011). O próximo tópico, destacam-se as principais contribuições destes pesquisadores na área, como a identificação dos gatilhos e aspectos funcionais na manifestação da nostalgia na vida do indivíduo.

1.3 Para que serve a nostalgia?

Este tópico busca apresentar a definição e os principais estudos de um grupo de pesquisadores formado por diversos países (e.g., Inglaterra, Estados Unidos da América, China), ampliando a relação entre a nostalgia e outros construtos. O primeiro trabalho deste grupo foi publicado em 2004, um capítulo teórico no *Handbook of Experimental Existential Psychology* sobre os problemas na concepção em torno da nostalgia e conjecturaram finalidades existenciais do fenômeno (Sedikides et al., 2004). Os autores apresentam elementos históricos do construto, desde o seu surgimento, como ordem patológica, até as concepções contemporâneas. Neste sentido, eles destacaram a estrutura afetiva do construto como emoção complexa, devido à presença tanto dos afetos negativos quanto dos afetos positivos. Ademais, sugeriram a especificação de três funções existenciais: (1) o aprimoramento do *self*, por meio do aumento e estabelecimento da identidade; (2) o reforço do valor das tradições e rituais da cultura, transformando em contexto significativo; e (3) reforço dos laços sociais.

Para testar essas proposições, Wildschut et al. (2006) realizaram as primeiras evidências empíricas sobre a nostalgia, por meio de sete estudos. Nesta perspectiva, eles desenvolveram três perguntas essenciais para atender aos objetivos principais: 1) Qual o conteúdo da nostalgia? 2) Quais são os seus gatilhos? e 3) Quais são as funções da nostalgia?

No primeiro e o segundo estudo, os autores buscaram compreender a nostalgia por meio dos conteúdos narrados nas experiências individuais. Isto é, no primeiro avaliaram as narrativas autobiográficas publicadas no periódico *Nostalgia*, e no segundo verificaram a ocorrência da nostalgia. Ambos os resultados apontaram que a predominância do conteúdo nostálgico envolve interações interpessoais e/ou momentos importantes para a vida do indivíduo. Além disso, houve uma sobreposição dos sentimentos, pois as histórias

expressaram afetos negativos e afetos positivos, apesar da prevalência deste último (Wildschut et al., 2006).

No terceiro e quarto estudo, examinaram detalhadamente as ocorrências dos afetos negativos nas vivências nostálgicas. Os dois estudos experimentais evidenciaram o efeito dos afetos negativos e solidão na nostalgia. Os autores sugeriram que o humor negativo e solidão são gatilhos para a experiência da nostalgia, e por sua vez é responsável por minimizar o impacto desses sentimentos (Wildschut et al., 2006).

Para entender a incumbência da nostalgia na diminuição desses sentimentos, foram realizados os estudos experimentais cinco, seis e sete. Ao dividirem os participantes em duas condições (grupo nostalgia x grupo controle), os achados evidenciaram que as pessoas do grupo da manipulação da nostalgia demonstraram média superior ($p < 0,05$) nos afetos positivos, autoestima positiva e competência interpessoal. Concluíram que a nostalgia tem como função promover elementos psicológicos fundamentais (afetos positivos, autoestima e reforço nos laços sociais), sendo uma experiência prevalentemente humana e essencial (Wildschut et al., 2006). Portanto, esta pesquisa deu início para estudos subsequentes que buscaram avaliar os componentes da nostalgia, os quais serão descritos a seguir.

1.3.1 Significado das vivências nostálgicas

Devido a discordância que existe sobre a natureza da nostalgia, compreender suas concepções se torna fundamental para sistematizar sua complexidade. Destaca-se, porém, que existe uma concordância no que se refere a nostalgia como recurso psicológico vital que é usado frequentemente pelas pessoas.

Isto posto, Wildschut et al. (2006) demonstrou que os significados da nostalgia giram em torno das interações com os outros e eventos importantes na vida. Já Hepper, Ritchie, Sedikides e Wildschut (2012), ao buscarem compreender quais são as concepções atribuídas a nostalgia, observaram que as características centrais são referentes as

lembranças agradáveis, sobretudo, relacionamento com os outros e o período da infância. Ademais, encontraram que as experiências autobiográficas variam em um *continuum* de lembranças positivas e negativas, e assim, concluíram que a complexidade do construto se deve aos recursos que se relacionam com ele (e.g., estado, gatilhos, contexto).

Hepper et al. (2014), por sua vez, em um estudo transcultural, também investigaram quais são as concepções atribuídas a nostalgia. Assim, mediram a equivalência das concepções prototípicas da nostalgia em 18 culturas ($N= 1,704$) nos cinco continentes (e.g., Alemanha, Índia, Japão, Chile, Romênia, Austrália, Uganda). Os participantes foram instruídos a avaliar a sua visão sobre a nostalgia a partir de uma lista com 35 características (prototípicas), acompanhado dos seus descritores. Os resultados indicaram um consenso entre as culturas das características centrais da nostalgia, em que as concepções da nostalgia são panculturais que envolve principalmente o relacionamento entre os pares. Tal estudo corrobora com o realizado por Hepper et al. (2012).

Portanto, estes estudos identificaram os principais significados em torno da nostalgia, uma vez que as pessoas a descrevem como uma memória sobre a infância, eventos importantes e especialmente momentos associados com outras pessoas. Assim, conhecido os significados da nostalgia, faz-se necessário detalhar os gatilhos da nostalgia, isto é, quais são as situações que disparam este recurso psicológico.

1.3.2 Gatilhos da nostalgia

As situações que provocam a nostalgia podem ser originadas por diversas situações, a exemplo de conversas com os pares ou encontros sociais, nas quais são desencadeados gatilhos internos (e.g., solidão e mau-humor) e/ou externos (e.g., músicas e cheiros). Nesse sentido, esses pesquisadores entendem os gatilhos como estados desencadeadores no fornecimento da nostalgia. Esta, por sua vez, tem como principal característica a capacidade da neutralização

Em referência aos gatilhos internos, destaca-se os estudos de Wildschut et al. (2006) que evidenciaram níveis mais altos de solidão promovem um aumento da nostalgia. Zhou, Sedikides, Wildschut e Gao (2008) investigaram se a nostalgia eleva a percepção de suporte social, uma vez que a visão de apoio social é reduzida pela solidão. Os resultados indicaram o caminho sequencial: a solidão possui efeito direto na diminuição de percepção de suporte social → solidão eleva níveis de nostalgia → a nostalgia aumenta a percepção de apoio social. Os autores constataram o efeito indireto da nostalgia na percepção de apoio social, pois diminui os prejuízos decorrentes pela solidão.

Por sua vez, Wildschut, Sedikides, Routledge, Arndt e Cordaro (2010) observaram os indivíduos que possuem características como, desconforto com a proximidade social e preferência por distanciamento emocional (evitação relacionada ao apego) apresentaram maior média em nostalgia. Seehusen et al., (2013), acrescentam ainda que a falta da necessidade de pertencimento aumenta níveis do estado de nostalgia.

Em relação aos gatilhos externos, estudos evidenciam que a música desencadeia vivências nostálgicas, uma vez que essa se apresenta como um componente emocional durante as memórias autobiográficas evocadas pela música (Ellickson, 2013; Janata, Tomic, & Rakowski, 2007; Zentner, Grandjean, & Scherer, 2008). Nessa perspectiva, Zhou, Wildschut, Sedikides, Chen e Vingerhoets (2012) verificaram que as músicas evocam níveis elevados de nostalgia, conduzindo as pessoas a expressarem sensações físicas de calor. Por fim, Cheung et al. (2013) demonstraram também que a música aumenta níveis de nostalgia e, por sua vez, prediz o otimismo mediado pela conexão social e autoestima.

A partir dos estudos supracitados, nota-se então que a nostalgia é desencadeada mediante gatilhos internos ou externos, que estão diretamente relacionados com os indivíduos. Com base nisso, para que se possa entender os desencadeadores da nostalgia se

torna essencial verificar suas funções, assim o próximo ponto diz respeito à descrição detalhada delas.

1.3.3 Funções da nostalgia

Os autores que consideram a nostalgia como função (Sedikides et al., 2015; Wildschut et al., 2006), argumentam que ela representa um modelo regulatório para o equilíbrio psicológico, ou seja, como um recurso ativo e estratégia de enfrentamento, sobretudo, para lidar com eventos difíceis. Especificamente, a nostalgia funciona para aumentar (a) positividade em torno do autoconceito, (b) significado existencial na vida e (c) relacionamento social (Sedikides et al., 2015).

Anteriormente, os pesquisadores consideravam uma quarta função, em que a nostalgia serve para aumentar os afetos positivos. O estudo por Wildschut et al. (2006), verificaram que as narrações nostálgicas, aromas, canções provocaram maior média nos afetos positivos do que os afetos negativos, corroborada em pesquisas consecutivas (Barret et al., 2010; Batcho, 2013; Hepper et al., 2012; Reid, Green, Wildschut, & Sedikides, 2015). Contudo, outros estudos indicaram que embora a nostalgia aumente os afetos positivos, não diminui os afetos negativos (Cheung et al., 2013; Wildschut et al., 2010). Desse modo, os autores sugerem que a funcionalidade da nostalgia se sobrepõe aos afetos e centraram nas funções da autoestima, existencial e a socialidade.

A primeira função da nostalgia se direciona em termos da sua capacidade de fortalecer a autopositividade, ou seja, ativação de autoatributo e autoestima. Wildschut et al. (2006) observaram que os participantes durante um momento nostálgico, expressaram maiores níveis de autoestima Hepper et al. (2012) corroborou esse pressuposto mediante a abordagem do protótipo central, em que os participantes que estavam no grupo das palavras centrais da nostalgia também apresentaram nível elevado de autoestima.

Em um estudo experimental, Cheung et al. (2013) identificaram que os indivíduos que se submeteram a uma condição da evocação da nostalgia por meio da música apresentaram maior autoestima, quando comparados aqueles que estavam na condição controle. Também por meio do método experimental, Reid et al. (2015) manipularam a nostalgia por meio de perfumes, encontrando que os indivíduos nesta condição demonstraram maiores níveis de autoestima. Os estudos citados anteriormente enfatizam a influência da nostalgia na autoestima.

A segunda função da nostalgia é o aumento da percepção de sentido de vida, a qual se refere a construção do significado a nível pessoal que pode ser a presença de sentido (a percepção, a existência de alguém é proposital e significativa) ou a busca de sentido (a percepção de busca de significado, pois falta algo em sua vida). Como as lembranças nostálgicas dizem respeito a momentos importantes para a vida do indivíduo, trazer a mente essas experiências podem servir de ligação para visualizar a presença de sentido em sua vida (Sedikides et al., 2015; Wildschut et al., 2006).

Routledge et al. (2011) verificaram a hipótese da função existencial da nostalgia como reforço no sentido na vida e evidenciaram que a evocação da nostalgia pela música, aumentou a percepção de significado na vida. Routledge, Wildschut, Sedikides, Juhl, e Arnd (2012), buscaram comparar a presença de sentido na vida na condição de evento nostálgico e na condição de evento futuro desejado, uma vez que este promove percepções significativas de vida e os resultados expressaram que os participantes na condição nostálgica manifestaram presença de sentido maior do que desejaram as pessoas na condição eventos futuros. Outras pesquisas corroboraram esses achados em que a nostalgia ajuda o ser humano encontrar a presença de sentido, devido a sua natureza por procurar significado quando lhe faltam (Juhl & Routledge, 2014; Sedikides, Cheung, Wildschut, & Hepper, 2018; Van Tilburg, Igou & Sedikides, 2013).

A função social é caracterizada como a mais importante da nostalgia, dado que os significados narrativos e as vivências nostálgicas são ricos em temas sociais (Abeyta, Routledge, Roylance, Wildschut, & Sedikides, 2015; Batcho et al., 2008; Hepper et al., 2012; Wildschut et al., 2006). Os teóricos constroem esse argumento da necessidade humana de pertencer, ou seja, uma necessidade de interações frequentes (Baumeister & Laery, 1995). Todavia, as pessoas lidam com o rompimento de relacionamentos e sentem solitários na sua ausência (Cacioppo & Cacioppo, 2014). Assim, adotam que a nostalgia é uma estratégia compensatória indireta (Gardner, Pickett, & Knowles, 2005) para sustentar o meio social, isto é, utilizam essa estratégia quando os pares de interação não estão disponíveis de modo a confiarem nas suas representações mentais.

Uma das preposições em torno desta função se refere ao favorecimento da ligação social por meio da nostalgia. Os pesquisadores operacionalizaram conexão social como: sentir-se amado, protegido, conectado aos outros e confiança nos outros. Wildschut et al. (2006) demonstraram a causalidade da nostalgia na conectividade social. O estudo de Hepper et al., (2012) também evidenciou que os participantes que refletiram sobre o núcleo central da caracterização da nostalgia se sentiram mais ligados e confiantes a parentes próximos. A evocação da nostalgia pelo aroma também aumentou a conexão social (Reid et al., 2015).

A nostalgia também promove tendências de ação orientadas socialmente e comportamento pró-social. Por exemplo, em relação a tendências de ação, a nostalgia reforça intenções de caridade (Zhou, Wildschut, Sedikides, Shi, & Feng, 2012), diminui o desejo pelo dinheiro (Lasaleta, Sedikides, & Vohs, 2014) e intenções de contato intergrupais (Turner, Wildschut, & Sedikides, 2012). Por sua vez, Stephan et al. (2015) corroboraram que a nostalgia possibilita comportamento pró-social, verificando que as pessoas na condição nostálgica obtiveram maior aproximação física e disponibilidade de ajuda

A revisão realizada por Sedikides et al. (2015) apresentou um ponto importante ao considerarem que a função social da nostalgia medeia as outras duas funções, ou seja, sustenta a autoestima e existencial. Por exemplo, Cheung et al., (2013) observaram a relação causal que a nostalgia elevou a conexão social e por sua vez, aumentou a autoestima e teve efeito positivo no otimismo. Quanto à função existencial, verificou-se que a nostalgia foi maior quando foi mediada pela conexão social (Routledge et al., 2011).

Diante dos estudos descritos acima, este tópico buscou apresentar a compreensão da nostalgia como função psicológica. Como se observa, o entendimento da nostalgia recai como uma emoção “agridoce”, isto é, ambivalente, pois há a justaposição de afetos negativos e afetos positivos, embora este último seja mais predominante. Além disso, caracteriza-se como uma emoção profundamente social e que fortalece as percepções positivas de si e significado na vida.

Contudo, os pesquisadores reconhecem a dificuldade quanto à definição da nostalgia devido a sua natureza complexa, dado que este fenômeno envolve diversos recursos simultâneos (significados, estados, gatilhos, contextos), além da falta de conhecimento sobre a capacidade duradoura da nostalgia, como na solução de falta de significado e solidão (Sedikides et al., 2015). Isto posto, a seguir será apresentado acerca da natureza da nostalgia.

1.4 Afinal, qual é a natureza da nostalgia?

As pesquisas demonstram, desde a origem da sua palavra, que compreender a nostalgia não é uma tarefa fácil, sobretudo no âmbito psicológico. Apesar das evidências, há a discordância entre os estudiosos sobre a composição afetiva da nostalgia, se é negativa ou positiva, emoção ou traço (Barret et al., 2010; Batcho, 1998; Wildschut et al., 2006).

O principal ponto para os teóricos que fundamentam a nostalgia como inteiramente uma emoção negativa se direciona para o destaque de eventos negativos passados ou

negação dos momentos do presente (pensamentos como “olha onde eu estava e onde estou agora, nunca mais poderei voltar”; Osborn, 2016). Neste sentido, argumentam que as pessoas caracterizadas como “nostálgicas” idealizam o passado, não gostam do presente e têm medo do futuro (Castelnuovo-Tedesco, 1980; Peter, 1985). Além disso, Hertz (1990) verificou que os objetos de nostalgia não precisam ser positivos, pois encontrou que os sobreviventes do Holocausto foram capazes de se envolverem em devaneios nostálgicos na época dessa situação negativa extrema. Dessa forma, estes estudos manifestam que a nostalgia foca no irremediável passado e percepções de perda.

Acerca da nostalgia como uma emoção positiva, ressalta-se o trabalho de Davis (1979) ao definir o termo nostalgia como uma evocação positiva do passado e os sentimentos em torno deste construto não são inteiramente negativos. Batcho (1998; 2007) argumenta que a nostalgia é uma viagem para as experiências passadas e promove o bem-estar psicológico. Wildschut et al., (2006) consideram uma emoção predominantemente positiva dado a sua natureza funcional no aumento da percepção de sentido de vida, a autoestima e conectividade social.

Combinado as evidências da nostalgia como negativa ou positiva, alguns autores definem a nostalgia em termos de emoções mistas ou ambivalentes. Johnson-Laird e Oatley (1989) definiram a nostalgia como emoção positiva incluindo elementos de tristeza e perda. Em outras palavras, eles sugerem que a nostalgia é uma emoção relacionada à felicidade, porém, ao mesmo tempo, recorre à tristeza por perceber que alguns aspectos desejáveis do passado estão fora de alcance. Desse modo, compreendem a nostalgia como emoção complexa, caracterizada pela avaliação cognitiva entre o passado extremamente positivo que desvanece em comparação com o momento presente (Osborn, 2016; Wildschut et al., 2006).

Diante disso, observa-se a mudança de perspectiva para o entendimento da nostalgia como emoção ambivalente em publicações recentes dos principais teóricos atuais da nostalgia. Batcho (2013) ao fazer uma revisão do componente “agridoce” da nostalgia, concluiu que a percepção deste sentimento amargo ou doce depende do viés contextual e disciplinar. Por sua vez, Sedikides e Wildschut (2016) concluem a nostalgia uma emoção ambivalente e que pode se relacionar a melhor adaptação e bem-estar a longo prazo, ou seja, pode ser parcialmente responsável pelos benefícios para a saúde.

A maioria dos teóricos considera a nostalgia como uma emoção, inteiramente pessoal. Entretanto, há confusão em torno da sua natureza psicológica. Por exemplo, Batcho (2007) apresenta a nostalgia como emoção positiva, embora anteriormente tenha apresentado como traço de personalidade (1995; 1998). Por sua vez, Sedikides et al., (2015) compreendem como emoção profundamente social, porém, estudos realizados supõem a propensão e frequência da nostalgia como traço de personalidade (ver Barret et al., 2010; Cheung, Sedikides, & Wildschut, 2016). De fato, como se observa, a natureza da nostalgia é complexa. Todavia, a concepção assumida neste trabalho corresponde a sua natureza ambivalente e característica individual, visto que existe indivíduos mais propensos a terem lembranças do passado comparado a outros.

1.5 Diferenciando a nostalgia de outros construtos

O principal elemento da nostalgia se refere ao passado. No entanto, ela não é o único construto remetido as lembranças que as pessoas vivenciaram, de tal modo a complexidade da sua natureza pode confundir com outros fenômenos. Assim, este ponto pretende diferenciar de forma breve a nostalgia dos construtos: melancolia, ruminação, pensamento contrafactual e a perspectiva temporal, esta última especificamente passado-negativo e passado-positivo.

Inicialmente, a escolha por distinguir a nostalgia da melancolia decorre da definição na palavra *nostalgia*. De acordo com o dicionário Aurélio (2014) nostalgia e melancolia

são considerados sinônimos. Neste sentido, Werman (1977) descreveu a nostalgia como um prazer “melancólico”, por ser uma emoção profundamente alegre, mas que abarca elementos de tristeza e perda. Todavia, no âmbito psíquico compreende-se a melancolia como um transtorno psicológico, em que sua etologia se volta para uma experiência estressora na vida, apresentando ênfase nas sintomatologias da perda de interesse ou falta de reatividade (Leventhal & Rehm, 2005).

No que se refere a ruminação, estudos têm evidenciado sua relação positiva com a nostalgia (Cheung, Wildschut, & Sedikides, 2018; Garrido, 2018). Não obstante, a ruminação corresponde a estratégia de enfrentamento para lidar com as emoções negativas (e.g., mau humor, tristeza) que foram desencadeadas por pensamentos repetitivos vivenciados em situações desagradáveis (Treyner, Gonzalez, & Nolen-Hoeksema, 2003). Em relação ao pensamento contrafactual, o qual diz respeito a representação mental de elementos que poderiam ter sido diferentes no passado. Cheung et al. (2018) também encontraram relações positivas com a nostalgia, entretanto, os autores concluem que o compartilhamento entre as variáveis ocorre dada a semelhança que eles possuem com as funções da memória.

Quanto a perspectiva temporal, compreende a um processo de experiências pessoais codificadas em quadros temporais (passado, presente e futuro) que auxiliam na organização dos eventos (Zimbardo & Boyd, 1999). Esta temporalidade se divide em futuro, presente-hedonista, presente-fatalista, passado-negativo e passado-positivo. Especificamente, os indivíduos com a influência do passado podem contagiar as decisões do presente, dependendo se adotam uma atitude passado-positiva (sentimento caloroso e entusiasmo) ou passado-negativa (visão pessimista e aversiva; Leite & Pasquali, 2008). Routledge, Arndt, Sedikides e Wildschut (2008) verificam a relação positiva entre nostalgia e atitude passado-positiva.

Portanto, como foi apresentado anteriormente, o estudo da nostalgia possui uma trajetória extensa acerca das definições históricas e atuais, bem como os desencadeadores e funções abarcado por este construto. Não obstante, torna-se importante demonstrar as formas de mensuração da nostalgia.

1.6 Mensurações da Nostalgia

Os estudos sobre nostalgia, apesar de uma história recente, têm um longo passado. Apesar de algum consenso sobre sua definição, existem diversas concepções sobre sua natureza, função e desencadeadores (Sedikides et al., 2015). Este cenário pode impactar, por exemplo, nas decisões quanto à sua operacionalização. Por exemplo, na área de marketing foram desenvolvidas as medidas *Holbrook's Nostalgia Index* (Holbrook & Schindler, 1991) e *Index of Nostalgia Proneness* (Holak & Havlena, 1998), ambas voltadas na mensuração das lembranças do passado de determinados produtos. Todavia, no campo da psicologia, identificam-se na literatura duas medidas: o *Nostalgia Inventory* (Batcho, 1995; 2007), que examina a nostalgia como um traço de personalidade, e a *Southampton Nostalgia Scale* (Barrett et al., 2010; Routledge et al., 2008), que avalia a nostalgia como uma emoção. Diante disso, a seguir serão detalhados os principais resultados e limitações apenas das medidas de aspecto psicológico, uma vez que são as de interesse para o presente estudo.

1.6.1 Inventário de Nostalgia

O *Inventário de Nostalgia* foi desenvolvido por Batcho (1995) com o fim de avaliar este construto como um traço de personalidade, procurando identificar elementos relacionados ao passado que os indivíduos sentem falta (e.g., brinquedos, filmes, família e amigos). Esta autora realizou um estudo com 648 indivíduos (58,6% do sexo feminino; $M_{idade} = 20$ anos, variando de 4 a 80 anos), os quais responderam a este inventário com 20 itens divididos em categorias concretas (e.g., filmes, animais de estimação, família) e

categorias abstratas (e.g., ser dependente de alguém, sentimentos do passado) em que os indivíduos são instruídos a responder o quanto sentem falta desses elementos, utilizando escala de resposta de cinco pontos, variando de 1 (*Nada*) a 5 (*Muito*); posteriormente, esta escala de resposta passou a ter nove pontos, indo de 1 (*Nada*) a 9 (*Muito*) (Batcho, 2007).

Batcho (1995) verificou a estrutura fatorial desta medida, realizando uma análise fatorial exploratória (rotação *varimax*), identificando cinco fatores: I) *aspectos cognitivos-emocionais* (e.g., coisas que você fez, não ter com o que se preocupar), II) *contexto social-cultural* (e.g., programas de TV/filmes, lugares), III) *experiências individuais concretas* (e.g., animais de estimação, brinquedos), IV) *círculo social mais próximo da pessoa* (e.g., família, sua casa), e, por fim, V) *elementos macrossociais* (e.g., amigos, escola e igreja). Desse modo, concluiu que sua medida multifatorial, podendo ser utilizada em todas as idades, embora varie de acordo com as experiências individuais. Entretanto, quando procurou demonstrar sua precisão / confiabilidade, o fez considerando o conjunto total de itens, como se fosse uma medida unifatorial, identificando estabilidade temporal adequada no intervalo de sete dias ($n = 50$; $r = 0,84$, $p < 0,001$).

O *Inventário de Nostalgia* foi importante na operacionalização da nostalgia em Psicologia. Porém, esta medida apresenta limitações que restringem sua utilização. Por exemplo, quanto ao conceito, considerou apenas uma dimensão, isto é, os aspectos do passado que as pessoas sentem falta do passado (Batcho, 1995), desconsiderando como uma emoção complexa (Wildschut et al., 2006). Além disso, embora tenha se proposto a avaliar a nostalgia como um traço de personalidade, por vezes a trata como uma emoção (Batcho, 2007). No que diz respeito aos estudos empíricos, o único realizado com o fim de conhecer sua estrutura fatorial foi aquele de 1995, quando de sua proposição; não se conhece de outros estudos que tenham comprovado suas propriedades psicométricas. Por

fim, talvez não seja esta uma medida multifatorial, como sugere sua autora, embora logo demonstre a confiabilidade como se tratasse de uma medida unidimensional.

1.6.2 Escala de Nostalgia Southampton

Routledge et al. (2008) exploraram a função existencial da nostalgia, tendo criado a *Southampton Nostalgia Scale (SNS)*. Esta escala avalia a frequência no sentimento da nostalgia, bem como a maior propensão de certos indivíduos a vivenciá-la quando comparados com outros. Composta inicialmente por cinco itens (e.g., *Quão valiosa é a nostalgia pra você? Com que frequência você sente nostalgia?*), esta escala é considerada como unifatorial, tendo alfa de Cronbach de 0,92. Seus autores checaram sua relação com o *Inventário de Nostalgia* (Batcho, 1995) e oito itens da subescala *Atitudes em relação ao Passado*, do *Inventário de Perspectiva Temporal* (Zimbardo & Boyd, 1999), encontrando resultados que sugerem evidências de validade convergente ($r = 0,40$ e $0,36$), respectivamente.

Posteriormente, Barrett et al. (2010) acrescentaram dois itens a *SNS*, compondo sua versão atual com sete itens, que se mostrou igualmente consistente ($\alpha = 0,93$). Destaca-se que para examinar a frequência e a propensão simultaneamente, o último item desta medida (*Especificamente, com que frequência você traz à mente experiências nostálgicas?*), apresenta escala de resposta diferente da dos demais itens; enquanto os seis primeiros itens variam de 1 (*Nada*) a 7 (*Muito*), a resposta a esse último item foi apresentada como frequência em termos de tempos delimitados (e.g., *pelo menos uma vez ao dia, uma ou duas vezes por ano*).

Em síntese, os estudos recentes sobre nostalgia como emoção têm recorrido *SNS* para avaliar a propensão à nostalgia. Todavia, destacam-se duas limitações potenciais desta medida. Como ocorre com o *Inventário de Nostalgia* (Batcho, 1995, 2007), no âmbito conceitual a nostalgia acaba sendo tratada como uma emoção ligada ao passado, embora a

definem como traço de personalidade ao descreverem os indivíduos como mais predispostos a vivenciarem (Cheung, et al., 2016). No aspecto mais operacional, não parece adequado contar com duas escalas de resposta no mesmo instrumento (Pasquali, 2003).

Portanto, este tópico buscou tratar as duas principais medidas da nostalgia na área da Psicologia. Diversos estudos recorrem a essas escalas na compreensão da nostalgia e seu impacto com outras variáveis (Sedikides et al., 2015), evidenciando resultados substanciais, a exemplo da importância das relações interpessoais. Além disso, como foi explanado, estas medidas apresentam limitações, tanto na clareza da definição operacional adotado pelos seus proponentes, como no nível analítico. Desse modo, justifica-se a construção e desenvolvimento de uma nova escala, operacionalizando de forma clara a natureza da nostalgia, bem como reunindo evidências psicométricas.

1.7 Nostalgia e bem-estar

A mudança na perspectiva de nostalgia explorada na maioria dos estudos atuais centra na funcionalidade para a promoção da saúde e bem-estar. Contrapondo a visão histórica do seu entendimento como patologia, a nostalgia é uma experiência comum, predominantemente positiva (Routledge, Wildschut, Sedikides, & Juhl, 2013). A solidão e a tristeza, por exemplo, são sentimentos negativos e para minimizá-los os indivíduos recorrem a lembranças do passado e evocam, sobretudo, as experiências sociais. Este último ponto se torna essencial, dado a qualidade das relações sociais das pessoas exercerem impacto na saúde psíquica (Baumeister & Laery, 1995; Routledge et al., 2013).

Um fator contribuinte para o ajustamento psicológico se refere a percepção da conexão entre passado e o presente. Sedikides et al. (2016) verificaram que a nostalgia promove *self-continuity* (continuidade do eu) mediado pela conectividade social. Posteriormente, encontraram que a nostalgia aumenta o bem-estar eudemônico por duas mediações, a conectividade social e *sefl-continuity*. Os autores sugerem que os indivíduos

se sentem mais vivos e vigorosos quando percebem a congruência entre o passado e o presente, sendo a nostalgia um recurso que promove esse efeito. Em outro estudo, Baldwin e Landau (2015) encontraram que as pessoas relacionam a sua noção de autenticidade com suas lembranças nostálgicas.

Além das implicações no presente, a nostalgia também apresenta uma visão positiva do futuro, demonstrado nos estudos com o otimismo. Acerca disso, Cheung et al. (2013) observaram que nostalgia eleva diretamente o otimismo e também indiretamente, mediado pela a conectividade social e autoestima. Outro estudo verificou o efeito da nostalgia induzida e traço de nostalgia nas mesmas variáveis da pesquisa anterior, e encontraram que pessoas com alto traço em nostalgia (mas não baixo traço) aumentaram o otimismo mediado pela conectividade social e autoestima. Ademais, indivíduos que capturam e armazenam conscientemente uma vivência contínua, apresentam mais memórias nostálgicas e aumenta a percepção de futuro, isto é, otimismo (Biskas et al., 2018).

Pode-se concluir que estas descobertas expandem o entendimento dos benefícios do bem-estar, a qual agrega o construto da nostalgia. Apesar de a nostalgia ser complexa e ambivalente, ela representa os elementos cognitivos-emocionais que se evocam memórias do passado sobre pessoas, objetos e eventos importantes durante a vida. Na ocasião, a recordação das lembranças envolve a alusão aos objetos (e.g., brincadeiras, comidas) e relacionamentos com pares importantes, a exemplo da figura materna. Neste sentido, indivíduos apresentam maior predominância para lembrar das vivências do passado comparado a outras.

Portanto, o ponto comum em todas as perspectivas e estudos em torno da nostalgia se refere também ao envolvimento com aspectos sociais, ou seja, quando a nostalgia é desencadeada por seus gatilhos, ela possui a estratégia indireta de dar sentido as relações sociais, dado que proporciona o sentimento de pertencimento a determinado(s) grupo(s)

sociais e sua importância para esses. Nesta linha de pensamento, pode-se pensar que indivíduos com disposição à nostalgia guiam seus comportamentos por princípios que respondem às necessidades de pertencer, como os valores humanos (e.g., afetividade e apoio social). Considerando isso, faz-se importante conhecer como ocorre a relação entre nostalgia e valores humanos.

CAPÍTULO 2. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS

Este capítulo visa apresentar a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* (Gouveia, 1998; 2003; 2013), enquadrada na literatura como uma perspectiva contemporânea, e que durante as duas últimas décadas tem reunido uma quantidade expressiva de pesquisas em diversos países. Desse modo, este capítulo objetiva apresentar as principais hipóteses e discussões da *teoria funcionalista dos valores humanos* e contrapor com outros modelos teóricos dos valores humanos na psicologia social. Inicialmente, detalham-se sua definição, os pressupostos teóricos, as funções e, por fim o desenvolvimento das relações com variáveis externas.

2.1 Definição

Os valores humanos são concebidos como princípios-guia gerais que transcendem situações específicas e desempenham ações que foram construídas socialmente, para oferecer sentido ao mundo em volta. O foco desta teoria são as funções dos valores, isto é, as prioridades axiológicas individuais que servem para guiar o comportamento (tipo de orientação) e expressar cognitivamente as necessidades (tipo de motivador). Eles compõem um sistema ajustado de modo que todos os valores são positivos; portanto, não existe conflito valorativo, mas uma priorização de alguns valores em detrimento de outros (Gouveia, 2013).

Como os pressupostos são o núcleo rígido de uma teoria e mediante a eles são formadas suas hipóteses, buscou-se apresentar de maneira mais detalhada a base teórica que fundamentou a teoria funcionalista dos valores humanos (Gouveia, 1998; 2003; 2013). Cinco pressupostos representam o núcleo rígido da teoria e seus fundamentos. Ademais, com base nos pressupostos foram formuladas e testadas quatro hipóteses a saber, *estrutura*, *conteúdo*, *congruência* e *compatibilidade*. Dessa forma, a seguir será apresentado detalhadamente cada pressuposto elencado por Gouveia (1998; 2003; 2013) no desenvolvimento deste modelo teórico.

2.2 Pressupostos teóricos

2.2.1 *Natureza Humana*

Segundo Gouveia (2013), um dos elementos fundamentais presentes em uma teoria é a concepção em torno da natureza humana, na pertinência de compreender as ações dos indivíduos e suas relações interpessoais. Neste sentido, o autor considera a natureza benevolente do ser humano de modo que a essência dos valores é positiva, integrados no mesmo sistema.

Este pressuposto formulado por Gouveia (1998; 2013) tem como base a obra *Motivation and Personality* (1954) de Abraham Maslow. O autor apresenta no livro a elaboração da teoria positiva da motivação, postulando quatro metaproposições, a saber: (a) *humanista*, distingue as relações dos seres humanos em relação aos outros animais de forma que busca distanciar a visão estritamente biológica concebida pelo darwinismo; (b) *eupsychian*, visa a atenção para organizar aptidões das defesas do homem mais fraco com as de um mais forte e saudável; (c) *classificação*, motivação pela criação de metas ou necessidades; e, (d) *importância da motivação inconsciente*, necessidade presente em todas culturas que são básicas para os seres humanos (Cavalcanti, 2016; Maslow, 1954).

Diante das metaproposições, Maslow (1954) discutiu a concepção benevolente da natureza humana. No capítulo “*Is destructiveness instinctoid?*” (O instintivo é destrutivo?) se apresenta pertinente para a compreensão acerca do pensamento adotado pelo teórico. O principal ponto rebatido pelo autor é a ideia da natureza agressiva do homem, influência da obra de Freud (1909/1996b; 1920/1996a), dominante na época. Dessa forma, manifestou argumentos que questionaram essa visão.

O fundamento percorreu nas evidências dos estudos sobre a agressão, raiva e hostilidade nos animais e a partir disso o autor concluiu elementos principais que os diferenciam dos seres humanos. Por exemplo, reduzir o ser humano apenas a natureza

animalesca se torna uma tarefa difícil em razão da sua complexidade ou comparar meramente os comportamentos agressivos dos seres humanos com os animais, os quais ocorrem frequentemente em consequência a uma reação da exposição da situação do que apenas as expressões de um instinto de agressividade (Maslow, 1954). Desse modo, ao ressaltar a escala filogenética dos animais, ele sugere que quanto mais próximo do homem, a exemplo dos macacos, observa-se pouca evidência de instintividade agressiva, por outro lado, há a predominância nas relações de cooperação e alimento grupal, ponto sustentado nas pesquisas contemporâneas (Buss, 2015; Jaeggi, De Groot, Stevens, & Van Schaik, 2013).

Em suma, as ideias de Maslow (1954) pretenderam demonstrar a presença prevalente dos determinantes biológicos e hereditários nos indivíduos, entretanto, estes não são reducionistas de modo que devem ser considerados os agentes culturais aprendidos. Neste sentido, os instintos dos seres humanos se remetem as necessidades, capacidades intrínsecas e potencialidades, presumidas como positivas. Portanto, é nesta perspectiva que Gouveia (1998; 2013) assume a concepção benevolente dos indivíduos.

2.2.2 Princípios-guia individuais

O segundo pressuposto elaborado por Gouveia (1998; 2003; 2013) se remete a constituição dos valores no nível individual. Em outras palavras, o autor entende que não existe valores culturais, mas sim, os valores são individuais e desse modo não carecem de uma estrutura teórica a nível cultural. Não obstante, na psicologia social há abordagens teóricas sobre os valores culturais que enfatizam seu papel e a influência nas mudanças na sociedade (Hofstede, 1984; Inglehart, 1991; Pereira, Camino, & Da Costa, 2005; Schwartz, 1994). Nesta direção, a seguir será realizada uma breve apresentação das abordagens culturais, uma vez que essas não são o foco da nossa pesquisa.

A começar por Geert Hofstede (1980;1984), que realizou uma pesquisa para compreender os fatores que facilitavam ou dificultavam a adaptação dos trabalhadores em novas situações culturais. A partir destes dados elaborou sua teoria sobre os valores culturais, a qual postulou quatro dimensões na diferenciação das culturas, a saber: *distância do poder* (as relações hierárquicas são consideradas normais); *individualismo/coletivismo* (culturas mais coletivistas estimam grupos sociais, enquanto culturais mais individualistas prezam por interesses próprios e relações interpessoais); *evitação da incerteza* (grau de preocupação com eventos inesperados, refletindo a busca por regras rígidas); *masculinidade/feminilidade* (baseado pela ênfase em regras sociais ou culturas flexíveis e que evitam à competência).

Ronald Inglehart (1977; 1991), também adotou a perspectiva cultural, a qual fundamentou os valores e sua relação com as necessidades hierárquicas, proposta por Maslow (1954). Sendo assim, os valores são organizados hierarquicamente, variando em *continuum* da dimensão *materialismo* ao *pós-materialismo*. Os valores materialistas dizem respeito à satisfação das necessidades básicas, fisiológicas de modo que prevalecem em culturas menos desenvolvidas; em contrapartida, os valores pós-materialistas, refere-se às necessidades mais elevadas, como autoestima e autorrealização, presente nas sociedades mais industrializadas. Desse modo, há mudança em uma determinada sociedade ocorre quando as necessidades básicas (e.g., segurança, economia) são satisfeitas, e os indivíduos desenvolvem as necessidades de ordem superior (Inglehart, 1991; 2008).

Já Schwartz (1994) buscou conceber as dificuldades básicas que as sociedades são desafiadas, a exemplo da origem das relações entre o grupo e o indivíduo. Assim, diferenciou sete tipos de valores culturais (*compromisso igualitário, competência, harmonia, conservação, autonomia afetiva, autonomia intelectual e hierarquia*), os quais a prevalência do valor se distingue de acordo com uma maior ou menor intensidade. Por

sua vez, ainda no nível cultural, observa-se no contexto brasileiro que Pereira et al. (2005) compreendem os valores a vinculação a um fenômeno psicológico que são produzidos nos significados sociais, e assim, dependem da construção da realidade social e desenvolvimento nas lutas ideológicas.

Apesar das contribuições e do impacto na literatura das teorias acima mencionadas, Gouveia (2013) não considera os valores humanos como produtos da cultura, embora acredite que são fundamentais para a continuação do grupo, transformando-os desejáveis e facilitando sua transmissão de geração em geração. Neste sentido, os valores são socializados e objetivam proporcionar a homeostase entre os pares para auxiliar a continuidade da sociedade. Portanto, os valores são princípios-guia dos indivíduos, em grupo ou individualmente, que orientam o comportamento e transcendem situações específicas.

2.2.3 *Base motivacional*

A concepção deste pressuposto está no relacionamento dos valores e necessidades, pois apesar de Rokeach (1973) ter suposto a possível associação entre esses construtos, não verificou a nível empírico, além disso apresentou as necessidades de uma forma confusa, uma vez que foram assumidas tanto negativas como positivas, e não deixou claro como ocorre a transformação de uma necessidade para um valor (Gouveia, 2013).

Contudo, as contribuições de Rokeach (1973) são pilares para o estudo dos valores humanos na psicologia social. O autor realizou revisões sistemáticas das pesquisas sobre os valores e os distinguiu de outros construtos, elaborou um sistema valorativo e criou o primeiro instrumento para a mensuração dos valores, denominado de *Rokeach Value Survey*. De acordo com sua definição, os valores são crenças duradouras dos indivíduos e que diz respeito a modos específicos de condutas ou estados finais de existência (Estramiana, Pereira, Monter, & Zlobina, 2013).

Além dessas contribuições, o destaque de Rokeach (1973) se refere na compreensão das necessidades como representações cognitivas dos valores mediado por fatores ambientais. A influência desta relação possui repercussão, devido a correspondência entre necessidades e valores, assim como outros construtos, a exemplo das atitudes (Cavalcanti, 2016). Por exemplo, a necessidade de dependência se transforma por valores de lealdade, enquanto a necessidade do sexo transfigura em valores de união e amor (Gouveia, 2013).

Como detalhado anteriormente, na teoria funcionalista dos valores humanos adota-se a concepção benévola da natureza humana e assim, assume as necessidades como positivas. Esta perspectiva tem como foco a teoria das necessidades elaborada por Maslow (1954), a qual propõe uma hierarquia das necessidades que se desenvolvem no início da vida até a fase adulta, sendo organizadas das mais básicas (e.g., *fisiológicas* e *segurança*) para as mais superiores (e.g., *estima* e *autorrealização*). Maslow (1954) sugere que cada necessidade precisa ser satisfeita completamente e, em seguida, as necessidades subsequentes exercerão sua função motivadora.

A partir da perspectiva da psicologia evolutiva, Kenrick, Griskevicius, Neuberg e Schaller (2010) revisaram a tipologia proposta maslowiana. Os autores também sugerem a concepção de pirâmide das necessidades, mas reavaliaram sua estrutura, identificadas a seguir: (a) as necessidades mais básicas quando são alcançadas continuam sendo essenciais ao longo da vida; (b) exclusão da necessidade de *autorrealização*, pois não consideram sua função diferente de outras necessidades; (c) preconizaram três outras necessidades: *aquisição de companheiro*, *retenção de companheiro* e cuidados com os filhos. Desse modo, as contribuições desta revisão implicam que toda conduta humana se direciona para metas, produto de adaptações psicológicas que surgiram por meio da seleção natural, como a maneira de enfrentar os problemas e as oportunidades frequentes.

Nesta direção, Gouveia (2013) compreende as necessidades humanas como produto da evolução, dado que foram primordiais para os antepassados no favorecimento da adaptação no ambiente, a sobrevivência e reprodução da espécie. Dito isso, é pertinente ressaltar que o autor não ignora o contexto social. Para abarcar essa ideia, recorre a análise de Welzel e Inglehart (2010), em que os indivíduos se adaptam por causa das transformações das necessidades e circunstâncias da vida, uma vez que uma situação similar para outras pessoas pode favorecer estratégias de adaptação também equivalente e assim, ocorrer uma transformação social congruente e coesa.

Com base nisso, Cavalcanti (2016) buscou conhecer a relação entre as necessidades e os valores humanos, proposto por Gouveia (2003; 2013). Para avaliar as necessidades, utilizou os instrumentos *Inventário de Necessidades Básicas* - ISBN, criado por Leidy (1994), desenvolvida a partir do modelo de Maslow (1954) e a *Escala das Necessidades Psicológicas Básicas* - ENPB (Deci & Ryan, 2000). Com a participação de 190 estudantes universitários, a maioria do sexo feminino (77,4%), os resultados demonstraram que os valores *sociais* e *centrais* estavam mais relacionados com a satisfação das necessidades básicas, quando comparados com os valores pessoais. A partir disso, reafirma-se a corroboração da hipótese de Gouveia (2013), ao sugerir que os valores são representações cognitivas das necessidades humanas, baseadas no modelo de Maslow.

2.2.4 *Caráter terminal*

Esse pressuposto se baseia na ideia de Rokeach (1973), o qual classificou os valores em *instrumentais* e *terminais*. Embora essa tipologia dicotômica perpassaram nos estudos de Schwartz (1992) e Allen, Ng, e Wilson (2002), na teoria elaborada por Gouveia (1998; 2003), o autor considera apenas os valores *terminais*, dado a sua parcimônia em relação aos *instrumentais*.

Para uma perspectiva mais histórica, observa-se que as ideias de Clyde Kluckhohn (1951) foram fundamentais na área dos valores humanos e no embasamento teórico de estudos posteriores. Este autor considera os valores como fenômeno compartilhado no meio social e não se direciona em específico a um objeto, evento ou instituição social. Desse modo, ele entende os valores como princípio geral que orientam a conduta humana no contexto social (Kluckhohn, 1951) e por isso, são considerados *desejáveis*. Ideia que foi adotada nos estudos de Rokeach (1973), Schwartz (1992) e Gouveia (1998).

Rokeach (1973), embasado teoricamente pela concepção de Kluckhohn (1951), expande a classificação dos valores em *instrumentais* e *terminais*. Em relação ao primeiro, diz respeito os valores que são elencados como uma forma para alcançar o que é desejável e representam modos de conduta (e.g., responsável, amoroso). São subdivididos em *competência*, os quais remetem um foco intrapessoal (e.g., inteligente) e sua transgressão gera vergonha; e os *morais*, em que possuem um foco interpessoal (e.g., honesto) e sua transgressão provoca culpa.

Por sua vez, os valores terminais se referem os que são realmente desejáveis (e.g., amor maduro, felicidade), sendo divididos em *valores sociais*, os quais possuem o foco interpessoal e centram na sociedade (e.g., apoio dos familiares e amigos); e os *valores pessoais* centram no intrapessoal e focados no indivíduo (e.g., sucesso na carreira profissional). Estima-se que o número dos valores instrumentais é de cinco a seis vezes maior do que o total dos valores terminais que uma pessoa possui (Rokeach, 1973).

A partir disso, Gouveia (2013) discute que a dicotomia dos valores se refere ao problema semântico em que os tipos de valores *instrumentais* são adjetivos, enquanto os valores *terminais* são substantivos, de forma que em geral, os valores *instrumentais* se encontram equivalentes aos valores *terminais*. Além disso, os valores *terminais* possuem a vantagem da parcimônia, ou seja, possuem uma quantidade menor e são mais precisos.

Desse modo, os valores *terminais* são congruentes a concepção assumida dos valores humanos, pois se referem a uma orientação geral que transcendem situações específicas; assim, representam cognitivamente as necessidades humanas, abarcando metas superiores.

2.2.5 *Condição perene*

O último pressuposto se baseia na visão temporal cíclica da História, em que os valores são os mesmos desde a sua origem (Gouveia, 2013). Em outras palavras, o principal elemento para a fundamentação deste ponto se refere ao entendimento cíclico da sociedade de modo que os valores são os mesmos durante toda a história, inexistindo novos valores ou crises de valores.

O autor acredita que o entendimento sobre o tempo é um aliado importante na percepção dos valores humanos. As perspectivas temporais podem ser distinguidas em duas grandes classes: (a) visão do tempo *cíclico*, compreendido como recomeço eterno, sendo representado por compassos cotidianos e estacionais do ambiente de modo que o passado se torna uma profecia, ao se repetir perpetuamente; (b) a percepção *linear* do tempo, procedido ao longo de um caminho que se caracteriza como uma parte introdutória de situações presentes e futuros, os quais podem ser semelhantes, porém, não permitem a determinação (Gouveia, 2013; Šubrt & Cassling, 2001).

Como dito anteriormente, esta teoria se fundamenta no entendimento da percepção do tempo como cíclico, mas não o consideram como absoluto. A ideia da repetição se centra “[...] na forma, na estrutura de pensamento e modos de conduta que se apresentam, que têm a função de assegurar espaços sociais regulados, que representam o alicerce da sociedade” (Gouveia, 2013, p. 70). Logo, os padrões de comportamentos são cíclicos, isto é, autorregulam-se, buscando encontrar homeostase social para promover a evolução da sociedade.

Cada cultura possui sua própria dinâmica, bem como prioriza os valores que favoreçam o equilíbrio entre os seus pares. Por causa da especificidade de cada contexto (e.g., economia, condições de vida), alguns valores diferenciam em torno da magnitude que se apresentam. É desse modo que entende-se a presença dos valores em todas as culturas, uma vez que são representações das necessidades dos indivíduos.

Portanto, não existe a criação de novos valores, mas a forma como são organizadas as prioridades axiológicas das pessoas, sendo os mesmos desde o seu início (Gouveia, 2013). A mudança ocorre nas prioridades valorativas dos indivíduos, observando as condições sociais e/ou pessoais (e.g., idade, questão socioeconômica). Ademais, ainda nesta perspectiva, assume que não existe crise de valores, sugerindo a ocorrência deste fenômeno aos diferentes papéis que as pessoas adotam na sociedade ao longo da vida (e.g., pais, filhos, profissão; Gouveia, Vione, Milfont, & Fischer, 2015; Vione, 2012).

Portanto, diante do que foi apresentado, buscou-se detalhar a elaboração dos pressupostos realizados por Gouveia (1998; 2013). Nesse sentido, faz-se necessário apresentar os princípios axiológicos individuais, isto é, as funções dos valores, os quais consistem o centro da teoria adotada no presente estudo.

2.3 Função dos valores humanos

A partir das ideias de Rokeach (1973) sobre a função motivacional dos valores, Gouveia (2013) concebeu duas funções principais para este construto: (1) guiam comportamentos dos indivíduos (*tipo de orientação*) e, (2) representam cognitivamente as necessidades humanas (*tipo de motivador*).

A partir da concepção da psicologia, sociologia e antropologia, Gouveia (2013) discute a função subjacente aos valores humanos, descritos de forma geral: “[...] os princípios-guia assumidos pelas pessoas têm propósitos e visam metas, que podem ser a estrutura e organização social. Neste sentido, inegavelmente, os valores têm um papel

preponderante para garantir a estabilidade e a coesão da sociedade.” (p.109). Dessa forma, o autor considera duas importantes funções primárias, que serão detalhadas a seguir.

2.3.1 *Tipo de orientação*

Os valores guiam o comportamento humano em uma orientação *pessoal* ou *social*, conjecturando-se que frequentemente as pessoas tendem a ressaltar os valores sociais (grupo) ou valores pessoais (elas mesmas). Em outras palavras, indivíduos que se norteiam por valores pessoais são egoístas e possuem um foco intrapessoal (metas pessoais), enquanto aqueles que são guiados por valores sociais possuem um foco interpessoal (metas sociais), centradas na sociedade (Gouveia, 2013; Schwartz, 1992).

Esta teoria focaliza nos tipos de valores terminais (Rokeach, 1973), os quais foram classificados como *pessoais* (vida excitante, harmonia interna) e *sociais* (amizade verdadeira, um mundo de paz), devido a sua orientação humana, componente fundamental para a compreensão do comportamento. Observa-se na literatura perspectivas que também tratam desta tipologia, como *individualismo* e *coletivismo* proposto por Hofstede (1984; 2011).

Além disso, constata-se o surgimento de um terceiro grupo de valores, *os centrais*, expressado entre a dicotomia habitual apresentada na literatura (Gouveia, 2003). Este grupo de valores também apareceu nos estudos de Schwartz (1992), o qual os concebeu como tipos motivacionais *mistos*. Particularmente, os valores *centrais* surgiram a partir das evidências empíricas e descritivas que indicava a existência dos valores não somente como *pessoal* ou *social*. Assim, para Gouveia (2003; 2013) os valores *centrais* são a base estruturante da organização valorativa (chamado também de espinha dorsal), que se localizam entre os valores sociais e pessoais, uma vez que estes últimos podem ser preditos e/ou possuem como referência os valores centrais (metas centrais).

Gouveia (2013) ressalta para não confundir os conceitos de *valores centrais* e *centralidade* (Maio, 2010; Veplanke & Holland, 2002). Os primeiros se referem a um tipo específico de valores que representam cognitivamente as necessidades mais básicas, as mais desenvolvidas e se diferenciam mediante os contextos que os indivíduos vivem, portanto, não correspondem a uma divisão dicotômica entre os valores *sociais* e *pessoais*, dado a presença dos valores *centrais* e dessa forma, não há conflito entre eles. Já o termo *centralidade* diz respeito apenas a transformação de um valor como central na vida das pessoas em determinados momentos. Portanto, o valor *central* apresenta papel essencial na estrutura valorativa e em conjunto com as dimensões *social* e *central*, expressam a função dos valores como guia do comportamento humano.

2.3.2 *Tipo de motivador*

A segunda função dos valores humanos se refere a manifestação das necessidades humanas, representadas por meio da cognição (Gouveia, 2003; Maslow, 1954). A relação entre valores e a hierarquia das necessidades foi corroborada na literatura (Braithwaite, Makkai, & Pittelkow, 1996; Inglehart, 1977). Gouveia (2003; 2013) teorizou a visão dos valores em *materialistas* (pragmáticos) e *humanitários* (idealistas).

Esta dicotomia dos valores se baseia, sobretudo, na proposta de Inglehart (1977). Para tanto, fundamentado a partir da teoria da hierarquia das necessidades de Maslow, conjecturou o início dos valores humanos às necessidades humanas. Neste sentido, identificou e conceituou dois componentes principais que representam as modificações geracionais e possibilitam comparar culturais nacionais. O primeiro se refere a dimensão *materialista*, o qual corresponde as necessidades mais básicas (e.g., fisiológicas, segurança) e sua operacionalização consiste nos valores com o foco nos elementos materiais e concretos. Desse modo, nas sociedades ou culturas que não são satisfeitas tais necessidades, corresponde ao padrão valorativo comum da cultura. Por sua vez, a dimensão

pós-materialista, diz respeito às necessidades mais elevadas (e.g., autoestima, pertencimento) envolvendo valores que destacam aspectos mais subjetivos ou abstratos, assim sociedades avançadas apresentam essa dimensão como característica.

Gouveia (2003) adotou essa dicotomia dos valores e considerou a representação das necessidades por: (1) *valores materialistas*, os quais se associam a ideias concretas e são princípios de orientação a metas específicas e regras normativas das pessoas; e, (2) *valores humanitários*, que abarcam a expressão de orientação universal, baseada em ideias e princípios abstratos. Portanto, a função *tipo de motivador* evidencia dois níveis de necessidades (materialista/pragmática ou humanista/idealista), as quais se completam na composição do sistema valorativo de um indivíduo maduro.

2.3.3 *Cruzamento das duas funções valorativas: seis subfunções valorativas*

Este modelo é uma alternativa aos que foram propostos na literatura, pois oferece uma perspectiva mais teoricamente fundamentada, parcimoniosa e integradora (Gouveia, 2013). Dito isto, o foco principal se refere as funções dos valores, a saber: *tipo de orientação* (os valores servem como padrões que guiam os comportamentos) e *tipo de motivador* (os valores representam as necessidades; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a). Neste contexto, as funções dos valores são definidas como os aspectos psicológicos que tais valores cumprem ao guiar os comportamentos e representar cognitivamente as necessidades.

Estas duas funções principais dos valores são combinadas para definir a estrutura axiológica. Os três *tipos de orientação* são representados por duas subfunções cada: social (*normativa* e *interativa*), central (*existência* e *suprapessoal*) e pessoal (*realização* e *experimentação*). De forma similar, os dois *tipos de motivador* são representados por três subfunções cada: materialista (*existência*, *normativa* e *realização*) e idealista

(*suprapessoal, interativa e experimentação*). Pode ser visualizada detalhadamente na tabela 1.

As subfunções podem ser mapeadas em um delineamento 3 (tipos de orientações: *social, central e pessoal*) x 2 (tipos de motivadores: *materialista e idealista*). Os valores do tipo de orientação *central* (isto é, as subfunções *existência* e *suprapessoal*) representam a referência a partir da qual têm lugar os outros valores. A combinação destes eixos permite derivar seis subfunções específicas dos valores, descritas a seguir (Gouveia et al., 2014):

Tabela 1. Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos

		Valores como padrão-guia de comportamentos		
		<i>Metas pessoais</i> (o indivíduo por si mesmo)	<i>Metas centrais</i> (o propósito geral da vida)	<i>Metas sociais</i> (o indivíduo na comunidade)
Valores como expressão de necessidades	<i>Necessidades idealistas</i> (a vida como fonte de oportunidades)	Experimentação Emoção Prazer Sexualidade	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas</i> (a vida como fonte de ameaça)	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Subfunção existência. Representa as necessidades fisiológicas básicas (e.g., comer, beber, dormir) e a necessidade de segurança, sendo compatível com orientações sociais e pessoais dentro do domínio motivador materialista, uma vez que seu propósito principal é assegurar as condições básicas para a sobrevivência biológica e psicológica do indivíduo. A subfunção existência possui uma orientação *central* e um motivador *materialista*,

representada pelos valores *estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência* que são endossados por indivíduos em contextos de escassez econômica ou por aqueles que foram socializados em tais ambientes (Inglehart, 1991). Esta subfunção é a mais característica do motivador materialista, sendo a fonte das outras duas subfunções que também representam este motivador (isto é, *realização e normativa*).

Subfunção realização. Representa as necessidades de autoestima, que corresponde a um motivador *materialista*, mas com uma orientação *pessoal*. Seus valores se originam de um princípio pessoal para guiar a vida dos indivíduos, enquanto focalizam realizações materiais. Podem ser uma exigência para interações sociais prósperas e o funcionamento institucional (Schwartz, 1992). Indivíduos orientados por tais valores dão importância à hierarquia, quando baseada em demonstração de competência pessoal, apreciando uma sociedade organizada e estruturada e sendo práticos nas suas decisões e seus comportamentos. Esta subfunção é representada pelos valores *êxito, poder e prestígio* e são mais tipicamente apreciados por jovens adultos, em fase produtiva, ou indivíduos educados em contextos disciplinares e formais.

Subfunção normativa. Esta é a terceira subfunção com um motivador *materialista*, mas possui uma orientação *social*. A necessidade de controle e as pré-condições para alcançar todas as necessidades, como demandas institucionais e sociais são cognitivamente representadas por valores desta subfunção (Schwartz, 1992). Reflete a importância de preservar a cultura e as normas convencionais. Priorizar valores normativos evidencia uma orientação vertical, na qual a obediência à autoridade é importante. Essa subfunção é representada por valores *obediência, religiosidade e tradição* e em geral são mais endossados por pessoas mais velhas, que seguem normas convencionais e expressam menos comportamentos anticonvencionais.

Subfunção suprapessoal. Representam as necessidades estéticas e de cognição, bem como a necessidade superior de autorrealização. Sendo assim, Valores *suprapessoais* ajudam a categorizar o mundo de uma forma consistente, fornecendo clareza e estabilidade na organização cognitiva da pessoa. Tais valores podem ser concebidos como idealistas, indicando a importância de ideias abstratas, com menor ênfase em coisas concretas e materiais (Inglehart, 1991). Essa subfunção é compatível com os valores *sociais* e *pessoais* dentro do motivador idealista, por este motivo apresenta uma orientação *central*, sendo a fonte de outras duas subfunções que representam este tipo motivador (isto é, *experimentação* e *interativa*). Essa subfunção é representada pelos valores *beleza*, *conhecimento* e *maturidade* e são priorizados por indivíduos que costumam pensar de forma mais geral e ampla, tomando decisões e se comportando a partir de critérios universais.

Subfunção experimentação. Representa um motivador idealista, mas com uma orientação pessoal. A necessidade fisiológica de satisfação, em sentido amplo, ou o princípio do prazer (hedonismo) é representado por valores desta subfunção. Essa subfunção é menos pragmática na busca de alcançar *status* social ou lograr harmonia e segurança social. Seus valores contribuem para a promoção de mudanças e inovações na estrutura de organizações sociais, sendo mais endossados por jovens. Essa subfunção é representada pelos valores *emoção*, *prazer* e *sexualidade* e, em geral, guiam indivíduos que se conformam menos com as regras sociais e que apresentam dificuldades com metas fixas e a longo prazo.

Subfunção interativa. Esta é a terceira subfunção que representa um motivador idealista, mas possui uma orientação social. O destino comum e a experiência afetiva entre indivíduos são acentuados por valores desta função. Representa as necessidades de pertencimento, amor e afiliação, sendo seus valores essenciais para estabelecer, regular e

manter as relações interpessoais. Contatos sociais são uma meta em si, enfatizando atributos mais afetivos e abstratos. Essa subfunção é representada pelos valores *afetividade*, *apoio social* e *convivência* e são endossados por indivíduos mais jovens, orientados a estabelecerem relações íntimas estáveis.

2.4 Hipótese de conteúdo e estrutura

Duas hipóteses principais são derivadas desta teoria: *conteúdo* e *estrutura*. A *hipótese de conteúdo* estabelece que, aproximadamente, uma dúzia e meia de valores podem adequadamente representar as seis subfunções valorativas (*existência*, *normativa*, *realização*, *suprapessoal*, *experimentação* e *interativa*), derivadas das duas funções valorativas (*tipo de orientação* e *tipo de motivador*). Portanto, estima-se como mais adequado para representar o universo de valores um modelo hexafatorial, correspondendo às subfunções valorativas (Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014b).

A *hipótese de estrutura*, diz respeito à combinação das duas dimensões funcionais, sugerindo uma configuração *duplex* com duas facetas axiais. A primeira faceta representa o eixo horizontal, correspondendo aos *tipos de orientação* (social, central e pessoal); os valores centrais são localizados no centro do espaço bidimensional. Localizados em um lado, estão os valores que cumprem a orientação pessoal e, no outro aqueles que cumprem a orientação social. A segunda faceta representa o eixo vertical, correspondendo aos *tipos de motivador* (materialista ou idealista), que se localizam em regiões diferentes no espaço. Portanto, entende-se que a estrutura dos valores se refere à representação espacial das seis subfunções valorativas, resultantes do cruzamento (combinação) das duas dimensões funcionais.

2.5 Hipótese de congruência e compatibilidade

Foram concebidas duas outras hipóteses na teoria funcionalista dos valores humanos. A primeira é a *hipótese de congruência*, refere-se ao sistema de valores

priorizado pelo indivíduo (Gouveia, 2016) e defende a variabilidade das correlações das magnitudes entre as subfunções (Gouveia, Meira, Gusmão, Sousa Filho, & Souza, 2008). Não se compartilha a ideia da incongruência valorativa, ou seja, conflito no sistema de valores, como aponta Rokeach (1973) e Schwartz (1992). Portanto, as congruências são expressadas nos graus *baixo*, *moderado* e *alto* (ver figura 1).

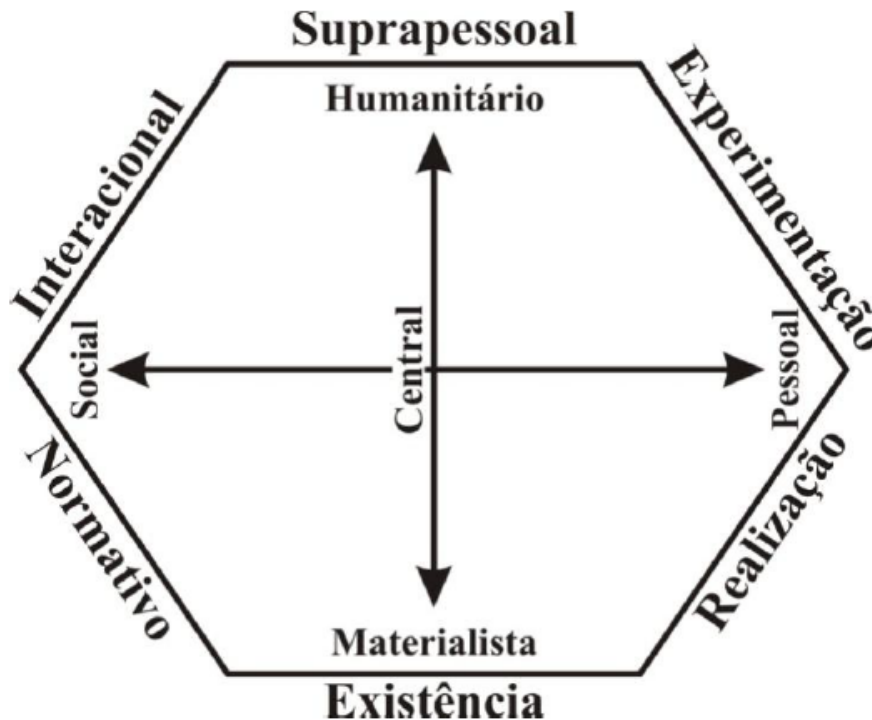


Figura 1. Padrão de Congruência das subfunções dos valores básicos.

A hipótese de compatibilidade, por sua vez, estabelece a relação entre os valores com variáveis externas, isto é, variáveis previsoras (antecedentes) e/ou variáveis preditas (consequentes). Em outras palavras, avalia a capacidade preditiva dos valores humanos, denominada de validade critério. Esta hipótese demonstra a situação dos valores quando são relacionados ou comparados com variáveis externas, uma vez que se tornam incompatíveis entre si. Por exemplo, indivíduos que endossam valores de experimentação possuem atitudes positivas frente ao uso de álcool ($r = 0,34$; $p < 0,001$), enquanto se correlaciona negativamente com os valores normativos ($r = 0,32$; $p < 0,05$; Medeiros et al.,

2015). Em suma, essas hipóteses dizem respeito “[...] ao sistema de valores dos indivíduos e a como seus valores podem ser relacionados com seu posicionamento ou sua orientação em situações cotidianas.” (Gouveia, 2016, p. 24).

2.6 Questionário dos Valores Básicos (QVB)

O primeiro instrumento na mensuração dos valores humanos foi proposto por Rokeach (1973) ao elencar uma lista de dezoito valores para os instrumentais e outros dezoito para os valores terminais, respondidos em uma escala de resposta como *ranking* (ordenação). Schwartz (1992), por sua vez, elaborou seu instrumento *Schwartz Values Survey*, mediante avaliação dos itens de Rokeach (1973) e adicionou outros na composição final do instrumento, adotando a escala de resposta *rating* (escalas intervalares), variando de -1 (*valor contrário ao seu*) a 7 (*máxima importância atribuída ao valor*). Este procedimento parece coerente com a teoria proposta por Schwartz, uma vez que sugere a existência do conflito entre os valores (Gouveia et al., 2014).

Gouveia (1998) ao propor a *teoria funcionalista dos valores humanos* construiu e desenvolveu o instrumento denominado de *Questionário dos Valores Básicos (QVB)*. Inicialmente, o autor reuniu duzentos itens distribuídos equivalentes em vinte valores: apoio social, afetividade, autodireção, beleza, emoção, estabilidade pessoal, estimulação, justiça social, honestidade, maturidade, ordem social, pertença, prestígio, realização, religiosidade, sabedoria, saúde, sexual, sobrevivência e tradição. Posteriormente, as análises dessa versão foram incluídos dois novos valores: intimidade e poder. Como esta medida apresentava 110 itens distribuídos em cinco por valor, Gouveia (1998) selecionou três itens para cada valor por meio de critério estatístico, os quais não diminuíram a consistência interna e assim, pôde-se ter em conta um instrumento mais parcimonioso.

Em 2003, o modelo teórico proposto por Gouveia sofreu modificações quanto a tipologia e ao instrumento de medida, adicionando dois valores ao instrumento. Desse

modo, o foco estava nas subfunções valorativas, com 24 valores básicos que considerou um único item por valor com dois descritores (por exemplo, *Saúde*. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo). Ao realizar um Escalonamento Multidimensional (MDS) exploratório, corroborou-se a estrutura com os dois tipos motivadores e três tipos de orientação. Sendo assim, a versão atual do QVB conta com 18 itens/valores específicos, em que cada subfunção é composta por três itens, mensurado a partir de uma escala intervalar (*rating*), com resposta que variam entre sete pontos, sendo 1 (*Totalmente não importante*) e 7 (*Extremamente importante*; Gouveia, Milfont, Fischer, & Santos, 2008).

Para testagem do modelo teórico acima apresentado, pode-se destacar alguns estudos como o de Medeiros (2011), o qual utilizou o QVB com o objetivo de conhecer a adequação da teoria funcionalista dos valores humanos nos âmbitos intracultural (regiões do país) e intercultural. Com uma amostra de 34.020 pessoas distribuídos entre as cinco regiões do país, encontrou adequação da hipótese de conteúdo e hipótese de estrutura. Além disso, replicou esses achados em doze países (e.g., Alemanha, Argentina, Colômbia, Espanha, Nova Zelândia), encontrando assim resultados satisfatórios. Soares (2015), por sua vez, ampliou o estudo de Medeiros (2011) para 54 países e também encontrou resultados que corroboram com as hipóteses preconizadas.

A partir dos estudos transculturais supracitados, nota-se, então, que a *teoria funcionalista dos valores humanos* é constituída por um embasamento teórico satisfatório e, para além disso, possui um instrumento com bons índices, elaborado em outras versões para a população infantil (Gouveia, Milfont, Soares, Andrade & Leite, 2011), o QVB de relatos comportamentais (Lima, Gouveia, Souza, & Fonseca, 2014), o *QVB*- diagnóstico (Souza, Gouveia, Lima, & Santos, 2015) e uma medida implícita computadorizada e na versão lápis e papel (Athayde, 2012).

2.7 Correlatos valorativos com dimensões do bem-estar

Este tópico visa descrever pesquisas que avaliam a relação entre os valores humanos e construtos considerados como promotores de funcionamento psicológico saudável. Isto posto, a seguir será destacado estudos relacionados com os traços de personalidade luminosos, afetos positivos, satisfação com a vida e comportamentos pró-sociais.

Inicialmente, com relação às características consideradas mais estáveis, a exemplo da personalidade, Oliveira (2017) verificou o poder preditivo dos traços de personalidade luminosa e os valores humanos nos comportamentos pró-sociais. Especificamente, a autora desenvolveu um modelo explicativo, o qual demonstrou que os traços *perdão*, *gratidão* e *altruísmo* explicaram os comportamentos pró-sociais mediado pela subfunção interativa.

Em outro estudo, Barbosa (2015) observou que valores humanos e a crença no mundo justo e injusto predizem à disposição para perdoar tanto na forma explícita quanto implícita. No nível explícito foi predito pelos valores pessoais (*experimentação* e *realização*), enquanto que no implícito foi explicado pelos valores sociais (*normativos* e *interativos*). Neste estudo, a autora enfatizou os valores de orientação social para à disposição ao perdão, uma vez que aqueles possuem um foco interpessoal, isto é, direcionado ao outro.

Chaves (2003), também encontrou que os valores *sociais* se relacionam positivamente com os *afetos positivos* ($r = 0,24$), *satisfação com a vida* ($r = 0,28$) e *vitalidade* ($r = 0,20$). Ademais, criou uma pontuação total com as variáveis citadas anteriormente, denominando de *bem-estar subjetivo* e demonstrou o poder preditivo dos valores *sociais* nesse componente [$B = 0,27$; $\beta = 0,19$; $p < 0,05$].

Nascimento (2016), por sua vez, verificou que a explicação da satisfação com a vida por valores humanos é mediada pela crença no mundo justo. Especificamente, a subfunção *interativa* [$B = 0,22$; $\beta = 0,12$; $p < 0,05$] e a crença no mundo justo geral [$B = 0,20$;

$\beta = 0,14; p < 0,05]$ predizem a satisfação com a vida. Para a autora, a crença no mundo justo possui um papel fundamental como estratégia saudável de enfrentamento na vida, sendo combinado por suas orientações axiológicas como convivência e afetividade.

No que se refere a relação entre os valores humanos e sentido de vida, Lopes de Andrade (2001) identificou uma relação entre a subfunção *interativa* e *normativa*. Na mesma direção, Serafim (2013) constatou, especificamente na dimensão *realização de sentido* correlação positiva com as subfunções *normativa* ($r = 0,34; p < 0,001$) e *interativa* ($r = 0,28; p < 0,05$). Por sua vez, Oliveira (2013) realizou o mesmo estudo anterior, porém, contou com uma amostra da população surda e encontrou resultados similares da relação *realização de sentido* com as seis subfunções, especialmente com *interativa* ($r = 0,37; p < 0,01$) e *existência* ($r = 0,38; p < 0,01$).

No âmbito das relações interpessoais íntimas, FôNSECA et al. (2017) realizaram um estudo para avaliar a predição dos valores humanos no perdão conjugal, e este pode ser explicado pela subfunção *interativa*. Assim, pessoas que priorizam valores interativos são propensas a dispor da remissão matrilial, ou seja, a perdão dentro do casamento. Couto (2017) objetivou explicar o perdão e crescimento pós-traumático por meio da priorização valorativa em indivíduos divorciados(as). Os achados indicaram apenas a subfunção *interativa* foi preditora do perdão ($\beta = 0,17; p < 0,05$) e para o crescimento pós-traumático foram as subfunções *normativas* ($\beta = 0,20; p < 0,01$) e *realização* ($\beta = 0,24; p < 0,01$).

Em relação aos comportamentos pró-sociais, destaca-se a pesquisa realizada por Gouveia, Santos, Athayde, Souza e Gusmão (2014), a qual buscou verificar a relação entre o altruísmo e os valores humanos, em um grupo de doadores e não doadores de sangue. Especificamente, no grupo de doadores de sangue constatou-se que o altruísmo correlacionou-se ($p < 0,05$) com as subfunções *experimentação* ($r = 0,34$), *suprapessoal* ($r = 0,26$), *interativa* ($r = 0,25$) e *existência* ($r = 0,30$). Os autores ressaltam que os valores

experimentação, *suprapessoal* e *interativa* representam pessoas mais universalistas, preocupando-se com os demais.

Já Souza (2015) relacionou os valores humanos com o comportamento de civilidade, considerado uma conduta pró-social. A partir dos achados, os valores centrais (*suprapessoal*, $r = 0,26$ e *existência*, $r = 0,23$) e sociais (*normativa*, $r = 0,23$ e *interativa*, $r = 0,16$) apresentaram correlações positivas com a civilidade, concluindo que pessoas pautadas por tais orientações axiológicas buscam manutenção das relações interpessoais e harmonia na sociedade.

Brito (2017) objetivou analisar o poder preditivo dos valores humanos, positividade e *coping* na adesão ao tratamento antirretroviral em pacientes que vivem com HVI/AIDS. Os resultados demonstraram correlação positiva da adesão ao tratamento antirretroviral com os valores *normativos* ($r = 0,28$) e *interativos* ($r = 0,18$). Ademais, um modelo explicativo (valores sociais \rightarrow positividade \rightarrow *coping* positivo e suporte) predisseram a adesão ao tratamento antirretroviral. Assim, pessoas com HIV/AIDS podem aderir mais ao tratamento quando são guiados por valores como obediência, tradição, afetividade e apoio social, uma vez que seguem as determinações da equipe de saúde e podem contar uma rede de suporte emocional estabelecido pelas relações interpessoais.

Portanto, diante do exposto no decorrer do capítulo, observa-se a adequação da teoria funcionalista dos valores humanos como uma proposta contemporânea alternativa aos demais modelos, visto que reúne evidências da estrutura no entendimento dos valores como guia do comportamento e representação cognitiva das necessidades. Nota-se, ainda, que há uma predominância dos valores *sociais*, sobretudo da subfunção *interativa* na promoção psíquica saudável dos indivíduos, uma vez que representa afiliação, apoio social, afetividade, valores congruentes com a necessidade de pertencimento dos seres humanos (Baumeister & Leary, 1995).

Sendo assim, as prioridades axiológicas dos indivíduos são essenciais para compreender a forma como pensam e agem. Por exemplo, relacionando os valores humanos com a nostalgia, pode-se pensar que pessoas que apresentam alta disposição à nostalgia endossam mais os valores interativos, dada a ênfase aos relacionamentos interpessoais, presente nos dois fenômenos. Investigar esse mecanismo psicológico pode explorar o conhecimento da ambivalência da nostalgia e como ocorre a prevalência dos elementos positivos (e.g., autoestima, sentido de vida).

CAPÍTULO 3. BEM-ESTAR SUBJETIVO

Este capítulo objetiva apresentar detalhadamente a escolha das variáveis que podem ser explicadas por meio da nostalgia e valores humanos. Inicialmente, como se observa, a natureza da nostalgia no âmbito psicológico é ambivalente, pois há a presença de elementos positivos e negativos, além disso, apresenta como funções o aumento da conexão social, autoestima e significado existencial. Por sua vez, os valores humanos dado à sua natureza benevolente, é um fenômeno que auxilia na compreensão da promoção de recursos psicológicos, tais como sentido de vida, afetos positivos e comportamento pró-social (Gouveia, 2013; Gusmão et al., 2016; Sedikides & Wildschut, 2016).

Neste sentido, opta-se na ênfase de três variáveis que proporcionam bem-estar e se relacionam tanto com a nostalgia como os valores humanos, a saber: *sentido de vida*, *autoestima* e *otimismo*. Não obstante, torna-se importante ressaltar que a escolha do título do capítulo se refere ao elemento psicológico que os três construtos abarcam e as evidências da promoção do bem-estar (Gusmão et al., 2016). Assim, a compreensão do bem-estar subjetivo nesta dissertação se refere às experiências que os indivíduos vivenciam quando estão satisfeitas com a vida, bem como suas potencialidades humanas (Guerra, Moura, Oliveira, Ribeiro, & Brito, 2017).

Portanto, considera que o papel primordial do bem-estar subjetivo diz respeito ao desenvolvimento na qualidade de vida das pessoas (Gusmão et al., 2016). Para evidenciar esse aspecto, existem diferentes modelos teóricos na área, a exemplo do bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico. Todavia, independente da teoria adotada, o bem-estar da pessoa se relaciona às inúmeras situações vivenciadas no decorrer da vida e à maneira como este indivíduo lida com esses eventos (Guerra, et al., 2017). Assim, este capítulo apresentará de forma breve os modelos teóricos do bem-estar (e.g., subjetivo e psicológico) e, sobretudo, irá descrever as definições, mensurações e correlatos com o bem-estar dos construtos *sentido de vida*, *autoestima* e *otimismo*.

3.1 Modelos teóricos do bem-estar

3.1.1 Bem-estar Subjetivo

O Bem-estar Subjetivo (BES) é um construto psicológico que busca compreender como os indivíduos pensam e sentem sobre o que possuem e os eventos que acontecem em suas vidas (Maddux, 2018). O estudo do bem-estar subjetivo abrange o entendimento de como as pessoas evoluem durante a vida, envolvendo tanto o momento presente como período mais longo (e.g, semanas, meses, anos) sobre as reações emocionais das pessoas, tais como seus julgamentos acerca de sua satisfação com a vida, bem como a satisfação em outros domínios da vida (e.g., casamento, trabalho) (Diener, Oishi, & Lucas, 2003).

Entre as décadas de 60 e 70, psicólogos e sociólogos demonstraram o interesse no conhecimento a respeito de fatores que influenciam a qualidade de vida das pessoas (Diener, et al., 2017; Maddux, 2018). Entretanto, o entendimento da saúde mental ainda se limitava a procurar o motivo da ausência de sintomas psicopatológicos (e.g., depressão, ansiedade) de modo que carecia estudos sobre o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e emocionais, assim como o entendimento da variação e adaptação dos sentimentos individuais (Diener et al., 2003). Neste sentido, Diener (1984) na tentativa de preencher essa lacuna teórica integrou os modelos existentes da época e sistematizou o conceito de *bem-estar subjetivo*.

É importante ressaltar que apesar da confusão na terminologia, bem-estar subjetivo não é equivalente ao conceito de felicidade, em que este último “é um termo solto e com muitos significados e, portanto, é frequentemente evitado na literatura científica” (p.87, Diener et al., 2017). Em contrapartida, o termo bem-estar subjetivo se refere para as diversas formas na evolução das experiências pessoais na vida, como afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida (Diener, 2013).

Os componentes do bem-estar subjetivo são divididos em três dimensões: satisfação com a vida (elemento cognitivo), afetos positivos e afetos negativos (aspectos emocionais). Especificamente, a satisfação com a vida diz respeito a uma avaliação cognitiva positiva de forma geral em relação à vida, enquanto os afetos positivos e os afetos negativos indicam a frequência de emoções (Woyciekoski, Stenert, & Hutz, 2012). Este modelo representa a perspectiva *hedônica* do bem-estar, o qual enfoca a bivalência entre prazer e desprazer de modo que há a sobreposição de emoções agradáveis (Giacomoni, 2004).

Desse modo, observa-se o interesse de diversos pesquisadores no estudo do bem-estar subjetivo, uma vez que o aumento deste fenômeno possui valor prático na vida das pessoas (Maddux, 2018). Indivíduos com maior bem-estar subjetivo, apresentam sucesso em diferentes áreas na vida, ou seja, são mais sociais, altruístas e ativos; gostam mais de si e dos outros, apresentam melhor habilidade em resoluções de conflito (Lyubomirsky, King, & Diener, 2005), maior pensamento criativo (Eid & Larsen, 2008) e experimentam maior saúde física e longevidade (Diener, Pressman, Hunter, & Delgado-Gil, 2017). Portanto, o entendimento deste construto se apresenta essencial no âmbito da Psicologia dado a sua implicação na promoção do ajustamento psicológico. O próximo subtópico busca apresentar outra variável primordial que contribui na vida das pessoas.

3.1.2 Bem-estar Psicológico

O Bem-estar Psicológico proposto por Carol Ryff (1989) é um modelo teórico sobre o bem-estar que visa entender de forma mais aprofundada quais são as características essenciais deste construto (Ryff, 2014). A partir das concepções divergentes na Psicologia (e.g., clínica, humanista, existencial, desenvolvimento) no funcionamento positivo do psíquico, Ryff (1989) encontrou pontos que convergiam entre as áreas e que serviram para subsidiar um conceito mais consistente do bem-estar.

O modelo de bem-estar psicológico se refere a perspectiva *eudaimônica*. Esta concepção, originou-se no conceito de *eudaimonia* utilizado por Aristóteles para compreender a ideia que a “boa vida” envolve verdade e responsabilização pessoal (Ruini & Ryff, 2016). Assim, o conceito de bem-estar nesta perspectiva enfatiza a ideia que o indivíduo exerce plenamente sua capacidade, e conseqüentemente *floresce*. O bem-estar ocorre, portanto, na extensão das potencialidades, propósitos de vida e realização de metas, isto é, busca capturar os aspectos centrais do que significa ser humano (Ryff, 2014).

Neste sentido, Ryff (2016) propões seis dimensões, os quais correspondem aos componentes da sua medida, sendo eles: 1) *propósito de vida*, o grau de significado na vida; 2) *autonomia*, viver de acordo com suas convicções pessoais; 3) *crescimento pessoal*, uso de talentos e potenciais pessoal; 4) *domínio ambiental*, o gerenciamento das situações da vida; 5) *relações positivas*, intimidade nas conexões sociais; 6) *autoaceitação*, o conhecimento e aceitação pessoal, incluindo suas limitações.

As dimensões que compõe o bem-estar psicológico se apresentam como um construto que recebe atenção entre os pesquisadores, principalmente com o foco no tratamento clínico (Ryan & Deci, 2001). Por exemplo, BEP é fortemente correlacionado com depressão (Wood & Joseph, 2010), sugerindo que indivíduos que demonstram menor nível no BEP, talvez apresente uma maior tendência de desenvolver desordem patológica (e.g., ansiedade, síndrome do pânico). Além disso, Fava (2016) propôs um modelo psicoterápico denominado “Terapia do Bem-estar”, o qual utiliza os fundamentos da terapia cognitivo-comportamental, assim como o modelo teórico do bem-estar psicológico no tratamento de sintomatologias.

3.1.3 Outros modelos teóricos do bem-estar

O modelo do bem-estar na perspectiva *hedônica* ou *eudaimônica* aparecem frequentemente como objeto de interesse pelos pesquisadores, sobretudo, após o

movimento recente da Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Entretanto, outros modelos foram propostos para o entendimento deste construto na tentativa de integrar ou sistematizar os pontos convergentes entre eles.

Ryan e Deci (2001), por exemplo, adotaram a perspectiva eudaimônica e focalizaram na integração de três dimensões: *autonomia* (agir de maneira autônoma ou consensual), *competência* (perseguir objetivos e valores intrínsecos) e *conexão* (estar atento e agir com um senso de consciência). Estes autores combinaram o modelo eudaimônica com a teoria da autodeterminação, em que as três dimensões possuem implicações motivacionais de modo que os indivíduos com alto bem-estar eudaimônico tendem a se comportar de forma mais pró-social (Ryan & Deci, 2013).

Outro que adotou os seis componentes do bem-estar psicológico foi Keyes (2006). Este autor sugere a “terceira geração do bem-estar” ao incluir a dimensão *social*, o qual significa as percepções individuais na qualidade das relações com as outras pessoas, como os vizinhos e a comunidade (Keyes, 2006). Assim, adicionou cinco componentes para representar bem-estar *social*, a saber: *aceitação, atualização, contribuição, coerência e integração*.

Por sua vez, Seligman (2011) desenvolveu um modelo em consonância com o movimento da psicologia positiva e teve como objetivo a compreensão de quais são os elementos que as pessoas escolhem para o seu próprio bem. Assim, associado ao conceito de *flourishing*, o qual diz respeito ao bom funcionamento do estado psicológico, o autor desenvolveu o *PERMA* (EERSR), que é constituído pelos seguintes componentes: *emoção positiva, engajamento, relações, sentido e realização* (Butler & Kern, 2016).

Por fim, o *Nested Model* proposto por Henriques (2011) buscou integralizar os modelos existentes e construiu uma estrutura acerca do bem-estar. O autor mapeou o construto em quatro domínios inter-relacionados, apesar de serem distintos: (a) domínio

subjetivo (felicidade e satisfação com a vida); (b) domínio da saúde e funcional (biológico e psicológico do indivíduo); c) ambiental (contexto material e social); e (d) domínio dos valores e ideologia (a perspectiva moral e ética externa do observador e avaliador). A combinação desses elementos serviu de base para formar um conceito mais holístico e integrado do bem-estar (Henriques, Kleinman, & Asselin, 2014).

Diante do exposto, observa-se a multiplicidade de modelos teóricos na compreensão do bem-estar. Todavia, independente da teoria utilizada, elas ressaltam principalmente a promoção no ajustamento psicológico saudável dos indivíduos. Neste sentido, outros construtos contribuem no aumento do bem-estar, como o significado existencial, autoestima e otimismo. Portanto, os tópicos subsequentes descreverão, respectivamente o conceito, medidas e correlatos desses construtos.

3.2 Sentido de Vida

3.2.1 Definição

Durante a história da Psicologia, observa-se o interesse dos pesquisadores para o entendimento do conceito *sentido de vida*. Especificamente, a atenção se direciona para avaliar a influência existencial dos indivíduos que possuem daqueles que não possuem sentido de vida. Não obstante, essa área buscou explorar os elementos positivos para a saúde mental, em que as pesquisas deram ênfase na identificação dos fatores que auxiliam e elevam a capacidade da pessoa desenvolver e melhorar o bem-estar subjetivo na condução de uma vida significativa (Cohen & Cairns, 2012).

A filosofia, psiquiatria e psicologia foram áreas que buscaram o entendimento do conceito de sentido de vida. Assim, contribuíram na especulação sobre os elementos que influenciam o sentido de vida e seu efeito no indivíduo (Cohen & Cairns, 2012). Desse modo, os estudos na literatura indicam que o sentido de vida pode ser alcançado a partir de diferentes formas, tais como: senso de coerência na vida (Battista & Almond, 1973);

mediante a necessidade de autoeficácia, propósito de vida e autoestima (Baumeister & Wilson, 1996); objetivos direcionados (Ryff & Singer, 1998). Por sua vez, o lado emocional do sentido de vida abrange o sentimento de felicidade e realização quando as pessoas atendem seus objetivos e as experiências gerais da vida (Cohen & Cairns, 2012).

Apesar dos elementos mais gerais apresentados anteriormente, torna-se fundamental descrever o impacto que Victor Frankl exerceu na propagação deste construto. Frankl (1989) construiu uma linha de abordagem psicoterápica, chamada de Logoterapia e análise existencial, a qual também é chamada de psicoterapia centrada no sentido da vida (Aquino et al., 2015). Esta abordagem, fundamenta-se na filosofia e apresenta três pressupostos: liberdade de vontade (o ser humano é livre para escolher, mesmo diante dos condicionamentos sociais); vontade de sentido (corresponde a motivação primária da existência humana) e sentido da vida (se existe uma busca de sentido por parte do indivíduo, há também um sentido a ser descoberto nas entrelinhas das situações) (Lukas, 1989).

De acordo com a teoria existencial de Frankl (1989), a razão principal do comportamento humano é a vontade de sentido e assim, o indivíduo se esforça para encontrar um motivo para sua existência (Kleftaras & Psarra, 2012). Neste sentido, o significado procurado ou encontrado pelas pessoas difere entre elas de modo que existe uma dificuldade em estabelecer uma definição geral para esse construto. Apesar disso, mediante as experiências da vida, o ser humano descobre e assume seu próprio dever e se dedica na escolha de um propósito. Uma pessoa pode desvendar o seu significado existencial de vida, mediante aos *valores criativos* (experiência por meio do alcance da meta e o que contribuiu para vida, a exemplo do trabalho); *valores vivenciais* (experiências por meio de situações belas ou verdadeiras) e *valores atitudinais* (tomar uma postura diante

de uma situação difícil ou que é inevitavelmente acompanhada pelo sofrimento) (Frankl, 1989).

O sentido de vida é um elemento vital que fornece coerência à percepção de mundo do indivíduo e um aspecto importante para o seu bem-estar psicológico e espiritual. Todavia, Frankl (1989) discute que, quando a pessoa se esforça para encontrar sentido em sua vida, sua saúde psíquica é prejudicada e assim, a falta de sentido causa uma situação chamada de *vácuo existencial*. Essa sensação de vazio decorre da visão de que a vida não tem sentido e a existência não tem qualquer propósito (Aquino et al., 2015).

Diante dos principais postulados teóricos abarcados por Frankl, o construto sentido de vida tem recebido atenção dos pesquisadores na operacionalização do fenômeno e sua relação com outras variáveis (Damásio, 2013). Neste sentido, surgiram definições similares e diferentes da proposta realizada por Frankl. Reker e Wong (1988) definiram o construto como a apreensão de organização e conexão com a própria existência, associado à busca e a realização de metas/objetivos significativos e que tem como consequência a sensação de felicidade e/ou êxito. Por sua vez, Steger (2009) considera sentido de vida como o grau em que os indivíduos possuem e percebem que têm um propósito ou um objetivo essencial em suas vidas.

Portanto, adota-se na presente dissertação a definição de sentido de vida proposto por Steger (2009), o qual identificou duas dimensões do construto: *busca de sentido* e *presença de sentido*. Este autor, igualmente com outros pesquisadores, sistematizaram o construto e desenvolveram instrumentos para a sua mensuração, sendo apresentados a seguir as principais medidas.

3.2.2 Mensuração

Inúmeros instrumentos foram desenvolvidos para mensurar sentido de vida, os quais diferem na quantidade de dimensões, número de itens e perspectiva teórica. Nesta direção, esta seção busca apresentar duas medidas que são comumente utilizadas nos estudos acerca deste construto, o *Teste de Propósito de Vida (PIL-R)* e *Questionário de Sentido de Vida (QSV)*.

O primeiro instrumento com o intuito de confirmar as preposições teóricas da Logoterapia e análise existencial foi o *Teste de Propósito de Vida (Pil-Teste)* proposto por Crumbaugh e Maholick (1964), o qual era composto por três partes (itens, complementação de sentenças e descrição autobiográfica). Devido a sua extensão, Harlow, Newcomb e Bentler (1987) desenvolveram uma versão revisada desta medida, o *Pil-R*, composto por três dimensões: desespero existencial, realização existencial e vazio existencial, os quais em conjunto, contemplam os elementos de propósito na vida, liberdade, medo da morte, satisfação com a própria vida, se a vida vale a pena e ideias suicidas (Aquino et al., 2015). Esta medida foi adaptada para o contexto brasileiro por Aquino et al. (2009), os quais encontraram uma estrutura bifatorial, correspondendo as dimensões *realização existencial* e *vazio existencial*.

Por sua vez, o *Questionário Sentido de Vida* foi desenvolvido por Steger et al. (2006) para avaliar as dimensões presença e busca de sentido, sendo composta por dez itens distribuídos igualmente entre os subfatores, respondidos em uma escala de sete pontos. A presença de sentido se refere àquelas pessoas que estão empenhadas em um significado ao longo da vida, enquanto busca do sentido diz respeito àquelas que estão tentando compreender ou elevar o propósito em sua vida. No Brasil, sua estrutura bidimensional foi confirmada por Aquino et al. (2015) e Damásio e Koller (2015).

3.2.3 Correlatos de sentido de vida com o bem-estar

Pesquisas demonstram o impacto negativo provocado pelo vazio existencial no indivíduo, tais como estresse percebido (Bauer-Wu & Farran, 2005), sintomas de ansiedade e depressão (Riichiro & Masahiko, 2006) e ideação suicida (Edwards & Holden, 2001). Por outro lado, a presença de sentido expressa impacto positivo no bem-estar psicológico (Ho, Cheung & Cheung, 2010), saúde (Brassai, Piko, & Steger, 2011) e prevenção da depressão e ansiedade em pacientes com câncer (Vehling et al., 2011). Assim, observam-se as evidências da importância desse construto no bom funcionamento psicológico.

Nesta perspectiva, Kleftras e Psarra (2012) realizaram uma pesquisa na Grécia com o objetivo de verificar as relações entre as dimensões sentido de vida, sintomatologia depressiva e saúde psicológica geral. Para isso, os autores contaram com a participação de 401 jovens recentemente convocados para o serviço nacional da marinha. Os resultados demonstraram que os indivíduos com alto escore no questionário de depressão apresentaram baixa pontuação na escala sentido de vida. Além disso, encontraram que as pessoas com alto sentido de vida demonstraram maior saúde psicológica, bem como também maior significado existencial; isso também ocorreu para pessoas casadas e maiores participações em atividades sociais. Desse modo, indivíduos que experimentam maior sentido de vida, possuem uma percepção positiva da saúde e menor índice de sintomas negativos (e.g., ansiedade, distúrbios de sono) (Kleftras & Psarra, 2012).

Cohen e Cairns (2012) buscaram encontrar quais construtos positivos (e.g., felicidade, autoeficácia) moderam a relação entre busca de sentido e bem-estar subjetivo. Para tal, participaram 500 pessoas da população geral da Austrália. A partir das análises, os dados apresentaram a relação negativa entre altos níveis de busca de sentido e bem-estar subjetivo, além dos efeitos moderados que a de presença de sentido e autorrealização possuem na felicidade quando os indivíduos buscam sentido. Os autores concluem que a

presença de sentido na vida e alto nível de realização, podem auxiliar o sofrimento quando a pessoa busca por significado existencial. Damásio e Koller (2015), na mesma direção do estudo anterior, encontraram no contexto brasileiro que busca de sentido modera a relação entre as dimensões de significado existencial e bem-estar subjetivo.

Por sua vez, Aquino et al. (2009) realizou um estudo no Brasil para verificar a relação entre sentido de vida e atitude religiosa. Com a participação de 300 pessoas da população-geral, os resultados indicaram uma correlação positiva entre atitude religiosa e realização existencial. Tais autores concluíram que a crença em algo superior, pode contribuir na relação de sentido do indivíduo no mundo. Por sua vez, Aquino, Dará e Simeão (2016) objetivaram investigar a relação entre depressão, sentido de vida e percepção ontológica de tempo em 110 pacientes que estavam em psicoterapia. Os resultados evidenciaram correlações negativas entre depressão, sentido de vida e percepção do passado, presente e futuro, evidenciando que presença de sentido e as dimensões ontológicas do tempo contribuem como construtos protetores na expressão da sintomatologia depressiva.

Diante do que foi exposto, observa-se como o construto sentido de vida é importante para o funcionamento psíquico saudável. Os estudos demonstram que a presença de sentido fornece significado existencial ao indivíduo e conseqüentemente, maior bem-estar psicológico. Não obstante, sentido de vida é um dos diferentes construtos na promoção de qualidade psíquica das pessoas, podendo-se citar outros fenômenos, a exemplo da autoestima. Desse modo, o próximo tópico irá detalhar este fenômeno.

3.3 Autoestima

3.3.1 O desenvolvimento da autoestima

A ciência comportamental, desde o seu início, expressa interesse no desenvolvimento da autoestima, a qual seus teóricos sugerem que o modo como os

indivíduos se sentem em relação a si decorre em grande parte de como os outros pensam e sentem a seu respeito (MacDonald & Leary, 2012). A perspectiva interacionista simbólica defendida por Cooley (1902) e Mead (1934) definiu a autopercepção e autoestima como a percepção que os indivíduos tem acerca de como as outras pessoas a percebem. Desse modo, diferentes pesquisadores estudaram as origens interpessoais da autoestima (MacDonald & Leary, 2012).

A perspectiva dos interacionistas simbólicos no desenvolvimento da autoestima oferece a ideia que as opiniões dos outros influenciam no período da infância e assim, os parentes/cuidadores que as aprovam, nutrem e reagem tendem a propiciar na criança uma autoestima mais elevada quando comparado aos parentes que desaprovam e não se interessam por elas (Coopersmith, 1967; Harter, 1999; Ojanen & Perry, 2007). Apesar da relação entre os pais-filhos influenciarem na autoestima, na adolescência, a aprovação entre os amigos e colegas se torna forte preditor da autoestima (Harter, Whitesell & Junkin, 1998), além dos relacionamentos com pessoas importantes durante o ciclo de vida (e.g., avós, professores) que fornecem apoio e orientação (MacDonald & Leary, 2012). Tais achados corroboram a ideia do impacto da percepção dos outros no desenvolvimento da autoestima.

Ainda sobre o desenvolvimento da autoestima, recentemente, Kuster e Orth (2013) investigaram se a estabilidade individual deste fenômeno pode declinar em decorrência do tempo. Para tal objetivo, realizaram seis avaliações em um período de 29 anos ($N = 3.180$; idade variando de 14 a 102 anos); os resultados demonstraram que, à medida que os intervalos teste-reteste aumentaram, os coeficientes de estabilidade declinaram exponencialmente e assintoticamente, aproximaram-se de um valor diferente de zero (estimado em 0,13 na amostra total). Diante dos resultados, os autores discutiram que a natureza do construto corresponde à um traço de personalidade, uma vez que a estabilidade

da autoestima no período de tempo avaliado foi similar a estabilidade das dimensões dos cinco grandes traços de personalidade (Hampson & Goldberg, 2006).

Desse modo, dada a corroboração dos estudos sobre a consideração da autoestima como traço, MacDonald e Leary (2012), por outro lado, argumentam que os fatores no desenvolvimento da característica individual da autoestima não abarcam totalmente a aprovação e aceitação explícitas dos pares. Nessa direção, a autoestima elevada também se associa à crença de que uma pessoa possui atributos positivos (e.g., aparência atraente, habilidades artísticas, música, esportes). Na verdade, a pessoa que acredita nos seus atributos desejáveis, confia que essas características promovem aceitação social (MacDonald, Saltzman, & Leary, 2003), evidenciando assim a importância que a percepção dos outros exerce na autoestima.

Diante disso, de acordo com a revisão realizada por Orth e Robins (2014), três pontos são considerados na caracterização da autoestima. Primeiro, apesar dos indivíduos diferirem de forma particular durante a trajetória de vida, os estudos longitudinais sugerem que a autoestima tende a aumentar entre a adolescência e a metade da idade adulta, sendo o auge entre 50-60 anos, e diminui rapidamente após essa faixa etária (Orth, Robins, & Widaman, 2012). Segundo esses autores, a autoestima é relativamente estável, porém não é um traço imutável, a qual o nível de estabilidade pode ser comparado com as características básicas da personalidade, como extroversão e conscienciosidade (Hampson & Goldberg, 2006). Por último, observaram que a autoestima é um importante preditor de variáveis durante a vida (e.g., saúde, relacionamentos, trabalho; Baumeister, Campbell, Krueger, & Vohs, 2003). Considerando que a autoestima é um fenômeno importante na manutenção de outros construtos de componente afetivo e comportamental, pesquisadores começaram a despender esforços para mensurar esse construto, a exemplo de Rosenberg (1969) e Coopersmith (1967).

3.3.2 Mensuração

A autoestima é um importante construto na área psicológica. Neste sentido, diferentes pesquisadores se dedicaram em sua mensuração para investigar seus antecedentes e consequentes. Entre as diversas escalas existentes, tais como *Janis and Field Feelings of Inadequacy* (Janis & Field, 1959), *Tennessee Self-Concept* (Roid & Fitss, 1988) e *Ziller Social Self-Esteem Scale* (Ziller, Hagey, Smith, &, Long, 1969) observam-se que as medidas mais utilizadas na literatura são a *Scale Self-Esteem* (Ronseberg, 1965) e *Self-Esteem Inventory* (Coopersmith, 1967), sendo as mesmas detalhadas a seguir.

A Escala de Autoestima de Rosenberg foi originalmente desenvolvida por Rosenberg (1965) para mensurar de forma global os sentimentos da autoestima e autoaceitação. A escala é composta por dez itens, os quais compõe a unidimensionalidade da autoestima. Os respondentes reportam diretamente quais são seus sentimentos em relação a si, com a escala de resposta que varia entre 1 (*Discordo fortemente*) e 4 (*Concordo fortemente*). Estudos divergem quanto a estrutura da escala, pois pesquisadores encontram a estrutura original, enquanto outros identificam uma estrutura bidimensional (Blascovich & Tomaka, 1994). No contexto brasileiro, observa-se que essa é a medida mais utilizada nos estudos acerca da autoestima, a exemplo dos estudos de Hutz e Zanon (2011), os quais encontram uma estrutura unidimensional, enquanto Sbicigo, Bandeira e Dell’Aglío (2010), na população adolescente, identificaram uma estrutura bidimensional.

O Inventário de Autoestima desenvolvido por Coopersmith (1967), por sua vez, avalia a evolução de atitudes sobre diferentes domínios do *self*. No primeiro momento, a medida foi composta por 50 itens, os quais mensuravam a autoestima na população infantil e consistia em quatro fatores: eu geral, grupo social, família e escola. Em outro trabalho subsequente, Coopersmith (1975) criou o inventário de autoestima (forma B), no qual selecionou 25 itens da medida original e abarcava a unidimensionalidade da autoestima.

As escalas de resposta de ambas as medidas são dicotômicas, sendo expressa a partir de descritores como “tem a ver comigo” ou “não tem a ver comigo” (Blascovich & Tomaka, 1994). No Brasil, foram encontrados os estudos realizados por Gobitta e Guzzo (2002), utilizando a *forma-A*, enquanto Santos (2008) utilizou em seu estudo a *forma-B*; entretanto, não foram identificados estudos que versassem sobre as propriedades psicométricas do inventário de coopersmith.

3.3.3 Correlatos da autoestima com o bem-estar

Como já explanado no tópico anterior, a autoestima se refere a percepção geral que o indivíduo possui do seu valor e estima (Rosenberg, 1979). Neste sentido, identifica-se uma miríade de construtos que são explicados pela autoestima, a exemplo de características demográficas e relacionamentos sociais (Bosson, Swann, & Pennebaker, 2000; Diener & Diener, 1995). Ademais, a autoestima vem demonstrando forte correlação com os componentes do bem-estar subjetivo em diferentes estudos, os quais indivíduos com níveis elevados de autoestima apresentam alta satisfação com a vida e afetos positivos e baixo nível de afetos negativos (Bosson et al., 2000; Kong, Zhao, & You, 2013).

Nesta perspectiva, Smedema, Catalano e Ebener (2010) buscaram examinar a relação entre *coping* e bem-estar subjetivo mediante a mediação da autoestima. Para tal, participaram do estudo 242 pessoas que constavam lesões na medula espinhal ($M_{idade} = 44,6$ anos; $DP = 13,2$). Os resultados demonstraram correlações positivas entre bem-estar subjetivo, autoestima e as dimensões *coping* positiva (esperança, proativo e senso de humor). Dessa forma, os autores desenvolveram um modelo explicativo, em que *coping* positivo e *coping* negativo se influenciam mutuamente na predição da autoestima e bem-estar subjetivo, embora diferem entre si na direção de predição da autoestima e bem-estar subjetivo. Assim, concluíram que estratégias positivas de resolução de problema, eleva o

nível de autoestima e conseqüentemente o bem-estar subjetivo, propiciando efeito positivo na saúde mental (Smedema et al., 2010).

Kong et al. (2013) objetivaram examinar os efeitos de mediação e moderação da autoestima global na relação entre suporte social e bem-estar subjetivo na população chinesa. Participaram 391 estudantes universitários com média de idade de 20,3 anos (DP = 1,84). As análises de correlação viabilizaram a análise de mediação, a qual foi consistente no modelo proposto de suporte social → autoestima → bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos). Por sua vez, ao verificar o papel moderador da autoestima entre suporte social e bem-estar subjetivo, especificamente verificou-se que a moderação ocorreu na relação entre suporte social e satisfação com a vida e afetos positivos, não o fazendo com os afetos negativos.

Diante dos resultados, os autores concluem que indivíduos com altos níveis de apoio social, tendem a apresentar maior autoestima global e conseqüentemente, contribui nas avaliações de sua vida e afetos positivos; além disso, pessoas com alto nível de autoestima e suporte social relataram maiores pontuações em satisfação com a vida e afetos positivos, comparados com aqueles com baixo suporte social (Kong et al., 2013). No que se refere ao contexto brasileiro, Hutz, Midgett, Pacico, Bastianello e Zanon (2014) encontraram relações positivas entre autoestima e bem-estar subjetivo, corroborando os estudos descritos anteriormente. Portanto, apresentado as evidências de sentido de vida e autoestima no bem-estar subjetivo, faz-se necessário descrever a contribuição de outro importante construto na saúde psíquica das pessoas: otimismo.

3.4 Otimismo

3.4.1 Definição

A construção do conceito de otimismo possui várias facetas (Kleiman et al., 2015), embora na literatura possuam um maior destaque para duas concepções teóricas, o

Otimismo explicativo e o *Otimismo disposicional*. O otimismo explicativo, também conhecido como *explanatory style*, busca compreender como as pessoas explicam a ocorrência de situações boas ou ruins que sucedem na sua rotina de modo que não se limita apenas a um pensamento positivo (Peterson & Steen, 2009). Neste sentido, um indivíduo que possui um *estilo explicativo pessimista*, por exemplo, atribui aos eventos ruins que acontecem em sua vida a causas internas, estáveis e comuns; enquanto atribui a ocorrência de uma situação favorável a causas externas, instáveis e incomuns. Entretanto, a pessoa que adota um *estilo explicativo otimista* acredita que as causas dos eventos satisfatórios são internos, estáveis e comuns, atribuindo de modo contrário para situações adversas (Seligman, 1998).

Por sua vez, o *otimismo disposicional*, refere-se a uma expectativa generalizada para as ocorrências de eventos futuros de modo que há pessoas com expectativas positivas (otimistas), enquanto existem indivíduos com expectativas negativas (pessimistas) diante de algum acontecimento (Carver & Scheier, 2009). Dessa forma, as pessoas otimistas e pessimistas lidam de maneira diferente com as adversidades das situações. Por outro lado, o ponto comum entre os otimistas e pessimistas possuem são as expectativas frente ao futuro, embora sejam em direções opostas, pois o otimista apresenta uma expectativa positiva em relação ao futuro, quanto o pessimista possui uma expectativa negativa (Scheier & Carver, 1993). Considerando isso, seus proponentes teorizaram o construto mediante ao modelo motivacional *expectancy-value*.

Especificamente, o modelo motivacional *expectancy-value* possui como pressuposto de que o comportamento se organiza por meio da busca de objetivos/metast. Apesar do conceito de *metas* variarem entre os teóricos, Carver e Scheier (2009) as definem como estados ou ações que as pessoas percebem como desejáveis ou indesejáveis. Os indivíduos se esforçam para regular seus comportamentos ao que consideram desejável e

tentam evitar aquilo que entendem como indesejável. Desse modo, quanto mais importante for o objetivo para a pessoa, maior será o seu *valor* dentro da motivação. Por sua vez, a *expectativa* diz respeito a um sentimento de confiança ou dúvida sobre a capacidade de obtenção do valor da meta. Indivíduos que possuem maior confiança, tendem a agir mais e o esforço persiste mesmo diante de eventuais adversidades (Carver & Scheier, 2014).

Diante disso, otimismo e pessimismo variam em um contínuo, constituindo uma dimensão de personalidade. Carver e Scheier (2014) para sustentar esse argumento, exemplificam que a diferença entre o traço otimista e os *big five* se concentra na formação de domínios de conteúdo. À respeito disso, os autores discutem que os cinco grandes traços representam “o quê” (por exemplo, extroversão como comunicação social), enquanto a dimensão do otimismo parte do “como” das motivações humanas (como os objetivos se transformam em comportamento).

Ademais, o otimismo é um construto cognitivo dado às expectativas aos resultados futuros, de forma que se associa com a motivação na medida em que indivíduos otimistas exercem esforços para realizar seus objetivos (Scheier, Carver, & Segerstrom, 2010). Neste sentido, compreende-se a natureza do construto otimismo como *disposicional*, uma vez que compõe uma característica intrínseca da pessoa, bem como abarca o elemento motivacional. Em outras palavras, o otimismo é um fenômeno que interliga os processos cognitivo, emocional e motivacional, pois ao mesmo tempo há a expectativa, o sentimento em relação ao objeto e as implicações motivacionais para realizar o que o indivíduo almeja (Carver & Scheier, 2014).

3.4.2 Mensuração

Entre as medidas existentes na psicologia para a mensuração do otimismo, a que se apresenta com maior destaque no campo da literatura diz respeito a *Life Orientation Test* (LOT) desenvolvida por Scheier e Carver (1985). Todavia, este instrumento sofreu

diferentes críticas acerca da similaridade com outros construtos, a exemplo da autoestima (Bastianello, Pacico, & Hutz, 2014). Neste sentido, Scheier, Carver e Bridges (1994) revisaram o instrumento e propuseram uma nova medida, a *Revised Life Orientation Test* (LOT-R), no qual os itens buscam avaliar expectativas positivas e negativas.

A LOT-R é um instrumento unidimensional composto por dez itens, os quais seis avaliam a natureza do construto e quatro são itens distratores (Bastianello et al., 2014). Sua estrutura fatorial explicou 48,1% da variância, apresentando consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,78$). No contexto brasileiro, essa medida foi adaptada por Bastianello et al. (2014) com estudantes universitários, os quais encontraram uma estrutura unidimensional e alfa de Cronbach de 0,80. Por outro lado, Ottati e Noronha (2017) aplicaram esse instrumento para adolescentes, as quais verificaram uma estrutura bifatorial, isto é, as dimensões otimismo e pessimismo.

A principal crítica em relação a LOT-R, refere-se a inconsistência da sua estrutura fatorial (Ottati & Noronha, 2017), embora Carver e Scheier (2014) defendem a medida como unidimensional. Nesta perspectiva, Pedrosa, Celis-Atenas, Suárez-Álvarez, García-Cueto e Muñiz (2015) desenvolveram uma nova medida na avaliação do otimismo disposicional na tentativa de contrapor as limitações apresentadas pela LOT-R. Desse modo, os autores elaboraram dez itens compondo *The Optimism Scale*. Esta medida foi respondida por 2.693 participantes da Espanha, encontrando uma estrutura fatorial unidimensional, com 51,1% de variância explicada e consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,84$). Esta medida apresenta evidências de validade fatorial e confiabilidade no contexto brasileiro e inglês, os quais demonstraram indicadores psicométricos adequados (Coelho et al., 2018).

3.4.3 Correlatos do otimismo com o bem-estar

O bem-estar é um componente essencial na saúde mental de modo que reflete no ajustamento favorável na qualidade de vida dos indivíduos (Mishra, 2013). Schweizer, Beck-Setffer e Schneider (1999) observaram que o otimismo influencia na percepção individual do bem-estar dada a relação próxima entre as expectativas sobre o futuro das pessoas. Neste sentido, o otimismo é positivamente correlacionado com satisfação de vida, saúde mental e autoestima (Strassle, Mckee, & Plant, 1999), com afetos positivos (Avia, 1997) e bom humor (Peterson, 2000).

Os indivíduos otimistas em relação aos pessimistas apresentam melhor saúde física (Burke, Joyner, Czech, & Wilson, 2000). Peterson (2000) demonstrou que em termos de saúde física, otimismo é um atributo de personalidade que modera níveis de estresse. Scheier e Carver (1987), por sua vez, propuseram que a influência entre otimismo e saúde física e bem-estar pode ser devido ao uso de estratégias de enfrentamento mais eficazes por indivíduos otimistas ao lidar com o estresse. Além disso, pessoas otimistas ao persistirem nos seus objetivos desejados apresentam maiores indicadores de bem-estar, assim como, crenças adaptativas e persistência na busca de metas (Scheier et al., 2010).

Hanssen et al. (2015) buscaram investigar como a estratégia de enfrentamento motivacional e o otimismo se relacionam como indicadores do bem-estar (qualidade de vida, depressão, ansiedade e enfermidade física). Para isso, contaram com a participação de 254 indivíduos holandeses ($M_{idade} = 35,31$ anos; 69% sexo feminino). Os resultados demonstraram que o otimismo se relaciona com os indicadores do bem-estar mediado pelas dimensões *flexibilidade das metas e persistência dos objetivos*. Os autores concluem que esses resultados contribuem para a ideia de que a flexibilidade das metas protege as pessoas de consequências negativas em circunstâncias estressantes e auxilia na promoção da

qualidade de vida. Portanto, a partir dos estudos supracitados pode-se observar as evidências empíricas da relação do otimismo e bem-estar psicológico.

3.5 Correlatos entre sentido de vida, autoestima e otimismo

Este último tópico busca apresentar pesquisas sobre a relação entre os principais construtos ao longo do capítulo (sentido de vida, autoestima e otimismo), uma vez que seus conceitos, mensuração e correlação com o bem-estar foram apresentados de forma separada. Como pode ter sido observado, o ponto comum entre eles é o impacto na qualidade de vida das pessoas, sobretudo, na saúde mental. Assim, o conhecimento de estudos que versam sobre as relações entre si se torna importante.

Em relação ao sentido de vida e autoestima, Zhang et al. (2015) buscaram investigar como o sentido de vida e autoestima podem impactar no vício de internet, dado que esta variável tem sido reconhecida como mal adaptativa para o funcionamento psíquico. Participaram do estudo 1.537 estudantes universitários da China, entre 18 e 25 anos (61% do sexo feminino). Os resultados demonstram que o sentido de vida e autoestima oferecem proteção contra o vício de internet. Os autores concluem a importância de trabalhar em conjunto os dois construtos como um fator protetivo a desajustamentos psicológicos.

Por sua vez, relacionando significado existencial e otimismo, Ju, Shin, Kim, Hyun e Park (2013) objetivaram verificar os efeitos de sentido de vida e otimismo no bem-estar em uma comunidade de população idosa. Os pesquisadores elaboraram a hipótese que o otimismo prediz o bem-estar subjetivo mediado pelo sentido de vida. Para tal, participaram 252 pessoas idosas com idade média de 72,6 anos (variando de 61 a 91 anos). Por meio de uma equação estrutural, os autores corroboraram sua hipótese e evidenciaram que o significado de vida e o otimismo reflete um funcionamento psicológico positivo, contrapondo a aflição e angústia presente em geral neste estágio da vida.

Por sua vez, acerca da relação entre autoestima e otimismo, Mäkikangas e Kinnunen (2003) realizaram um estudo longitudinal (dois tempo, intervalo de um ano), para verificar como a autoestima e otimismo influenciam no estresse psicossocial e bem-estar em trabalhadores finlandeses (N = 457). Os resultados demonstraram que baixos níveis de autoestima e otimismo tiveram um efeito negativo no desgaste emocional e sofrimento psíquico no sexo masculino; por outro lado, no sexo feminino o baixo nível de otimismo moderou a relação entre clima organizacional ruim, esgotamento emocional e o desgaste mental. As autoras concluíram a importância dessas variáveis como fatores protetivos em contextos mais específicos, como o trabalho.

Portanto, esses estudos evidenciam como os construtos sentido de vida, autoestima e otimismo se relacionam com o bem-estar. É importante ressaltar, diante do que foi demonstrado, que essas variáveis são conceituadas e medidas de diferentes formas, porém, apresentam como elemento em comum a promoção da qualidade de vida dos indivíduos. Assim, na presente pesquisa deste trabalho, considera esses três construtos como bem-estar subjetivo, uma vez que este é um fenômeno complexo e multidimensional e não se reduz a um único modelo ou definição, mas sim, na pluralidade de variáveis que contribuem para o ajustamento psicológico saudável.

PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS

4. ESTUDO 1. CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ESCALA DE DISPOSIÇÃO À NOSTALGIA

4.1 Método

4.1.1 Elaboração da Escala de Disposição à Nostalgia (EDN)

A construção e o desenvolvimento de instrumentos psicológicos têm lugar a partir de revisão da literatura que busca conhecer as definições (constitutiva e operacional) do construto e itens (ou instrumentos) disponíveis para medir o construto de interesse. A propósito, Pasquali (2010) entende que entre os problemas associados às medidas psicológicas, um ponto frágil se refere à sistematização do fenômeno, sugerindo que com uma fundamentação teórica coesa, torna-se possível definir operacionalmente o construto.

A partir da literatura, adotou-se a seguinte conceituação de “*nostalgia*”: é uma característica relativamente estável, em que há maior ocorrência na evocação de lembranças do passado. Embora uma característica de personalidade, reconhece-se o papel preponderante do apoio social (e.g., relacionamento com pares, amigos, familiares) no manejo da nostalgia. Desse modo, a nostalgia se torna um recurso que contribui para a homeostase psicológica e têm implicações para a motivação e o comportamento (Batcho, 1995; Batcho, 2013; Widschut et al., 2006; Cheung, et al., 2016; Stephan et al., 2015).

Tomando em conta a definição anteriormente apresentada, procurou-se elaborar itens e/ou selecioná-los das medidas prévias sobre a nostalgia, isto é, *Nostalgia Inventory* (Batcho, 1995, 2007) e *Southampton Nostalgia Scale* (Barrett et al., 2010; Routledge et al., 2008). Portanto, elaboraram-se 20 sentenças ou itens, cumprindo os critérios de adequação, relevância e clareza (Pacico, 2015), realizando análise teórica e checando evidências de validade baseadas em conteúdo.

4.1.2 Evidências de validade da EDN baseadas em conteúdo

Inicialmente, consideraram-se cinco juízes, todos professores da área de psicologia social, a maioria do sexo feminino (60%) e doutora (80%), tendo idade média de 29 anos ($DP = 3,27$). Considerando a definição constitutiva do construto, os juízes tiveram em conta os critérios “pertinência do item ao construto”, “relevância do item ao construto” e “clareza na redação do item”, avaliando cada um dos 20 itens iniciais. Suas respostas foram analisadas para calcular o *Coefficiente de Validade de Conteúdo*, proposto por Hernández-Nieto (2002).

Em relação à *pertinência do item ao construto*, indica o quanto o item representa o fenômeno e a importância para o que se propõe a medir na escala; a *relevância do item* diz respeito ao nível de associação entre a teoria/construto e o item; e, por fim, a *clareza na redação do item* indica o quanto o item linguagem e termos compreensíveis, isto é, se sua redação é de fácil entendimento (Hernández-Nieto, 2002). Os juízes pontuaram esses critérios de acordo com uma nota que variou entre 0 (zero) e 10 (dez); o seu cálculo desse coeficiente considera o número de juízes e sua média de respostas, podendo ser avaliado para cada item ou para a medida como um todo. Considerando a literatura, adotou-se como ponto de corte o valor de 0,70 (Cassepp-Borges, Balbinotti, & Teodoro, 2010).

De acordo com a Tabela 1, todos os 20 itens apresentaram evidências de validade baseadas em conteúdo. Portanto, atenderam aos critérios estabelecidos de clareza, relevância e pertinência, apresentando coeficientes acima do ponto de corte de 0,70. Desse modo, esta versão da *Escala Disposição à Nostalgia* foi a considerada no presente estudo, checando evidências de sua validade fatorial, validade convergente e consistência interna.

Tabela 2. Índices da CVC na análise dos juízes

Itens	Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC)		
	Adequação	Relevância	Clareza
01	0,92	0,92	1,00
02	0,76	0,76	1,00
03	0,92	0,92	1,00
04	0,90	0,88	1,00
05	0,92	0,82	0,92
06	0,94	0,94	1,00
07	0,90	0,90	0,96
08	0,92	0,90	1,00
09	0,88	0,94	1,00
10	0,88	0,88	1,00
11	0,90	0,86	1,00
12	0,90	0,92	1,00
13	0,90	0,90	1,00
14	0,88	0,88	1,00
15	0,96	1,00	1,00
16	0,82	0,80	0,96
17	0,88	0,86	1,00
18	0,94	0,96	1,00
19	0,92	0,94	1,00
20	0,92	0,96	1,00

4.2 Evidências de adequação psicométrica baseada na estrutura interna e validades

4.2.1 Objetivo e delineamento

Trata-se de um estudo não-experimental (correlacional), do tipo *ex post facto*, com ênfase psicométrica. Tendo em conta a inexistência de medidas voltadas para avaliação da nostalgia no contexto brasileiro, neste primeiro estudo o objetivo foi construir um instrumento, bem como conhecer as suas propriedades psicométricas.

4.2.2 Participantes

Para este estudo, contou-se com a participação de 207 estudantes universitários de uma instituição pública da cidade de João Pessoa (PB), com idade média de 22,8 anos ($DP=6,13$; variando de 17 a 60 anos). A maioria dos respondentes foi composta pelo sexo masculino (50,7%), estado civil solteiro (86,5%), classe social média (54,1%) e heterossexuais (89,8%). Além disso, a maioria se autodeclararam católicos (53%) com uma média de religiosidade de 2,94 ($DP=1,06$), em uma escala de resposta que variou de 1 (*nada religioso*) a 5 (*totalmente religioso*).

4.2.3 Instrumentos

O questionário apresentava os seguintes instrumentos:

Escala Disposição à Nostalgia (EDN). Esta medida é composta por 20 itens que abarcam a disposição à nostalgia e contém itens como “*Revejo fotos do passado*”, “*Tenho pensado sobre as brincadeiras de infância*”. A escala de resposta é do tipo *Likert*, variando de 0 (*Quase nunca*) a 4 (*Quase sempre*). Como a medida foi construída para atender o presente estudo, ainda não é possível apresentação das propriedades psicométricas EDN.

Inventário de Nostalgia (IN). Essa medida foi desenvolvida por Batcho (1995), e examina a nostalgia como traço de personalidade. Os participantes devem responder elementos que sentem falta do passado. Composta por 20 itens, a medida é dividida em cinco dimensões: 1) *cognitivos-emocionais* (e.g., coisas que você fez; o modo como as pessoas eram); 2) *contexto sociocultural* (e.g., música; séries e filmes); 3) *elementos concretos individuais* (e.g., cão, brinquedos); 4) *relações próximas* (e.g., família, alguém que você amou) e 5) *elementos sociais* (e.g., amigos, escola e igreja). A medida apresentou estabilidade temporal consistente no intervalo de uma semana ($r = 0,84$; $p < 0,01$). Neste estudo, adotou sua estrutura unifatorial, o qual apresentou alfa de Cronbach foi de 0,88.

Escala de Nostalgia Southampton (ENS). Esta escala foi desenvolvida inicialmente por Routledge et al., (2008) e expandida por Barrett et al., (2010), em que busca avaliar a propensão e a frequência à nostalgia. A escala é constituída por 7 itens (e.g., item 01. *Quão valiosa é a nostalgia para você?*; item 05. *Com que frequência você sente nostalgia?*) e apresenta um alfa de Cronbach satisfatório ($\alpha = 0,92$). A escala de resposta é do tipo *Likert* variando de 1 (*Nada*) a 9 (*Muito*), com exceção do item 07 (*Especificamente, com que frequência você traz à mente experiências nostálgicas?*) que apresenta a escala de resposta sobre a frequência do sentimento nostálgico (e.g, *pelo menos uma vez ao dia; uma ou duas vezes por mês*). A consistência interna neste estudo foi satisfatória ($\alpha = 0,84$).

Escala de Resposta Ruminativa (Short-form). Composta inicialmente por 22 itens (Nolen-Hoeksema & Morrow, 1991), esta medida constitui a versão abreviada do instrumento, sendo formada por 10 itens, proposta por Treynor et al. (2003). A versão curta se correlacionou altamente com a versão completa da escala ($r = 0,90$; $p < 0,001$). A escala de resposta é do tipo *Likert* que varia de 1 (*nunca*) a 4 pontos (*sempre*) e que abarcam duas dimensões: *reflexão* (e.g, *anota o que você está pensando e depois analisa o que escreveu*) e *cisma* (e.g., *porque eu sempre reajo dessa maneira?*), expressando consistência interna de 0,72 e 0,77, respectivamente. Neste estudo apresentou seus alfas de Cronbach foram satisfatórios para *reflexão* ($\alpha = 0,77$) e *cisma* ($\alpha = 0,69$).

Escala Solidão De Jong Gierveld (Short-form). A medida foi proposta por De Jong Gierveld e Van Tilburg (2006), adaptada para o contexto brasileiro por Coelho, Fonseca, Gouveia, Wolf e Souza (2018). Composta por seis itens, divididos em duas dimensões: *solidão emocional* constituída por três itens (e.g., *geralmente tenho uma sensação de vazio*) e os demais itens compõe a dimensão *solidão social* (e.g., *há pessoas o suficiente a quem me sinto próximo*). A escala de resposta é do tipo *Likert* que varia de 1 (*Discordo*

totalmente) a 4 (*Concordo totalmente*). Os índices de confiabilidade na presente pesquisa foram aceitáveis para solidão emocional ($\alpha= 0,69$) e solidão social ($\alpha= 0,76$).

As versões originais da IN (Batcho, 2007), ENS (Barret et al., 2010) e ERR-10 (Treyner et al., 2003) foram traduzidas para o português por dois psicólogos bilíngues. Posteriormente, as medidas foram repassadas para a língua inglesa, as quais foram avaliadas por um terceiro psicólogo bilíngue, processo denominado de *back-translation*, sendo observado a necessidade de nenhuma modificação. Por fim, uma versão preliminar foi submetida à avaliação semântica em um grupo com dez estudantes universitários, o qual também não careceu de alteração.

4.2.4 Procedimento

Antes de iniciar a coleta de dados, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil para atender aos aspectos éticos que demanda nas pesquisas científicas envolvendo seres humanos, de acordo com a resolução nº 510/16 regulamentada no Conselho Nacional de Saúde e o Ministério da Saúde (Brasil, 2016). Nesta direção, recebeu a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa, com CCAE nº (70957517.0.0000.5188) e número do parecer (2.191.039).

Os dados foram coletados em uma instituição pública de Ensino Superior da cidade de João Pessoa (PB). Inicialmente, os aplicadores foram devidamente treinados na exposição dos objetivos da pesquisa e como proceder para dirimir eventuais dúvidas dos participantes. Em seguida, a coleta de dados ocorreu de forma presencial em contexto de sala de aula, mas respondidos de forma individual. Os participantes foram instruídos acerca da participação voluntária e a garantia do anonimato e confidencialidade de suas respostas. Posteriormente, foram informados sobre a maneira de responder aos questionários. A participação na pesquisa durou aproximadamente 20 minutos.

4.2.5 Análise de dados

Utilizou-se o programa *SPSS* (versão 21) para realização de estatísticas descritivas (média, desvio padrão e frequências) e inferenciais. Neste caso, empregou-se a *MANOVA* para avaliação do poder discriminativo dos itens; posteriormente, realizou-se análise fatorial exploratória (eixos principais, *PAF*) com o intuito de conhecer a estrutura da escala. Empregaram-se múltiplos critérios para avaliar a fatorabilidade da matriz de correlação inter-itens (*KMO* e *Teste de esfericidade de Bartlett*) e checar o número de fatores a extrair (Kaiser, Cattell e Horn). Procurando conhecer a consistência interna desta medida, calcularam-se o alfa de Cronbach e a homogeneidade dos itens (correlação média inter-itens; r_{ii}). Por fim, estabeleceu-se a comparação entre os alfas de Cronbach das versões propostas da medida, ponderando o número de itens (Hakstian & Whalen, 1976).

4.3 Resultados

4.3.1 Poder discriminativo dos itens

Inicialmente, procurou-se investigar a qualidade métrica dos itens na tentativa de avaliar se estes conseguiam discriminar os indivíduos com magnitudes próximas em nostalgia. Nesta direção, com base na mediana empírica da pontuação total (somatório dos itens) ($Md = 23$), definiram-se os grupos inferior e superior, comparando-os por meio de *MANOVA* em relação ao conjunto de itens e cada item especificamente.

Observou-se que o conjunto de itens foi discriminativo [$\text{Lambda de Wilks} = 0,31$; $F(20, 154) = 17,20$, $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,69$]. Especificamente, os três itens mais discriminativos foram (nesta ordem): 13 (*Tenho pensado sobre as brincadeiras na infância*), 9 (*Tenho pensado sobre as brincadeiras de infância*) e 15 (*Lembro-me do cheiro das coisas de minha infância*).

Tabela 3. Poder discriminativo dos itens

EDN	GRUPO CRITÉRIO				CONTRASTE		
	INFERIOR		SUPERIOR				
	Itens	M	DP	M	DP	F	P
1	0,95	0,12	1,76	0,11	23,465	0,001*	0,119
2	1,20	0,12	2,14	0,12	29,207	0,001*	0,144
3	0,75	0,14	1,79	0,14	25,652	0,001*	0,129
4	0,72	0,11	1,71	0,11	38,605	0,001*	0,182
5	0,45	0,11	0,95	0,10	10,509	0,001*	0,057
6	1,48	0,11	2,32	0,11	28,680	0,001*	0,142
7	1,58	0,11	2,64	0,11	40,140	0,001*	0,188
8	1,82	0,12	2,88	0,12	35,672	0,001*	0,171
9	0,41	0,10	1,76	0,10	85,088	0,001*	0,330
10	1,60	0,12	2,55	0,12	29,361	0,001*	0,145
11	0,79	0,13	1,82	0,13	29,775	0,001*	0,147
12	0,93	0,12	2,43	0,12	71,249	0,001*	0,292
13	0,82	0,09	2,13	0,09	104,287	0,001*	0,376
14	1,22	0,12	2,51	0,11	58,552	0,001*	0,253
15	0,61	0,09	1,88	0,09	82,178	0,001*	0,322
16	0,93	0,13	1,88	0,13	26,426	0,001*	0,133
17	0,84	0,11	1,69	0,11	25,917	0,001*	0,130
18	0,34	0,09	1,49	0,08	81,534	0,001*	0,320
19	1,05	0,12	1,97	0,11	30,075	0,001*	0,148
20	0,39	0,09	1,51	0,09	65,733	0,001*	0,275

Nota. * item discriminativo ($p < 0,001$).

4.3.2 Evidências de validade fatorial

Procurando conhecer a estrutura fatorial da EDN, realizou-se uma análise fatorial dos eixos principais (Pasquali, 2012). Inicialmente, checkou-se se os itens eram passíveis de fatoração, o que foi comprovado [KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) = 0,82 e *Teste Esfericidade Bartlett*, $\chi^2(190) = 1276,70$, $p < 0,001$]. Deste modo, procedeu-se à esta análise sem fixar número de fatores, decisão que foi tomada a partir de três critérios: (1) Kaiser (valores superiores a 1), tendo sido identificados até seis fatores que explicaram conjuntamente 60,8% da variância total, apresentando os seguintes valores próprios: 5,88, 1,56, 1,35, 1,20,

1,14 e 1,03; (2) Cattell (Figura 2) surgiu a retenção de um único fator, que claramente se destacou dos demais na distribuição gráfica dos valores próprios; os demais praticamente não se diferenciaram entre eles; e, finalmente, (3) Horn (análise paralela), realizando 1.000 simulações da estrutura do banco de dados (20 itens e 207 participantes), sugeriu extrair dois fatores, pois o terceiro valor próprio simulado foi superior (1,39) ao correspondente empírico (1,35).

Em razão da divergência entre os três critérios de retenção dos fatores, decidiu-se pelo critério de parcimônia. No caso, realizou-se uma nova *PAF*, desta vez fixando a extração de um único fator, observando que 19 dos 20 itens saturaram com cargas superiores a $|0,30|$; o único que não o fez foi o item 5 (*Tenho assistido novelas que estão sendo reprisadas*), cuja carga fatorial foi 0,28. Embora a maioria dos itens tenha apresentado saturações satisfatórias ($\lambda \geq 0,30$; Pasquali, 2003), decidiu-se impor critério mais estrito ($\lambda \geq |0,50|$), visando contar com uma medida mais curta de nostalgia. Portanto, selecionaram-se dez itens, mostrando-se os resultados de uma e outra estrutura (ver Tabela 4).

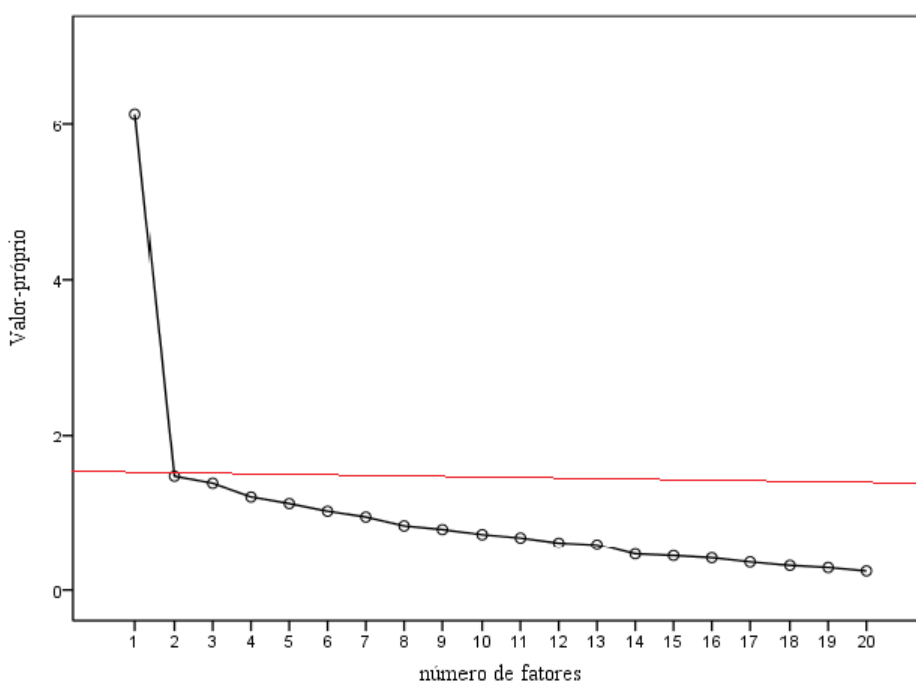


Figura 2. Gráfico Scree Plot

Tabela 4. Estrutura fatorial da Escala de Disposição à Nostalgia

	EDN (Total)		EDN (10 itens)	
	Saturações	h ²	Saturações	h ²
Item 13	0,68	0,55	0,70	0,46
Item 15	0,67	0,51	0,70	0,46
Item 09	0,65	0,47	0,61	0,36
Item 18	0,65	0,53	0,67	0,43
Item 20	0,62	0,56	0,63	0,51
Item 04	0,56	0,50	0,60	0,44
Item 12	0,55	0,48	0,63	0,38
Item 02	0,52	0,31	0,52	0,26
Item 14	0,50	0,36	0,52	0,27
Item 07	0,50	0,38	0,40	0,21
Item 10	0,46	0,35		
Item 08	0,46	0,42		
Item 01	0,45	0,43		
Item 06	0,43	0,33		
Item 11	0,43	0,43		
Item 19	0,42	0,44		
Item 16	0,40	0,28		
Item 17	0,38	0,26		
Item 03	0,36	0,25		
Item 05	0,28	0,18		
N° de itens	19		10	
Valor-próprio	5,92		4,22	
% variância	29,63		42,33	
α Cronbach	0,86		0,84	

4.3.3 Consistência interna e Homogeneidade dos itens

Calculou-se a confiabilidade da medida por meio do alfa de Cronbach para os 19 itens, os quais apresentaram o valor adequado ($\alpha = 0,86$). Entretanto, como demonstrado anteriormente, na tentativa de contar com uma medida breve e parcimoniosa, foram selecionados os itens que saturaram com carga igual ou acima $|0,50|$, cujo fator correspondente apresentou consistência interna de 0,84. Por sua vez, no que se refere a homogeneidade dos itens, verificou-se EDN na versão reduzida (dez itens), demonstrou

correlação inter-itens (r_{ii}) variando de 0,15 (itens 4 e 7) a 0,58 (itens 4 e 20) e a correlação inter-total variou entre 0,36 e 0,63, com média de 0,54. Posteriormente, comparou-se os alfas de Cronbach entre as duas versões [$M_{H-W} = 0,84$; $p > 0,05$], demonstrando que a consistência interna não diferiram entre si (Hakstian & Whalen, 1976).

4.3.4 Validade convergente e de critério

Com o intuito de abranger outras evidências de validade de construto, por último se realizou a validade convergente e discriminante da EDN com medidas que mensurem o mesmo construto, isto é, *Inventário de Nostalgia* e a *Escala de Nostalgia*. Além delas, buscou-se averiguar a validade de critério da EDN mediante a sua relação com variáveis externas (ruminação e solidão). Comparou-se a correlação da validade convergente e critério tanto na versão com 19 itens como na versão de 10 itens.

Tabela 5. Validade Convergente e Critério.

	1	2	3	4	5	6	7
1. EDN_{total}							
2. EDN	0,94 ***						
3. IN	0,56***	0,57***					
4. ENS	0,36 ***	0,31***	0,50***				
<i>Ruminação</i>							
5. Reflexão	0,26 ***	0,24**	0,26***	0,26**			
6. Cisma	0,14	0,09	0,30***	0,15**	0,50***		
<i>Solidão</i>							
7. Solidão emocional	0,27***	0,20**	0,29***	0,20**	0,46***	0,49***	
8. Solidão social	-0,00	-0,01	-0,01	0,00	0,22***	0,29***	0,52***

Nota. *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$. EDN (Escala de Disposição à Nostalgia); 2. IN (Inventário de Nostalgia); 3. ENS (Escala de Nostalgia Southampton); 4. e 5. (Escala de Resposta Ruminativa) e 6. e 7. (Escala de Solidão de De Jong Gierveld).

Como pode ser observado na tabela 5, a escala proposta demonstrou correlações significativas. Com o foco direcionado para escala com versão reduzida, verificam-se associações com os instrumentos IN ($r = 0,57$; $p < 0,001$) e ENS ($r = 0,36$; $p < 0,001$), os quais também mensuram o construto nostalgia. Ademais, a EDN demonstrou correlações

positivas com a dimensão de *reflexão* do construto ruminação ($r = 0,24$; $p < 0,001$) e com *solidão emocional* ($r = 0,20$; $p < 0,001$); por outro lado, não houve relação com as dimensões *cisma* ($r = 0,09$; $p > 0,05$) e *solidão social* ($r = -0,01$; $p > 0,05$). Destaca-se a forte associação ($r = 0,94$; $p < 0,001$) da versão completa (19 itens) com a versão reduzida (10 itens). Os resultados são discutidos no tópico a seguir.

4.4 Discussão parcial

Este estudo teve como objetivo desenvolver a *Escala Disposição à Nostalgia (EDN)*, reunindo evidências de sua validade de construto (fatorial e convergente) e consistência interna. Espera-se que os resultados descritos permitam alcançá-lo. Procura-se, a seguir, discutidos detalhadamente.

No primeiro momento, ressalta-se que, apesar de existirem instrumentos voltados a medir a nostalgia no contexto internacional, em lugar de adaptá-los ao Brasil, decidiu-se elaborar uma escala, superando limitações das medidas prévias, que, por exemplo, em suas versões finais consideram muitos itens (Batcho, 1995) ou empregam diferentes escalas de respostas (Barrett et al., 2010). Além disso, nesses instrumentos não se conhece adequadamente suas estruturas fatoriais; embora possam até admitir múltiplos fatores, no momento de correlacionar a pontuação da escala ou calcular sua consistência interna, a consideram como unifatorial (Barret et al., 2010; Batcho, 1995; Routledge et al., 2008).

Com o intuito de construir a *EDN*, o primeiro passo foi elaborar uma definição constitutiva do construto a partir da literatura em Psicologia focada no tema (Barrett et al., 2010; Batcho, 1995; Holbrook & Schindler, 1991; Routledge et al., 2008). Em seguida, procurou-se operacionalizar o construto, reunindo itens que poderiam representar sua definição conceitual, mas também elaborando novos itens que são recorrentes para representá-lo na realidade brasileira. Procurando avaliar se os itens reunidos apresentavam

poderiam ser considerados uma amostra adequada para apresentar o construto da *nostalgia*, tiveram-se em conta os critérios de simplicidade, credibilidade e clareza. (Pasquali, 2010).

O conjunto de 20 itens reunidos foi posteriormente submetido à análise de juízes, visando avaliar sua qualidade a partir de critérios comumente recomendados na literatura, isto é, pertinência e relevância do item ao construto, além de sua clareza (Reppold, Gurgel, & Hutz, 2014). Considerando o *Coefficiente de Validade de Conteúdo* (Hernández-Nieto, 2002), admitindo ponto de corte mínimo de 0,70 (Cassep-Borges et al., 2010), comprovou-se que todos os itens foram considerados adequados pelos juízes para representar o construto nostalgia. Portanto, na versão preliminar da *EDN* foram mantidos os itens iniciais, que são coerentes com a concepção da nostalgia como uma emoção orientada para o passado, podendo suscitar a ambivalência de afetos negativos e positivos (Sedikides et al., 2015). A propósito, pessoas com disposições nostálgicas tendem a recordar lembranças da infância e relacionamentos interpessoais próximos, além de apresentarem memórias mais sociais, como comidas ou bebidas típicas que marcam determinada época (Batcho, 1995).

Com a *EDN* aplicada, realizaram-se os procedimentos empíricos de análise do instrumento (Pasquali, 2010). Especificamente, procurou-se conhecer o poder discriminativo de seus itens, considerando grupos-critério internos a partir da mediana empírica, indicando que todos os itens foram discriminativos ($p < 0,001$), e demonstrar evidências de sua validade fatorial, validade convergente e consistência interna. No caso da validade fatorial, a decisão de realiza-la pareceu adequada, uma vez que o *KMO* foi superior a 0,80 (Kline, 2013) e o *Teste de Esfericidade de Bartlett* rejeitou a hipótese de a matriz das correlações ser uma matriz de identidade (Tabachnick, & Fidell, 2013).

Decidiu-se realizar uma análise fatorial exploratória (*PAF*), avaliando quando fatores extrair a partir de múltiplos critérios (Kaiser, Cattell e Horn). Não houve consenso,

podendo o número de fatores variar de um a seis. Tomando em conta o critério de parcimônia, checkou-se como os itens se comportariam em uma solução unifatorial, observando-se que 19 dos 20 apresentaram cargas superiores ao ponto de corte recomendado na literatura (0,30; Pasquali, 2003); o único que não alcançou este valor se aproximou, sendo claramente diferente de zero ($\lambda = 0,28$; $z > 1,96$, $p < 0,01$). Em todo caso, decidiu-se reter apenas os 19 itens para uma versão ampliada da escala, mas, visando contar com uma mais curta, definiu-se como ponto de corte a saturação mínima de 0,50, que que permitiu identificar dez itens que explicaram mais de um quarto da variância total (Costello & Osborne, 2005; Tabachnick & Fidell, 2013). Portanto, pareceu adequado tratar esta medida como unidimensional.

No que diz respeito à consistência interna desta escala, a versão reduzida se mostrou adequada, inclusive com valores muito próximos daqueles da versão original de 19 itens e coerente com o que tem sido observado para outras medidas sobre nostalgia (Batcho, 1995; Routledge et al., 2008). De fato, o alfa de Cronbach destas versões foi superior ao ponto de corte comumente adotado na literatura (0,70; Pasquali, 2003), atestando evidência deste parâmetro. Contudo, checkou-se também sua homogeneidade, correspondendo à correlação média inter-itens (r_{ii}), que não é afetada pelo número de itens da medida; os valores observados foram também superiores ao que tem sido recomendado ($r_{ii} = 0,20$; Clarck & Watson, 1995).

Procurou-se, ainda, comprovar evidências de validade convergente da Escala de Disposição à Nostalgia com duas outras medidas comumente utilizadas para avaliar este construto, isto é, o *Inventário de Nostalgia* e a *Escala de Nostalgia Southampton*. Os resultados foram promissores, na direção do que se poderia esperar. Por exemplo, Routledge et al. (2008) observaram correlação entre estas duas últimas medidas de 0,40 ($p < 0,001$), e a *EDN* se correlacionou positivamente com ambas as escalas na faixa de 0,30-

0,60 ($p < 0,001$). Portanto, o construto *nostalgia* é claramente compartilhado por esses três instrumentos, favorecendo pensar em evidências de validade convergente da escala ora proposta.

Além da mensuração com medidas que avaliam a nostalgia, averiguaram-se correlações com o subfator de ruminação reflexão e solidão emocional, sendo estes resultados congruentes com a literatura. Em relação a ruminação, resultado similar foi encontrado no estudo de Cheung et al. (2017). Tais autores discutem que a existência dessa relação decorre do compartilhamento em comum dos construtos na representação da memória autobiográfica. Por sua vez, a relação apenas na dimensão solidão emocional ocorre devido à sua natureza desencadeadora na utilização do recurso psicológico da nostalgia para encontrar homeostase no funcionamento psíquico (Wildschut et al., 2006; Zhou et al., 2008).

Portanto, pode-se concluir que este estudo apresentou o desenvolvimento de uma medida que avalia a disposição dos indivíduos se envolverem em vivências nostálgicas, constituindo a Escala Disposição à Nostalgia. Para tanto, torna-se pertinente estudos futuros na direção de confirmar a estrutura fatorial encontrada, verificar a consistência interna e comparar os indicadores de alfas de Cronbach, averiguar a estabilidade temporal da medida (teste-reteste), bem como replicar a relação da validade convergente e critério. Portanto, a partir destes aspectos levantados, procura-se levar a cabo o estudo a seguir.

5. ESTUDO 2. CONFIRMANDO A ESTRUTURA FATORIAL DA EDN E SUA RELAÇÃO COM VARIÁVEIS EXTERNAS

5.1 Objetivo e Delineamento

Este estudo tem por objetivo principal confirmar a estrutura fatorial da Escala de Disposição à Nostalgia (EDN). Especificamente, busca apresentar índices de adequação da escala, consistência interna e estabilidade temporal da medida e, por fim, averiguar a relação da EDN com as mesmas variáveis do estudo anterior. Trata-se de um estudo com delineamento não experimental (correlacional) do tipo *ex post facto*.

5.2 Método

5.2.1 Participantes

A amostra foi por conveniência (não-probabilística) com 260 estudantes universitários de uma instituição pública da cidade de João Pessoa (PB). Os participantes apresentaram idade média de 22,3 anos ($DP = 5,92$; variando de 17 a 57 anos), a maioria do sexo feminino (52,7%), solteiras (86,4%), heterossexuais (88%) e de classe social média (50%). Em relação a religião a maioria foi católica (46,1%) se autodeclarando mediantemente religiosos ($M = 2,7$; $DP = 1,08$). A escala de resposta variou entre 1 (*Nada religioso*) e 5 (*Totalmente religioso*).

5.2.2 Instrumentos

Foram utilizadas questões demográficas (idade, sexo, estado civil, orientação sexual e religião) e a Escala de Disposição à Nostalgia, uma medida unidimensional composta por 10 itens. Os participantes responderam em uma escala do tipo *Likert* que varia de 0 (*Quase nunca*) a 4 (*Quase sempre*), a exemplo de itens como “*Penso sobre as tradições festivas do passado*” e “*Lembro-me da comida da minha mãe/avó*”. Esta medida apresentou a consistência interna de 0,84. Além desses, os participantes responderam aos instrumentos: Inventário de Nostalgia (Batcho, 1995), Escala de Nostalgia Southampton (Barrett et al., 2010), de Resposta Ruminativa (Treyner et al., 2003) e Escala de Solidão de De Jong Gierveld (Coelho et al., 2018).

5.2.3 Procedimento

A coleta de dados ocorreu de forma presencial, em contexto de sala de aula, mas respondidos individualmente. Em seguida, foram explicados os objetivos da pesquisa e as instruções na forma de responder, além de reforçar o caráter anônimo e voluntário da pesquisa, não acarretando nenhum dano para os participantes. A aplicação do questionário ocorreu em torno de 20 minutos para completar todo o questionário. Esse estudo atendeu aos preceitos éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética na Resolução n° 510/16 com CCAE n° (70957517.0.0000.5188) e número do parecer (2.191.039).

5.2.4 Análise de dados

Os dados foram analisados por meio do *Software* estatístico R versão 3.3.2 (R Development Core Team, 2015). Para análise fatorial confirmatória (AFC), utilizou-se o pacote *Lavaan* (Rosseel, 2012), considerando a estimação *Maximum Likelihood* (ML), como entrada para matriz de covariância. Para fins da avaliação do modelo, foram adotados os seguintes indicadores de ajuste (Brown, 2015; Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009; Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Müller, 2003):

χ^2 (qui-quadrado). É utilizado para avaliar a adequação de um modelo de equações estruturais. Em outras palavras, é um indicador que testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior esse valor, pior o ajustamento. Em razão da sua sensibilidade ao tamanho de amostra e número de variáveis do modelo, deve-se interpretar sua relação aos graus de liberdade (χ^2/df). Neste caso, os valores dois a três (aceitando um valor até cinco) são indicadores de um ajustamento adequado.

GFI (*Goodness-of-Fit Index*) e AGFI (*Adjusted Goodness-of-Fit Index*).

Expressam a proporção de variância e covariância nos dados explicada pelo modelo, tendo em conta os graus de liberdade e o número de variáveis consideradas. Especificamente em relação ao GFI testa que o melhor modelo será aquele quando comparado com o modelo

nulo, ou seja, quando todos os parâmetros são fixados em zero. Por sua vez, o AGFI, ajusta os graus de liberdade do modelo em relação ao número de variáveis observadas e, assim, recompensa modelos menos complexos (menos parâmetros). Estes índices variam de 0 a 1, com valores na casa de 0,90 (ou superior) indicando um ajuste satisfatório.

CFI (*Comparative Fit Index*). É um índice comparativo, adicional, de ajuste ao modelo. Ele compara a matriz de covariância predita pelo modelo com aquela realmente observada; comparado aos outros índices, ele é o menos afetado pelo tamanho da amostra. São admitidos os valores iguais ou superiores a 0,90 como um ajuste adequado.

TLI (*Tucker-Lewis index*). Similar ao CFI, este índice apresenta recursos que compensam o efeito da complexidade do modelo, isto é, inclui uma função de penalidade para adicionar parâmetros estimados livremente que melhoram de forma notável o modelo. Recomendam-se valores iguais ou superiores a 0,90.

RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Approximation*). O RMSEA é um índice de "erro de aproximação" dado que avalia como um modelo se adequa de modo satisfatório na população. Neste sentido, o RMSEA compensa o efeito de complexidade do modelo transferindo a discrepância no ajuste por cada grau de liberdade no modelo; assim, é sensível ao número de parâmetros do modelo. Ademais, por meio dos intervalos de confiança (geralmente usado um intervalo de 90%) indica a pontual precisão desse estimador. Admite-se como ideal que a *RMSEA* se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10.

Além disso, utilizou-se o software *SPSS* (versão 21) para análise de correlação, bem como a consistência interna da medida, foram calculados: a) alfa de Cronbach; b) o cálculo de Hakstian e Whalen (1976) para comparar a estabilidade dos alfas de Cronbach entre amostras diferentes; c) calculou-se a confiabilidade composta (CC) por meio da calculadora desenvolvida por Gouveia e Soares (2015), cujo valor a partir de 0,70 garante

evidência deste parâmetro (Hair et al., 2009); d) correlação para o primeiro e segundo tempo na estabilidade da medida (teste-reteste). Por fim, utilizou-se o r de Pearson para a validade convergente e discriminante.

5.3 Resultados

5.3.1 Confirmação da estrutura fatorial da EDN

A primeira parte deste estudo buscou confirmar a estrutura fatorial encontrada nos achados do estudo anterior. Desse modo, por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), adotou-se como estimador o ML (*Maximum Likelihood*). A partir da análise, encontrou-se os seguintes indicadores de ajuste: ($\chi^2/g.l. = 3,51$; GFI= 0,91; CFI = 0,86; TLI= 0,82; RMSEA= 0,09 (0,80-0,11). Observando os índices de modificação se verificou que o item 10 demonstrava o par de erro bastante associado aos itens 2 ($e_2-e_{10} = 41,55$) e 8 ($e_8-e_{10} = 10,01$), isto é, fortes relações entre as variâncias do erro indicador. Desse modo, optou-se por reespecificar o modelo inicial a partir da exclusão do item 10 (*Lembro-me de festas e comidas típicas do passado*), ficando o modelo reespecificado (M2) composto por 9 (nove) itens.

A Análise Confirmatória realizada com o modelo reespecificado indicou uma melhora dos índices de bondade de ajuste [$\chi^2/g.l. = 2,08$; GFI = 0,95; AGFI= 0,92; TLI = 0,91; CFI = 0,94, RMSEA = 0,06 (0,04-0,08)], sendo estes considerados satisfatórios. Neste sentido, foram avaliadas as saturações verificando que todos os pesos fatoriais (λ) foram significativos e estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$; $p < 0,05$). Portanto, permaneceram nove itens no modelo final da EDN (ver figura 3).

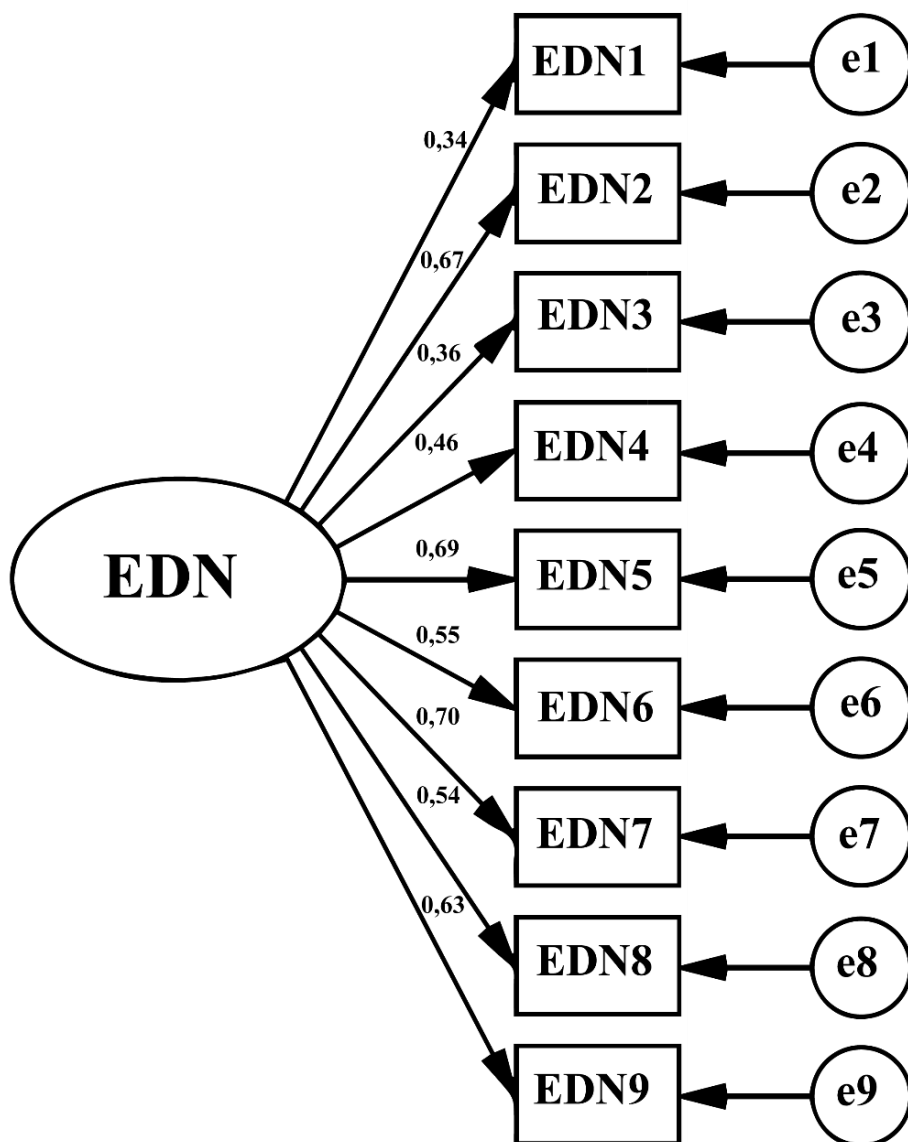


Figura 3. Estrutura fatorial da Escala de Disposição à Nostalgia.

5.3.2 Consistência interna e Estabilidade temporal

Inicialmente, calculou-se o alfa de Cronbach para os nove itens da estrutura fatorial estabelecida demonstrando sua adequação ($\alpha = 0,78$). Posteriormente, decidiu-se comparar este alfa de Cronbach com aquele do estudo anterior ($\alpha = 0,84$), averiguando que não diferiram, expressando a estabilidade dos alfas em amostras diferentes [$M_{H-W} = 5,40$; $p > 0,05$]. Por fim, calculou-se a confiabilidade composta, o qual é um indicador mais robusto em relação ao alpha, verificando um valor acima do recomendado (CC= 0,79).

Para reunir evidências acerca da estabilidade temporal da medida, avaliou-se o teste-reteste. Nessa ocasião, contou-se com a participação de 52 indivíduos ($M_{idade} = 21,6$; $DP = 4,28$; 69% do sexo feminino); em dois momentos (t_1 e t_2 ; 30 dias de intervalo entre as aplicações). Por meio do cálculo correlação r de Pearson, os resultados evidenciaram correlação forte entre os escores da primeira e segunda aplicação ($r_{tt} = 0,82$; $p < 0,001$). Além disso, o teste t para amostras dependentes não indicou diferença significativa ($t = p > 0,05$) entre as pontuações nos dois tempos ($M_{t1} = 16,03$, $DP = 6,90$; $M_{t2} = 15,01$, $DP = 7,80$).

5.3.3 Validade Convergente e de Critério

Na última parte deste estudo, decidiu-se realizar uma validade convergente e de critério com as mesmas variáveis do estudo anterior. Nessa ocasião, foram verificadas correlações nas direções esperadas. Os dados são detalhados na Tabela 06.

Tabela 6. Validade convergente e de critério

	1	2	3	4	5	6
1. EDN						
2. IN	0,55***					
3. ENS	0,36***	0,40***				
<i>Ruminação</i>						
4. Reflexão	0,30***	0,20**	0,34***			
5. Cisma	0,27***	0,26***	0,21**	0,61***		
<i>Solidão</i>						
6. Solidão emocional	0,15*	0,13*	0,17**	0,23***	0,49***	
7. Solidão social	0,08	0,01	-0,04	0,38***	0,32***	0,51***

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$ 1. EDN (Escala de Disposição à Nostalgia); 2. IN (Inventário de Nostalgia); 3. ENS (Escala de Nostalgia Southampton); 4. e 5. (Escala de Resposta Ruminativa) e 6. e 7. (Escala de Solidão de De Jong Gierveld).

A EDN se correlacionou positivamente com o Inventário de Nostalgia ($r = 0,55$; $p < 0,001$) e a Escala de Nostalgia Southampton ($r = 0,36$; $p < 0,001$). Ademais, em relação a validade de critério, observou-se que a EDN se relacionou positivamente com os subfatores da ruminação, isto é, *reflexão* ($r = 0,30$; $p < 0,001$) e *cisma* ($r = 0,27$; $p < 0,001$). Por fim, a medida proposta apresentou correlação da dimensão *solidão emocional* ($r = 0,15$; $p < 0,05$), porém não o fez com *solidão social* ($r = 0,08$; $p > 0,05$). A partir do que foi exposto, os dados são discutidos no tópico a seguir.

5.4 Discussão Parcial

O presente estudo objetivou confirmar a adequação da EDN e sua relação com variáveis externas. Especificamente, testou-se a estrutura fatorial que emergiu no estudo anterior; buscou apresentar índices de precisão como confiabilidade composta e estabilidade temporal da medida e, por fim visou explorar a relação da versão final da escala para a validade convergente e discriminante.

Em relação a confirmação da estrutura fatorial que emergiu no estudo anterior, corroborou-se a unidimensionalidade da medida, porém foi identificada a necessidade da exclusão de 1 (um) item. Neste sentido, a exclusão deste item ocorreu por meio de critérios empíricos, ao passo que foram verificados altos resíduos padronizados com outros itens. Desse modo, a composição final da EDN contou com um total nove itens.

Ressalta-se que no presente estudo optou-se por não correlacionar os resíduos dos itens entre si. Apesar de ser comum nas pesquisas as correlações entre os erros das variáveis latentes, com justificativas plausíveis como a presença da teoria e o conteúdo do item em específico (Brown, 2015), este procedimento possui implicações importantes. Por exemplo, a correlação dos resíduos demonstram problemas como a busca para alcançar boas estatísticas de ajuste em outras amostras; as correlações significativas podem ocorrer devido ao erro da amostragem, uma vez que os modelos modificados geralmente

capitalizam as características idiossincráticas dos dados da amostra e são susceptíveis de produzir um desvio do verdadeiro modelo populacional; e por fim, pode prejudicar as estimativas dos parâmetros tanto da medida quanto do modelo estrutural, mascarando a estrutura subjacente das relações modeladas (Gerbing & Anderson, 1984; Hermida, 2015).

Em relação a precisão da medida, os procedimentos adotados demonstraram consistência interna satisfatória, como o alfa de Cronbach superior a 0,70 (Pasquali, 2003), além disso, verificou-se que os alfas não difeririam quando comparado com o valor e amostra do estudo anterior e assim, demonstrando estabilidade em amostras diferentes (Hakstian & Whalen, 1976). A confiabilidade composta por sua vez, também apresentou ponto de corte satisfatório ($\leq 0,70$; Fornell & Larcker, 1981; Valentini & Damásio, 2016), averiguando que não houve discrepância dos valores quando comparado ao alfa. Ademais, checkou a estabilidade da medida durante um período do tempo, isto é, teste-reteste. Este apresentou correlação de magnitude forte e positiva ($\leq 0,80$) entre o primeiro e segundo tempo no mesmo grupo de participantes demonstrando a estabilidade da EDN (Cicchetti, 1994; Drost, 2011).

No que se refere a relação da EDN com as outras medidas que avaliam nostalgia, bem como os construtos de ruminação e solidão, os resultados foram de acordo com os pressupostos teóricos e pesquisas anteriores, incluindo o estudo anterior (ver estudo 1) (Barrett et al., 2010; Batcho, 1998; Cheung, et al., 2017; Garrido, 2018; Routledge et al., 2008; Widschult et al., 2006; Zhou et al., 2008). Observou-se que o instrumento que mensura a nostalgia como um traço apresentou maior coeficiente de correlação comparado a escala que avalia a frequência e intensidade do sentimento de nostalgia. Ademais, corrobora-se a relação encontrada com o IN e ENS, sendo os resultados desse estudo convergentes com os encontrados por Routledge et al. (2008).

Quanto à relação da medida proposta com os outros construtos, é pertinente destacar que observou-se resultados similares ao estudo anterior, exceto com o subfator cisma. Não obstante, esses resultados são coerentes com os achados encontrados na literatura, em que a nostalgia é um fenômeno “agridoce”, ou seja, é uma disposição de caráter ambivalente expressa pelos indivíduos. Garrido (2018) discute que a relação da nostalgia com ruminação pode depender da percepção habitual do passado das pessoas, em vez da frequência com que as mesmas experienciam à nostalgia. Desse modo, padrões de pensamento não saudáveis podem estar relacionados a níveis elevados de depressão e ansiedade (Verplanken, 2012). Por outro lado, Cheung, et al., (2017) sugerem que a relação desses fenômenos reside no compartilhamento da memória, embora a função da nostalgia seja mais positiva para o indivíduo quando comparada com a ruminação.

Além desses achados, torna-se importante compreender a relação da nostalgia com o subfator de solidão emocional, porém, não o fez com a dimensão solidão social. A solidão se caracteriza por um conjunto de sentimentos negativos, como pessimismo e falta de apoio social. Widschut et al., (2006) discutem esse componente como um dos gatilhos para emergir a nostalgia. Neste sentido, quando os indivíduos vivenciam a solidão no aspecto emocional, a nostalgia aparece para aumentar a percepção de apoio social ao passo que, diminui o impacto negativo da solidão (Zhou et al., 2008). Portanto, os achados encontrados neste estudo são coerentes com a literatura.

Diante do que foi apresentado, conclui-se que a Escala de Disposição à Nostalgia demonstra ser uma nova medida para avaliar a nostalgia, uma vez que apresenta índices de ajuste satisfatórios, contando-se assim com um instrumento breve e coerente com a literatura a partir da sua compreensão com outras variáveis. Não obstante, ressalta-se a importância de explorar esse fenômeno com outros construtos identificados na literatura, como afetos positivos e negativos (Hepper et al., 2012), autoestima (Cheung et al., 2013;

Reid et al., 2015), sentido de vida (Routledge et al., 2012), bem como outras variáveis adicionais, a exemplo dos valores humanos. Nessa conjuntura, considera-se oportuno ampliar o entendimento acerca da nostalgia e sua relação com outros construtos, levando-se a cabo a realização dos próximos estudos.

6. ESTUDO 3. EXPLICANDO A AUTOESTIMA E PRESENÇA DE SENTIDO A PARTIR DA NOSTALGIA: O PAPEL MEDIADOR DOS VALORES INTERATIVOS

6.1 Objetivo e Delineamento

Este estudo tem como objetivo geral verificar o poder preditivo dos indivíduos com alta propensão à nostalgia na autoestima e presença de sentido e o papel mediador dos valores interativos. Especificamente, em um primeiro momento, buscou-se identificar a relação entre nostalgia, as subfunções valorativas, autoestima, sentido de vida, bem como os afetos positivos e negativos. Para atender aos objetivos propostos, criou-se um percentil para discriminar indivíduos com alta e baixa disposição em nostalgia. Similar aos estudos anteriores, trata-se de um estudo não experimental correlacional (tipo *ex post facto*).

6.1.1 Hipóteses

Hipóteses referentes à relação entre nostalgia, valores humanos e variáveis do bem-estar

Hipótese 1.1. A pontuação total da EDN irá se correlacionar positivamente com a subfunção interativa.

Hipótese 1.2. A pontuação total da EDN irá se correlacionar positivamente com os valores idealistas.

Hipótese 1.3. A pontuação total da EDN se correlacionará positivamente com a autoestima.

Hipótese 1.4. A pontuação total da EDN e presença de sentido se correlacionarão positivamente.

Hipótese 1.5. Afetos positivos irão se correlacionar positivamente com a pontuação total da EDN.

As hipóteses elaboradas nesta seção seguiram como fundamento as pesquisas que apresentaram o efeito da nostalgia nos afetos positivos, autoestima e presença de sentido (e.g., Abeyta et al., 2015; Hepper et al., 2012; Reid et al., 2015; Routledge et al., 2012). As hipóteses 1.1 e 1.2 foram elaboradas mediante as evidências da relação entre nostalgia

e conectividade social (Sedikides et al., 2015) e da natureza equivalente das relações interpessoais (Batcho et al., 2008), característica dos valores interativos.

Nesta perspectiva, as *hipóteses 1.3, 1.4, e 1.5* foram formuladas dada a suposição da função homeostática da nostalgia, uma vez que os indivíduos propensos e que frequentemente recorrem as lembranças do passado tendem a experienciar maior média nos afetos positivos, autoestima e significado existencial (Sedikides et al., 2018; Wildschut et al., 2006). *Hipóteses referentes ao papel mediador dos valores na relação entre nostalgia, autoestima e presença de sentido*

Hipótese 1.6. O grupo alto nostalgia (comparado ao grupo baixo nostalgia) predirá positivamente os valores interativos.

Hipótese 1.7. O grupo alta nostalgia (vs. baixo) será preditor positivo da autoestima.

Hipótese 1.8. O grupo alto nostalgia predirá positivamente presença de sentido.

Hipótese 1.9. Os participantes com altos escores na EDN irá predizer a autoestima mediado pela subfunção interativa.

Hipótese 1.10. Os indivíduos com alto escores na EDN, mediado pela subfunção interativa, prediz presença de sentido.

Na literatura, não se observou pesquisas prévias sobre a relação entre nostalgia e valores humanos. Apesar disso, estas hipóteses foram elaboradas mediante os estudos do efeito da nostalgia na conectividade social e de pesquisas que utilizaram os valores humanos na explicação de outras variáveis na área da psicologia social (e.g., Gusmão et al., 2016; Medeiros et al., 2017), sendo formulada as *hipóteses 1.6, 1.7 e 1.8*. Ademais, a decisão de comparar indivíduos com alta e baixa pontuação na nostalgia se baseou no estudo realizado por Batcho (2007), a qual encontrou que as pessoas com alto traço nostálgico apresentaram maior pontuação nas relações interpessoais. Neste sentido, foram elaboradas as *hipóteses 1.9 e 1.10*.

6.2 Método

6.2.1 Participantes

Participaram 306 estudantes universitários de uma instituição pública da cidade de João Pessoa (PB). A média de idade dos respondentes foi de 24,9 anos (DP = 7,86; variando de 17 a 62 anos), sendo a maioria do sexo feminino (62,2%), solteiras (84,6%) e autodeclaradas heterossexuais (77,6%).

6.2.2 Instrumentos

Os participantes, além de um questionário com perguntas relacionadas a características sociodemográficas (como idade, sexo, orientação sexual, etc.), responderam as medidas descritas a seguir:

Escala de Disposição à Nostalgia (EDN). Esta medida é composta por nove itens (ver *Estudos 1 e 2*), que avaliam a evocação de vivências passadas. Possui itens como “*Lembro-me do cheiro das coisas da minha infância*” (item 04); “*Relembro a tranquilidade do passado*” (item 07), sendo respondidos em uma escala de resposta do tipo *Likert* variando de 0 (*Quase nunca*) a 4 (*Quase sempre*). A consistência interna da medida neste estudo foi de 0,80.

Questionário dos Valores Básicos (QVB). Desenvolvido por Gouveia (2003; 2008), este instrumento busca mensurar as prioridades valorativas dos indivíduos. Constituído por 18 itens, sendo distribuídos três itens em cada subfunções, representando seus valores específicos (e.g., *Apoio social*. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo). Tais descritores são respondidos em uma escala de sete pontos, entre 1 (*Totalmente não importante*) a 7 (*Totalmente importante*). Neste estudo os alfas de Cronbach variaram entre 0,48 (*suprapessoal*) e 0,70 (*normativo*).

Escala Autoestima de Rosenberg (EAR). Desenvolvida por Rosenberg (1989), foi adaptada para o Brasil por Hutz e Zanon (2011). Esta é uma escala unidimensional

composta por 10 itens que abrangem um conjunto de sentimentos para mensurar a autoestima global (e.g., *Acho que tenho várias boas qualidades; No conjunto, estou satisfeito comigo*). A escala de resposta do tipo *Likert* varia de 1 (*Discordo fortemente*) a 4 (*Concordo fortemente*). O alfa de Cronbach neste estudo foi de 0,85.

Questionário de Sentido de Vida (QSV). Elaborada por Steger et al. (2006) e adaptada por Aquino et al. (2015) para o contexto brasileiro, esta medida busca avaliar o significado existencial de vida das pessoas. Composta por 10 itens divididos em duas dimensões: *busca de sentido* (e.g., item 10. Estou procurando um sentido em minha vida) e *presença de sentido* (e.g., item 04. Minha vida tem um sentido claro). A escala de resposta é do tipo *Likert*, variando de 1 (*Totalmente falso*) a 7 (*Totalmente verdadeiro*). No presente estudo os alfas de Cronbach são satisfatórios para busca de sentido ($\alpha = 0,88$) e presença de sentido ($\alpha = 0,92$).

Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN-10). Esta medida foi originalmente proposta por Diener e Emmons (1984), adaptado para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2018). Mensura a valência dos afetos, em que o participante deve assinalar as experiências emocionais nos últimos dias. Esta escala é composta por dez adjetivos, sendo cinco positivos (e.g., *feliz, alegre, satisfeito*) e cinco negativos (e.g., *deprimido, preocupado, frustrado*). A consistência interna no estudo foi satisfatória ($\alpha = 0,83$ afetos positivos; $\alpha = 0,78$ afetos negativos). Os itens são respondidos em uma escala de sete pontos, com os extremos entre 1 = *Nada* e 7 = *Extremamente*.

6.2.3 Procedimentos

O projeto foi aprovado no Comitê de Ética CCAE n° (70957517.0.0000.5188) e número do parecer (2.191.039), de acordo com a Resolução n° 510/16 preconizado pelo Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados ocorreu em uma instituição pública da cidade de João Pessoa (PB). Inicialmente, para contatar os docentes das disciplinas

responsáveis, houve um levantamento dos seus e-mails para solicitar a disponibilização de turmas para realização da coleta.

Após a confirmação do horário e turma, os aplicadores se apresentavam para os participantes e explicitavam os objetivos da pesquisa, reiterando acerca do anonimato e confidencialidade de suas respostas. Por fim, informava-se sobre a possibilidade de desistência na participação no estudo e as devidas instruções específicas sobre como responder ao questionário.

6.2.4 Análises dos dados

Utilizou-se o *software* estatístico *SPSS* (versão 21) para estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência e percentil) e estatísticas inferenciais (correlação). Especificamente, o percentil foi utilizado na criação do ponto de corte para discriminar participantes com escores baixos e altos na pontuação total (Pacico, 2015). Além disso, adotou-se o coeficiente de correlação r de *Pearson* na avaliação da direção e magnitude entre as variáveis.

Ainda, também se utilizou o pacote estatístico *AMOS* (versão 21) para realização da análise de mediação. Os pesos de regressão foram verificados diretamente nesta análise, ou seja, verificou-se diretamente o poder preditivo da variável explicativa na variável critério (Jose, 2013). Estabeleceu-se como variável previsor a grupo (alto vs. baixo) na escala de disposição à nostalgia, variável mediadora a subfunção interativa e como variáveis critérios a autoestima e presença de sentido.

6.3 Resultados

A explanação desta seção foi dividida em três partes, mediante as hipóteses elaboradas, a saber: 1) correlação entre as variáveis; 2) criação da norma percentil da Escala de Disposição à Nostalgia e 3) o papel mediador dos valores interativos entre nostalgia, autoestima e presença de sentido. Na correlação, verificou-se a direção e grau

de relacionamento entre nostalgia, valores humanos e dimensões do bem-estar (autoestima, sentido de vida e os afetos). A segunda seção, por sua vez, refere-se à criação da norma percentil da EDN com a finalidade de diferenciar os participantes com alta versus baixa pontuação na escala. Em seguida, verificou-se o poder preditivo do grupo nostalgia (alto versus baixo) na autoestima, sentido de vida e valores interativos, além do papel mediador destes últimos.

6.3.1. *Correlatos entre nostalgia, valores humanos e dimensões do bem-estar*

Inicialmente, calcularam-se as pontuações totais dos nove itens da EDN, das seis subfunções valorativas, assim como das variáveis do bem-estar (autoestima, presença de sentido, busca de sentido, afetos negativos e afetos positivos). Após este procedimento, realizou-se a análise de correlação r de *Pearson* entre as referidas variáveis, expressa através da matriz de correlação entre as mesmas. Os dados são detalhados na tabela 07.

Os correlatos entre nostalgia e valores humanos, evidenciaram uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a EDN e as subfunções experimentação ($r = 0,13$; $p < 0,05$), suprapessoal ($r = 0,14$; $p < 0,05$) e interativa ($r = 0,18$; $p < 0,01$). Em relação às variáveis compreendidas neste estudo como dimensões do bem-estar, observou-se relação estatisticamente significativa frente ao construto sentido de vida. Especificamente, nostalgia se correlacionou negativamente com presença de sentido ($r = -0,14$; $p < 0,05$) e o fez positivamente com busca de sentido ($r = 0,20$; $p < 0,01$). Não se verificou relações significativas entre nostalgia e autoestima ($r = -0,09$; $p > 0,05$) e afetos positivos ($r = -0,05$; $p > 0,05$), porém, constatou-se uma correlação positiva estatisticamente significativa com os afetos negativos ($r = 0,13$; $p < 0,05$).

No que tange às relações dos valores humanos com as dimensões do bem-estar, observaram-se especificamente os padrões de relação frente à subfunção interativa. Concretamente, constatou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa com

presença de sentido ($r = 0,24; p < 0,001$), autoestima ($r = 0,22; p < 0,001$) e afetos positivos ($r = 0,20; p < 0,05$) e negativa com os afetos negativos ($r = -0,11; p < 0,05$). A seguir, são explicitados os procedimentos referentes à criação dos percentis para a EDN.

Tabela 7. Correlação entre nostalgia, subfunções valorativas, autoestima, sentido de vida e afetos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Nostalgia											
2. Realização	-0,05										
3. Experimentação	0,13*	0,37***									
4. Existência	0,08	0,36***	0,23***								
5. Suprapessoal	0,14*	0,37***	0,30***	0,42***							
6. Normativa	0,03	0,20***	-0,07	0,42***	0,22***						
7. Interativa	0,18**	0,25***	0,28***	0,41***	0,31***	0,44***					
8. Autoestima	-0,09	0,07	0,04	0,12*	0,06	0,23***	0,24***				
9. Presença de sentido	-0,14*	0,03	-0,09	0,17**	0,09	0,49***	0,22***	0,55***			
10. Busca de sentido	0,20**	0,10	0,18**	-0,01	0,04	-0,12*	0,04	-0,31***	-0,52***		
11. Afetos Positivos	-0,05	0,10	0,07	0,09	0,06	0,24***	0,20***	0,60***	0,47***	-0,31***	
12. Afetos Negativos	0,13*	0,02	0,01	-0,05	-0,03	-0,26***	-0,11*	-0,61***	-0,51***	0,37***	-0,56***

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

6.3.2 Criação das Normas da Escala de Disposição à Nostalgia

Esta seção foi elaborada para atender aos objetivos de comparação dos participantes com alto versus baixo escore na escala de nostalgia. Nessa ocasião, resolveu adotar o critério das normas *percentil* que indica o quanto por cento de pessoas da amostra apresenta resultados inferiores ao avaliado. Desse modo, um percentil assinala a posição relativa da pessoa na amostra de padronização.

Para conhecer o nível de disposição à nostalgia dos indivíduos que responderam à medida, somaram-se todos os itens da escala, evidenciando o valor do escore bruto. Em seguida, procura-se na tabela de normas apropriada qual é o percentil equivalente ao escore bruto, ou seja, maior nas vivências nostálgicas. Por exemplo, um indivíduo que obteve escore bruto igual a 19 está no percentil 70, significando que demonstrou níveis altos de disposição à nostalgia. Em outras palavras, esse valor representou o nível de disposição nostálgica da pessoa quando comparados à amostra de normatização da escala. Na tabela 8 são fornecidas as normas para a interpretação dos escores da amostra.

Após a criação das normas percentil, para comparar os participantes que apresentaram escores altos na escala com aqueles com baixos escores nas vivências nostálgicas, dividiu-se os indivíduos em dois grupos. Foram selecionados aqueles que obtiveram valor igual ou menor ao escore 12 na EDN representado a partir pelo percentil 30 e as pessoas que apresentaram escore igual ou superior a 19 (percentil 70). Os primeiros compuseram o grupo *baixa nostalgia*, enquanto o segundo foi chamado de *alta nostalgia*. A partir disso, observou-se que 146 dos participantes da amostra total se encontravam entre nestes escores (baixa nostalgia = 74; alta nostalgia = 72; $M_{idade} = 24,4$; 56,3% sexo feminino). Diante disso, a análise subsequente adotou como variável previsora *grupo nostalgia* (codificadas, 1= baixa nostalgia; 2= alta nostalgia) para avaliar

a explicação da maior expressão nas vivências nostálgicas nas variáveis interativa, autoestima e presença de sentido.

Tabela 8. Normas da Escala de Disposição à Nostalgia para amostra total

Percentil	Escores brutos	Escores T
1	3	29
5	6	34
10	8	37
15	9	39
20	10	40
25	11	42
30	12	44
40	14	46
50	16	50
60	18	53
70	19	55
75	21	57
80	21	57
85	23	60
90	24	62
99	31	74
Média	16,1	
Desvio-padrão	6,34	

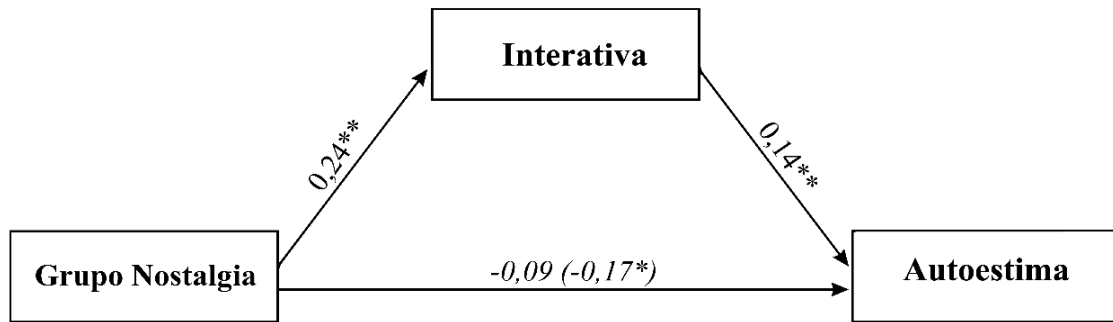
6.3.3 *O papel mediador dos valores interativos entre nostalgia, autoestima e presença de sentido*

Após a criação dos escores alto e baixo dos participantes na EDN, objetivou-se conhecer em que medida esta variável explica os valores interativos, autoestima e presença de sentido. Especificamente, considerando os resultados das correlações e com apoio teórico, realizaram-se análises de mediação. A variável previsora foi chamada de

grupo (codificadas, escore baixo = 1 e escore alto = 2), a variável mediadora os valores da subfunção interativa e as variáveis critério autoestima e presença de sentido, respectivamente.

O primeiro modelo de mediação testado tem em conta *grupo nostalgia* (variável previsora), mediado pelos valores da subfunção *interativa* (variável mediadora) predizendo a autoestima (variável de saída). Embora não se tenha observado correlação entre as variáveis nostalgia e autoestima ($p > 0,05$), optou-se por testar o efeito indireto deste modelo, fundamentado na literatura (Cheung et al., 2013; Reid et al., 2015).

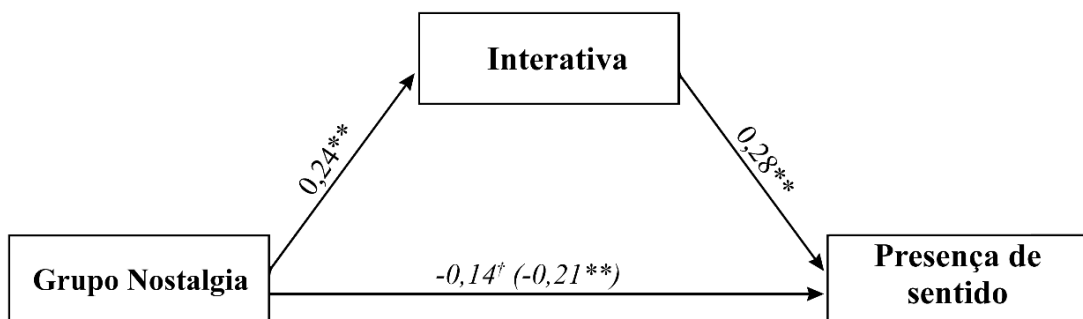
Inicialmente, na análise de mediação, testaram-se os efeitos diretos da variável *grupo nostalgia* na autoestima e subfunção *interativa*, observando-se resultados significativos apenas para esta última relação [$\lambda = -0,09$, (IC90% = $-0,24/0,05$), $p = 0,294$; $\lambda = 0,25$, (IC90% = $0,11/0,36$), $p = 0,002$, respectivamente]. Posteriormente, estimou-se um modelo de mediação simples, tendo a subfunção interativa como variável mediadora (VMed). Os resultados, considerando o método de *Bootstrap* (5,000 re-amostragens), apontaram para existência de efeitos indiretos [$\lambda = 0,07$, (IC90% = $0,03/0,13$), $p = 0,002$]. Novamente, neste segundo momento, quanto aos efeitos diretos do *grupo nostalgia* e subfunção *interativa* na autoestima, observaram-se efeitos significativos [$\lambda = -0,17$, (IC90% = $-0,31/-0,01$), $p = 0,062$; $\lambda = 0,14$, (IC90% = $0,06/0,21$), $p = 0,002$, respectivamente]. O presente modelo de mediação é apresentado na Figura 1.



* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Figura 4. Modelo de mediação entre nostalgia, valores interativos e autoestima

Os mesmos procedimentos foram realizados considerando presença de sentido como variável critério. Quanto ao efeito direto, *grupo nostalgia* predisse significativamente presença de sentido [$\lambda = -0,14$, (IC90% = $-0,27/-0,01$), $p = 0,073$]. Em seguida, no modelo de mediação simples, via método de *Bootstrap* (5,000 reamostragens), atestou-se um efeito significativo indireto via subfunção interativa [$\lambda = 0,06$, (IC90% = $0,02/0,13$), $p = 0,002$]. Ademais, após a inserção da variável mediadora (ver figura XX), identificaram-se os seguintes efeitos diretos em presença de sentido: *grupo nostalgia* [$\lambda = -0,21$, (IC90% = $-0,34/-0,08$), $p = 0,008$] e *interativa* [$\lambda = 0,28$, (IC90% = $0,14/0,41$), $p = 0,002$]. O modelo de mediação, tendo presença de sentido como variável de saída é apresentado na Figura 2.



** $p < 0,001$; † $p = 0,07$

Figura 5. Modelo de mediação entre nostalgia, valores interativos e presença de sentido

Os dados demonstraram que houve uma mediação inconsistente tanto no modelo de autoestima como em presença de sentido. Em outras palavras, o modelo de mediação com efeito direto (c') e efeito mediado ($a \times b$) possui sinais opostos, fenômeno conhecido como *variável supressora*. A supressão ocorreu quando a relação entre *grupo nostalgia* e as variáveis critérios (autoestima e presença de sentido) se tornaram maior quando a subfunção interativa foi incluída, sendo portanto, variável supressora. Estes resultados são discutidos no próximo tópico.

6.4 Discussão Parcial

Este estudo teve por objetivo conhecer o papel mediador dos valores interativos na relação entre nostalgia e variáveis do bem-estar. Especificamente, conheceu-se a correlação entre as variáveis, além da criação de normas percentil para dividir o grupo (alto versus baixo nostalgia). Observou-se que os resultados responderam parcialmente aos objetivos propostos.

No que se refere à relação entre nostalgia e valores humanos, foi possível observar que a primeira se correlacionou positivamente com as subfunções interativa, experimentação e suprapessoal, sendo corroboradas as *hipóteses 1.1 e 1.2*. Esta relação é teoricamente esperada, sobretudo, a subfunção interativa, uma vez que o principal fundamento defendido entre os estudiosos da nostalgia é a sua característica social (Batcho et al., 2011; Abeyta et al., 2015).

A esse respeito, Wildschut et al. (2006) verificaram o efeito da nostalgia na conectividade social, a qual foi entendida como afiliação, apoio social, afetividade e relação com os outros de modo que se assemelha com as características que contemplam os valores da subfunção interativa (Gouveia, 2003). Indivíduos que priorizam tal subfunção, orientam seus comportamentos aos relacionamentos interpessoais para atender às necessidades de pertencimento (Gouveia, 2013). As relações com as

subfunções experimentação e suprapessoal são coerentes com a literatura, pois combinada a subfunção interativa, representam os valores de cunho idealistas (humanitários), indicando a importância de ideias abstratas, pragmáticas e a experiência afetiva.

Quanto às *hipóteses 1.4 e 1.5*, estas não foram corroboradas. Na relação entre nostalgia e autoestima era esperada em razão do papel que a nostalgia exerce na elevação da autoestima (Hepper et al., 2012; Reid et al., 2015). Por sua vez, a associação entre nostalgia e presença de sentido foi contrária a direção esperada, além disso, apresentou relação positiva com busca de sentido, indo de encontro aos estudos da literatura (Sedikides et al., 2015). Não obstante, ressalta-se que os procedimentos adotados nas pesquisas foram experimentais, os quais avaliaram o efeito causal da nostalgia na autoestima e presença de sentido (Cheung et al., 2013; Reid et al., 2015; Routledge et al., 2011), distinguindo do procedimento utilizado neste estudo.

Quanto à relação entre nostalgia e os afetos positivos, observou-se que a *hipótese 1.5* foi rejeitada. Embora tenha deixado de ser considerada uma função da nostalgia (Sedikides et al., 2015), os autores sugerem que a natureza do construto é predominantemente positiva e assim, carregam simultaneamente os afetos positivos e afetos negativos. Contudo, apesar da literatura indicar que na condição experimental a nostalgia aumenta os afetos positivos quando comparado a condição controle (Hepper et al., 2012; Wildschut et al., 2006), em geral não há uma diminuição dos afetos negativos (Cheung et al., 2003; Wildschut et al., 2010). Portanto, por sua natureza complexa e “agridoce” (Sedikides & Wildschut, 2016), percebe-se que a nostalgia também há a presença dos afetos negativos (Sedikides et al., 2016), a exemplo da relação positiva entre a regulação do humor avaliativa e nostalgia (Pierro, Pica, Klein, Kruglanski, & Higgins, 2013).

Ademais, este estudo também criou um ponto de corte para a EDN com o objetivo de comparar os participantes com alto e baixo escore na medida. Antes de discuti-los, decidiu-se criar as normas percentil da escala para ter em conta um critério mais objetivo na divisão dos participantes, não restringindo a pontuação da média da escala. Neste sentido, na interpretação dos escores, observaram-se os escores brutos dos respondentes, obtidos pelo somatório das respostas dadas a cada item. Ao obter o escore bruto, localizou-se na tabela de normas o escore percentílico equivalente. Assim, o grupo baixo nostalgia foi constituído pelos participantes com escores no percentil igual ou a baixo de 30, enquanto o grupo alto nostalgia compôs os escores percentil igual ou acima de 70. Embora o percentil seja limitado por não apresentar uma distância homogênea e a tendência de reunir em torno de um valor específico (Pacico, 2015), sua utilização atendeu aos objetivos propostos.

Após a criação do percentil, metade dos participantes da amostra total constavam no grupo criado e assim, sucederam-se as análises de mediação. Como os estudos anteriores indicaram, nostalgia precede a conectividade social, que age como mediador da autoestima e presença de sentido (Cheung et al., 2016; Routledge et al., 2011). Na ocasião, assumiu-se o efeito mediador dos valores interativo nas variáveis critério.

A *hipótese 1.6* que preconizava que a subfunção interativa seria predita pela nostalgia, foi corroborada. Este achado pode ser evidenciado pelo efeito direto e significativo em que indivíduos com alto escore em nostalgia esteve relacionado com os valores interativos. Neste sentido, corrobora-se esse resultado dada a concordância que a nostalgia abarca elementos sociais importantes, a exemplo da família e amizade, sendo tal achado convergente com as características que compõe os valores interativos (Batcho et al., 2008).

Na literatura é possível perceber que os estudos que versam sobre a identificação de temas sociais em torno da nostalgia ocorrem mediante instrumentos que mensuram temas conexos, tais como apego (e.g., *Experince in Close Relationships – Revised*; ECR-R, Wei, Russell, Mallinckrodt, & Vogel, 2007) ou avaliada por uma medida denominada conectividade social, constituída por quatro itens (e.g., apoio social, afiliação) (ver Hepper et al., 2012; Cheung et al., 2013; Wildschut et al., 2006). A partir disso, constata-se uma fragilidade e inconsistência em torno da operacionalização teórica da conexão social, uma vez que a mesma não é avaliada a partir de um aporte teórico consistente. Assim, a utilização dos valores humanos, sobretudo os valores interativos, podem auxiliar ao entendimento da conectividade social, uma vez que os mesmos apresentam em sua natureza a necessidade de estabelecimento de relacionamentos interpessoais (Gouveia et al., 2014).

Por sua vez, as *hipóteses 1.7 e 1.8* não foram corroboradas. As pessoas com alta pontuação em nostalgia não apresentaram maior nível de autoestima e presença de sentido. Especificamente, pôde-se verificar que a significância de predição do grupo nostalgia na presença de sentido foi marginalmente significativa ($p \leq 0,10$). Apesar de não ter encontrado predição direta entre a variável previsor e variável critério (Baron & Kenny, 1986; Jose, 2013), resolveu-se testar o modelo de mediação, uma vez que os processos psicológicos podem ser teorizados pelos efeitos indiretos, ou seja, por um modelo teórico mais completo (Rucker, Preacher, Tormala, & Petty, 2011; Zhao, Lynch, & Chen, 2010).

Ao inserir a subfunção interativa como mediadora entre grupo nostalgia e autoestima, constatou-se que o efeito indireto foi significativo. Ademais, a relação entre a variável explicativa e variável de saída teve efeito direto significativo com sinal negativo. Esses resultados apontam que houve uma mediação inconsistente, pois os sinais

dos efeitos diretos e indiretos foram opostos (MacKinnon, Krull, & Lockwood, 2000). À propósito, constata-se os efeitos de uma variável supressora, no caso, a subfunção interativa. A utilização da palavra “supressor” diz respeito à uma variável que aumenta a validade preditiva de outra variável ao ser incluída na equação de regressão (MacKinnon, et al., 2000), o que se verificou no aumento da relação entre grupo nostalgia e as variáveis autoestima e presença de sentido.

Esses achados ao indicarem a relação contrária entre alta disposição à nostalgia, autoestima e presença de sentido, evidenciou que o construto não é predominantemente positivo como sugerem seus proponentes (Baldwin, Biernat, & Landau, 2015; Routledge et al., 2013; Wildschut et al., 2006). Por outro lado, corroborou o fundamento principal em torno da nostalgia, ou seja, sua natureza na evocação de temas sociais (Batcho et al., 2011; Hepper et al., 2012). A nostalgia apresenta seu caráter positivo quando se direciona às necessidades de afiliação e assim, seus princípios axiológicos correspondem para atender essas necessidades (Gouveia, 2003; 2013). Nesse caso, os valores interativos possuem efeito supressor na relação entre alta nostalgia, autoestima e presença de sentido, sendo corroboradas as *hipóteses 1.9 e 1.10*.

Portanto, estes resultados demonstram o caráter ambivalente da nostalgia, podendo ser observada nas publicações recentes a mudança de percepção em torno da sua natureza (Batcho, 2013; Sedikides & Wildschut, 2016). Além disso, Wildschut et al. (2006) postulou que a nostalgia serve para aumentar a autoestima, significado existencial e social, as quais têm implicações acima dos afetos positivos e afetos negativos (Sedikides et al., 2015). Todavia, quando considerou a subfunção interativa em vez da conectividade social, este estudo demonstrou a explicação direta apenas nessa variável, corroborando o elemento social em torno da nostalgia.

Assim, estes resultados sugerem que a nostalgia tem implicações motivacionais, pois ao evocar memórias sobre o passado, o indivíduo atende suas necessidades de pertencimento (Gouveia, 2013) e seus comportamentos se direcionam a priorização da convivência e apoio social de modo que reconhecem positivamente seus atributos, bem como presença de significado em suas vidas. Por outro lado, pode ser que na ausência dessas prioridades axiológicas, a nostalgia tem implicações negativas na vida da pessoa.

Finalmente, não obstante, este estudo não está isento de limitações. O delineamento neste estudo foi não experimental do tipo correlacional. Logo, não se pode assumir o efeito causal da nostalgia na subfunção interativa, autoestima e presença de sentido, distinguindo da metodologia dos estudos presentes na literatura da área (e.g., Batcho, 2007; Cheung et al., 2013; Hepper et al., 2014; Sedikides et al., 2016; Wildschut et al., 2010). Neste sentido, adotar um delineamento experimental em estudos futuros, irá permitir verificar se a manipulação da nostalgia possui efeito na subfunção interativa, autoestima e presença de sentido. Além disso, pode-se abranger outra dimensão equivalente a dimensão do bem-estar, como otimismo, uma vez que estudos observaram que o estado de nostalgia moderado pelo traço nostálgico, tem implicações na percepção de um futuro positivo (Cheung et al., 2016). Tendo em conta as pontuações aqui discutidas, levou-se a cabo a realização do próximo estudo.

**7. ESTUDO 4. O ESTADO DE NOSTALGIA, MODERADO PELO TRAÇO DE NOSTALGIA
EXPLICA O OTIMISMO VIA VALORES INTERATIVOS E AUTOESTIMA?**

7.1 Objetivos e delineamento

O objetivo geral deste estudo busca observar se o efeito do estado nostálgico aumenta o otimismo via modelo sequencial dos valores interativos e autoestima, bem como verificar se tal efeito depende do traço nostálgico. Especificamente, pretende-se analisar: 1) o efeito supressor dos valores interativos na predição da nostalgia na presença de sentido; 2) o poder preditivo da nostalgia na busca de sentido, mediado pela subfunção interativa; 3) estado nostálgico prediz o otimismo via valores interativos e autoestima; 4) traço nostálgico explica o otimismo quando mediado pela subfunção interativa e autoestima; e, por fim, 4) o traço nostálgico modera o efeito do estado nostálgico no otimismo quando mediado pelos valores interativos e autoestima.

Trata-se de um estudo com delineamento experimental, uma vez que a nostalgia induzida foi manipulada (grupo experimental = evento nostálgico vs. grupo controle = evento comum) e os participantes foram alocados entre os grupos de forma aleatória.

7.1.1 Hipóteses

Hipótese 1.1. A subfunção interativa irá suprimir a predição da disposição à nostalgia na presença de sentido.

Hipótese 1.2. A variável observada EDN não terá efeito na busca de sentido quando mediado pelos valores interativos.

Hipótese 1.3. Nostalgia induzida irá predizer, respectivamente, a subfunção interativa, autoestima e otimismo.

Hipótese 1.4. Nostalgia induzida prediz otimismo via caminho sequencial dos valores interativos e autoestima.

Hipótese 1.5. Traço nostalgia explicará, respectivamente, valores interativos, autoestima e otimismo.

Hipótese 1.6. O traço nostálgico irá explicar o otimismo via modelo sequencial subfunção interativa e autoestima.

Hipótese 1.7. Nostalgia induzida irá prever, separadamente, valores interativos, otimismo e autoestima, moderado pelo traço nostálgico.

Hipótese 1.8. A interação (nostalgia induzida x traço nostalgia) prediz otimismo via modelo sequencial subfunção interativa e autoestima.

A *hipótese 1.1* foi elaborada para replicar os achados do estudo anterior (ver *estudo 3*), uma vez que a subfunção interativa atuou como variável supressora na relação direta entre nostalgia e presença de sentido. Por sua vez, a *hipótese 1.2* foi formulada para verificar se nostalgia prediz a busca de sentido via efeito dos valores interativos, buscando assim corroborar a natureza social presente na nostalgia, em que os relacionamentos interpessoais são importantes para o seu funcionamento positivo (Abeyta et al., 2015; Batcho, 2007; Sedikides et al., 2015).

As demais hipóteses foram embasadas em estudos anteriores, os quais verificaram o efeito do estado de nostalgia e traço nostálgico na predição do otimismo via conectividade social e autoestima (Cheung et al., 2013; Biskas et al., 2018), sendo elaboradas as *hipóteses 1.3, 1.4, 1.5 e 1.6*. Por sua vez, as *hipóteses 1.7 e 1.8* foram formuladas para verificar se a predição do estado nostálgico no otimismo, mediado pelos valores interativos e autoestima irá depender do traço de nostalgia, em consonância com o estudo de Cheung et al. (2016). Estes autores encontram que o efeito do estado nostálgico combinado com a alta pontuação no traço de nostalgia, explicaram o otimismo via conectividade social e autoestima, comparado com aqueles que pontuaram baixo em traço nostalgia.

7.2 Método

7.2.1 Participantes

Participaram 193 estudantes universitários de uma instituição pública da cidade de João Pessoa (PB). A maioria dos respondentes foi do sexo feminino (65,6%), com idade média de 24,3 anos ($DP= 7,61$; variando de 18 a 54). A maioria se autodeclarou solteiro (81,9%), classe social média (49,5%) e heterossexuais (78,8%). De forma aleatória, os participantes foram estabelecidos nas condições de nostalgia ($N = 96$) e controle ($N = 97$).

7.2.2 Instrumentos e Procedimento

Manipulação da nostalgia. A nostalgia foi induzida por meio *Event Reflection Task* (Sedikides et al., 2015). Na condição da nostalgia, os participantes leram a definição de nostalgia como saudade sentimental pelo passado. Em seguida, foram instruídos da seguinte forma: “*Pense em um evento nostálgico em sua vida. Especificamente, tente pensar em um evento passado que o faça sentir mais nostálgico. Traga essa experiência nostálgica à mente. Vivencie essa experiência nostálgica. Como isso faz você se sentir? Por favor, por um minuto pense sobre como isso faz você se sentir.*”. Em contrapartida, os participantes na condição controle receberam a instrução: “*Pense por um instante em um evento comum em sua vida. Especificamente, tente imaginar um evento que tem sido frequente em sua vida. Traga essa experiência à mente. Vivencie essa experiência comum de sua vida. Como isso faz você se sentir*”.

Após as instruções, os participantes de ambas condições, listaram quatro palavras-chave para resumir o evento considerado importante, bem como descreveram por alguns minutos a situação vivenciada. Por fim, responderam uma escala para checar o efeito da manipulação (*Manipulation check*). A manipulação da nostalgia foi verificada por três itens (*Neste momento, estou me sentindo bastante nostálgico; No momento, estou tendo*

sentimentos nostálgicos; Sinto-me nostálgico no momento). A escala de resposta variou entre 1 (*Discordo fortemente*) e 6 (*Concordo fortemente*). A consistência interna da medida neste estudo foi satisfatória ($\alpha = 0,94$; $M = 3,96$; $DP = 1,56$).

Na mensuração das variáveis dependentes, utilizaram-se os mesmos instrumentos descritas no estudo anterior (*Estudo 3*): Escala de Disposição à Nostalgia (EDN), Questionário dos Valores Básicos (QVB), Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), Questionário de Sentido de Vida (QSV). Além delas, a escala de Otimismo disposicional, sendo detalhada a seguir:

Escala de Otimismo. Originalmente construída por Pedrosa, Celis-Antenas, Suárez-Álvarez, García-Cueto, e Muñiz (2015), foi adaptada para o contexto brasileiro por Coelho et al. (2018) a medida é composta por nove itens que avalia o otimismo disposicional (e.g., *01. Quando penso no futuro, sou positivo; 07. Vejo o lado positivo das coisas*). A escala de resposta é do tipo *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (*Discordo fortemente*) a 5 (*Concordo fortemente*). O alfa de Cronbach neste estudo foi adequado ($\alpha = 0,77$).

Antes do início da coleta de dados, os aplicadores foram devidamente treinados na exposição dos objetivos da pesquisa e como proceder para dirimir eventuais dúvidas dos participantes. Em seguida, os questionários foram aplicados em contexto de sala de aula, mas foram respondidos de forma individual. Os participantes foram instruídos acerca da participação voluntária e a garantia do anonimato e confidencialidade de suas respostas. Posteriormente, foram informados sobre a maneira de responder aos questionários. A participação na pesquisa durou aproximadamente 15 minutos.

7.2.3 Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio do software estatístico *SPSS* (versão 21) para realizar estatísticas descritivas (média, desvio padrão e frequência), análise de correlação

r de Pearson e MANOVA. Ademais, utilizou-se o *AMOS* (versão 21) para realizar a análise de moderação mediada, uma vez que esta verifica se o efeito da variável independente na variável dependente por meio de uma mediadora, depende dos níveis de uma variável moderadora (Jose, 2013).

7.3 Resultados

A descrição desta seção se dividiu em três partes para atender aos objetivos propostos: 1) replicar o efeito supressor da subfunção interativa entre nostalgia e presença de sentido, bem como conhecer o efeito indireto entre nostalgia e busca de sentido; 2) correlação entre as variáveis; 3) observar se nostalgia induzida, traço nostalgia, interação (nostalgia induzida x traço nostalgia) predizem o otimismo via modelo sequencial subfunção interativa e autoestima.

7.3.1 Efeito supressor da subfunção interativa

Este tópico busca replicar os achados do estudo anterior, o qual demonstrou uma mediação inconsistente entre nostalgia e as variáveis critério (autoestima e presença de sentido), evidenciando o efeito supressor da subfunção interativa na mediação entre elas. Também verificou o poder preditivo da nostalgia na busca de sentido mediado pela subfunção interativa.

No primeiro momento, na análise de mediação, testaram-se os efeitos diretos da variável observada *traço nostalgia* em *presença de sentido*, verificando-se resultados significativos [$\lambda = -0,24$, (IC90% = -0,34/0,13), $p = 0,001$]. Em seguida, estimou-se um modelo de mediação simples, tendo os valores interativos como variável supressora (VSup). Os dados, adotando o método de *Bootstrap* (5.000 re-amostragens), indicaram a existência de efeitos indiretos significativos [$\lambda = 0,04$, (IC90% = 0,01/0,09), $p = 0,004$].

Em relação a *busca de sentido*, observou-se efeito direito da variável *nostalgia* [$\lambda = 0,33$ (IC90% = 0,21/0,45), $p = 0,001$]. Após a inserção da variável mediadora

(*subfunção interativa*), apenas a variável *nostalgia* teve efeito direto, não ocorrendo com os valores interativos [$\lambda = 0,01$, (IC90% = -0,11/0,13), $p = 0,08$]. Por sua vez, o efeito indireto via *subfunção interativa* não foi significativo [$\lambda = 0,01$, (IC90% = -0,02/0,03), $p = 0,84$]. Esses dados expressaram, que apesar de nostalgia explicar a dimensão busca de sentido, não possui efeito mediante a inclusão dos valores interativos.

7.3.2 Correlação entre Nostalgia Induzida, Traço Nostalgia e Interação (Nostalgia Induzida x Traço Nostalgia)

Observaram-se as correlações entre nostalgia induzida, traço nostalgia, interação (nostalgia induzida x traço nostalgia), subfunção interativa, autoestima, presença de sentido e otimismo. A matriz de correlação demonstrou que disposição à nostalgia apresentou relação positiva com as variáveis subfunção interativa ($r = 0,22$; $p < 0,01$), autoestima ($r = 0,61$; $p < 0,001$) e busca de sentido ($r = 0,34$; $p < 0,001$) e o fez negativamente com presença de sentido ($r = -0,24$; $p < 0,01$). Nostalgia Induzida e a Interação (NI x EDN) não apresentaram relações significativas com as variáveis dependentes. Os coeficientes são detalhados na tabela XXX.

Tabela 09. Correlações entre NI, EDN, Interação (NI x EDN) e variáveis critério

	1	2	3	4	5	6	7
1. NI							
2. EDN	0,03						
3. NI x EDN	0,03	0,05					
4. Interativa	0,01	0,22**	0,06				
5. Autoestima	0,07	0,61***	0,08	0,17*			
6. Presença de sentido	-0,02	-0,24**	-0,03	0,15*	0,23**		
7. Busca de sentido	-0,05	0,34***	-0,03	0,08	0,02	-0,37***	
8. Otimismo	-0,03	-0,20**	0,03	0,07	0,29***	0,57***	-0,13

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$. 1. Nostalgia induzida (codificação, controle = -1 e nostalgia = 1); 2. Escala Disposição à Nostalgia. 3. Interação (Nostalgia Induzida x Traço Nostalgia). Traço nostalgia foi centralizada.

7.3.3 Nostalgia induzida, traço nostalgia e interação predizendo otimismo via modelo sequencial valores interativos e autoestima

Nesta etapa, busca-se verificar se a manipulação da nostalgia possui efeito no otimismo via subfunção interativa e autoestima, moderado pelo traço nostálgico. Inicialmente, médias da condição *nostalgia* e da condição *controle* foram comparadas por meio do *manipulation check* (Wildschut et al., 2006) e a medida da Escala de Disposição à Nostalgia. Posteriormente, observou o modelo, no qual nostalgia induzida, traço nostalgia e a interação (nostalgia induzida x traço nostalgia) prediz o otimismo via caminho sequencial da subfunção interativa para autoestima. Este modelo permite testar se o traço de nostalgia modera o efeito da nostalgia induzida no otimismo, enquanto controla os efeitos principais da nostalgia induzida e traço nostalgia.

7.3.3.1 Manipulation check e Traço Nostalgia

Para avaliar se na condição de nostalgia, os participantes apresentaram níveis elevados de sentimentos nostálgicos comparados aqueles na condição controle, realizou-se uma MANOVA. Os dados demonstraram que os participantes na condição nostalgia ($M = 4,37$, $DP = 1,25$) manifestaram mais estados nostálgicos em relação ao grupo controle ($M = 3,74$, $DP = 1,52$), [$Lambda$ de Wilks = 0,949; $F(1,191) = 9,64$, $p = 0,002$, $\eta^2 = 0,05$]. Em seguida, verificado o efeito da manipulação, buscou examinar se a indução da nostalgia teve efeito no traço de nostalgia. Os participantes da nostalgia ($M = 2,08$, $DP = 0,87$) e condição controle ($M = 2,02$, $DP = 0,83$) reportaram equivalentes níveis do traço nostalgia [$F(1,192) = 0,25$, $p = 0,61$, $\eta^2 = 0,0001$], demonstrando que o estado nostálgico não provocou alteração nas pontuações no traço de nostalgia.

7.3.3.2 Análise moderação mediada

Realizou-se uma moderação mediada para testar o modelo se a nostalgia induzida explica o otimismo, mediada pela subfunção interativa e autoestima, dependem dos efeitos do traço nostálgico. Em outras palavras, este modelo viabiliza testar se o traço

modifica o efeito do estado de nostalgia no otimismo mediado pela subfunção interativa e autoestima (interação NI x TN → subfunção interativa → autoestima → otimismo), enquanto controla os efeitos principais da nostalgia induzida e traço de nostalgia. Adotando o método *Bootstrap* (10.000 re-amostragens), calcularam-se o intervalo de confiança (95%), os erros padronizados dos efeitos diretos e indiretos. A tabela XX apresenta os valores dos efeitos diretos e indiretos, principalmente, os valores de interação (NI x TN) na predição do otimismo.

Inicialmente, verificaram-se os efeitos diretos. A nostalgia induzida não prediz diretamente a subfunção interativa, autoestima e otimismo (caminhos a, b e c), assim como a interação (NI x TN) não explicou diretamente as variáveis dependentes (caminhos j, k e l). Em contrapartida, o traço de nostalgia prediz positivamente a subfunção interativa e autoestima (caminhos g e h), fazendo inversamente na predição do otimismo (caminho i). Por fim, a autoestima explicou positivamente o otimismo (caminho f). Em seguida, observaram-se os efeitos indiretos. Em relação ao efeito de nostalgia induzida no otimismo, passando pela subfunção interativa e autoestima se verificou que não foi significativa (caminho a * d * f), ocorrendo de igual modo com o efeito de interação (NI x TN) nas variáveis dependentes (caminhos j * d * f). Entretanto, o traço de nostalgia foi o único significativamente positivo na explicação do otimismo, via a subfunção interativa e autoestima (caminhos g * d * f) (ver figura XX).

Portanto, diante desses resultados, verificou-se que a nostalgia induzida não apresentou efeito nas variáveis dependentes (valores interativos, autoestima e otimismo), embora as médias dos grupos condição nostalgia e controle foram diferentes. Neste sentido, o efeito do traço nostálgico no estado de nostalgia não apresentou significância. Contudo, de forma independente, o traço de nostalgia explicou o otimismo via valores interativos e autoestima. Os resultados deste estudo são discutidos no tópico a seguir.

Tabela 10. Testes dos efeitos diretos e indiretos do modelo de moderação mediada.

Efeitos	Path	Coefficiente	Erro Padrão	95% IC
<i>Efeitos diretos</i>				
NI ⇨ interativa	a	-0,01	0,07	-0,12 – 0,11
NI ⇨ autoestima	b	0,05	0,06	-0,04 – 0,15
NI ⇨ otimismo	c	-0,06	0,06	-0,16 – 0,04
Interativa ⇨ autoestima	d	0,03	0,05	-0,06 – 0,12
Interativa ⇨ otimismo	e	0,10	0,06	-0,01 – 0,21
Autoestima ⇨ otimismo	f	0,64 ***	0,06	0,52 – 0,74
TN ⇨ interativa	g	0,22 **	0,07	0,10 – 0,33
TN ⇨ autoestima	h	0,60 ***	0,04	0,52 – 0,66
TN ⇨ otimismo	i	-0,61 ***	0,08	-0,74 – -0,48
NI x TN ⇨ interativa	j	0,05	0,07	-0,06 – 0,16
NI x TN ⇨ autoestima	k	0,05	0,06	-0,05 – 0,14
NI x TN ⇨ otimismo	l	0,01	0,08	-0,12 – 0,13
<i>Efeito indireto: IN ⇨ autoestima via interativa</i>	a * d	0,01	0,01	-0,02 – 0,02
Efeito Indireto: NI ⇨ otimismo				
Total		-0,04	0,07	-0,15 – 0,12
Via interativa	a * e	0,01	0,01	-0,01 – 0,01
Via autoestima	b * f	0,02	0,02	-0,01 – 0,06
Mediado por interativa e autoestima	a * d * f	0,02	0,02	-0,01 – 0,06
<i>Efeito indireto: TN ⇨ autoestima via interativa</i>	g * d	0,01	0,01	-0,01 – 0,03
Efeito Indireto: TN ⇨ otimismo				
Total		-0,15 **	0,06	-0,26 – -0,05
Via interativa	g * e	0,02†	0,02	0,03 – 0,07
Via autoestima	h * f	0,39 *	0,05	0,30 – 0,48
Mediado por interativa e autoestima	g * d * f	0,41 ***	0,05	0,32 – 0,50
<i>Efeito indireto: NI x TN ⇨ autoestima via interativa</i>	j * d	0,01	0,01	-0,01 – 0,04
Efeito Indireto: NI x TN ⇨ otimismo				
Total		0,03	0,08	-0,11 – 0,17
Via interativa	j * e	0,01	0,01	-0,01 – 0,03
Via autoestima	k * f	0,02	0,02	- 0,01 – 0,07
Mediado por interativa e autoestima	j * d * f	0,01	0,02	-0,01 – 0,06

Nota. *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$; † $p < 0,10$.

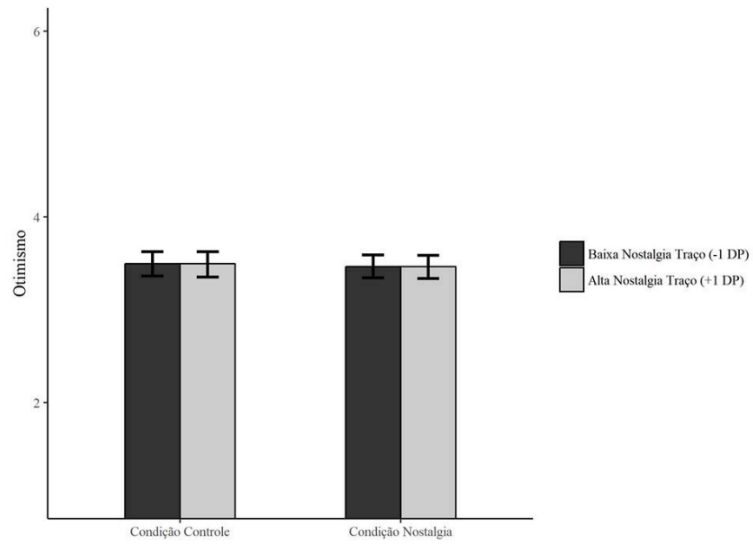


Figura 6. Otimismo como função de nostalgia induzida e traço nostalgia.

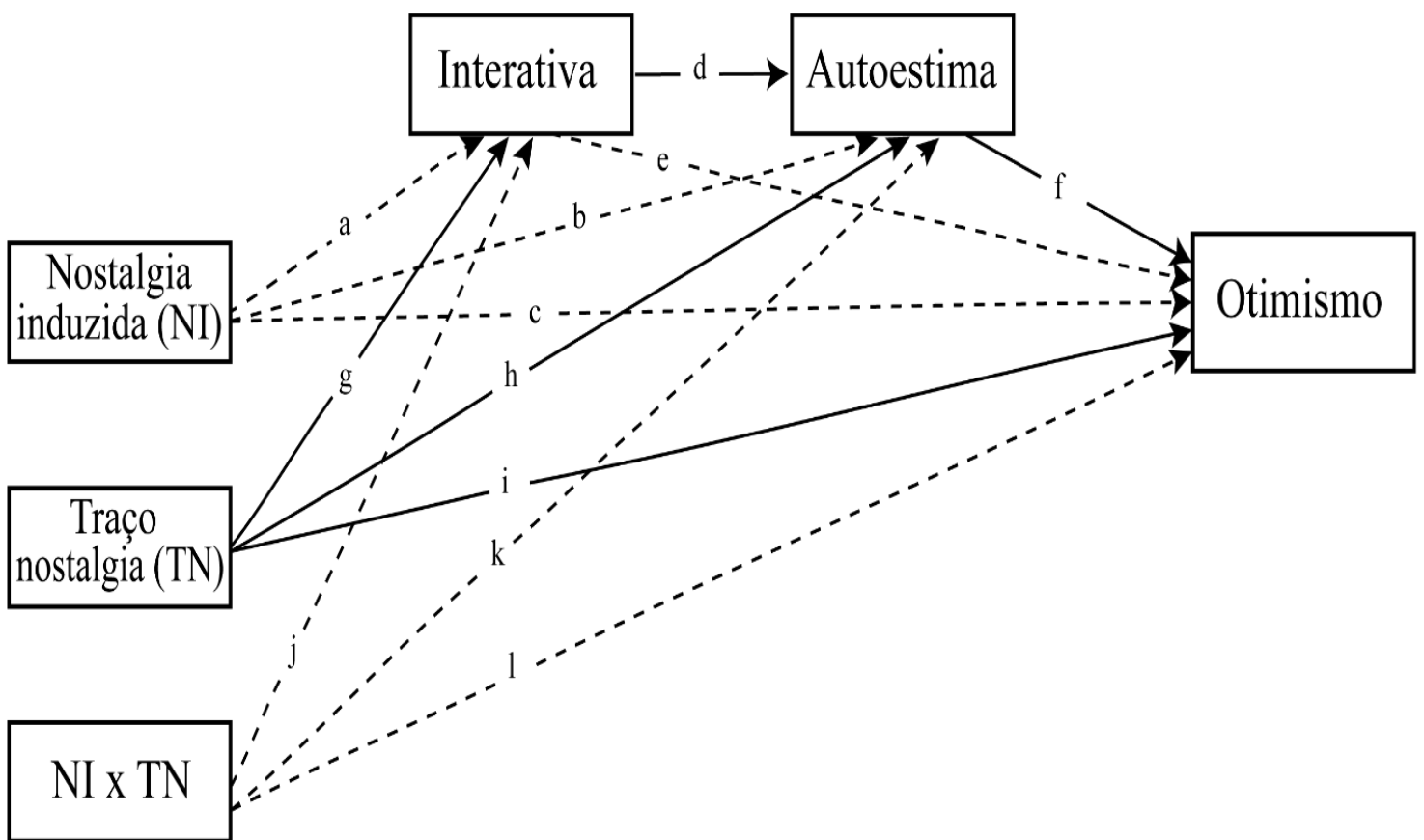


Figura 7. Modelo moderação mediada de nostalgia e traço de nostalgia na predição do otimismo.

7.4 Discussão Parcial

Este estudo teve como objetivo verificar em que medida o estado de nostalgia tem efeito no otimismo, via valores interativos e autoestima e se esse efeito dependia do traço nostálgico. Ademais, como objetivo específico, procurou-se replicar os dados do estudo anterior (estudo 3), em que a subfunção interativa teve efeito supressor na predição de nostalgia e presença de sentido, assim como, conhecer como ocorre o efeito supressor na predição de nostalgia e busca de sentido. Observou-se que as hipóteses foram atendidas parcialmente, uma vez que apenas o traço de nostalgia explicou otimismo mediante os valores interativos e autoestima.

As hipóteses 1.1 e 1.2 foram corroboradas. O efeito supressor dos valores interativos na predição da nostalgia e presença de sentido confirmaram os achados do estudo 3. Nesse sentido, nostalgia aumenta os níveis da subfunção interativa e esta, por sua vez, associa-se com maior presença de sentido. Isso demonstra o papel importante da função social em torno a natureza ambivalente da nostalgia (Sedikides & Wildschut, 2016; Wildschut et al., 2006), uma vez que os valores interativos compensaram a relação negativa entre nostalgia e presença de sentido.

Em contrapartida, ao buscar investigar o efeito supressor entre nostalgia e busca de sentido, os dados demonstraram que a função social não diminui os efeitos negativos desta predição. Desse modo, a função existencial da nostalgia proposta por Sedikides e Wildschut (2018), ao menos compreendida como traço e ambivalente, não foi corroborada; por outro lado, mais uma vez evidencia o lado social da nostalgia (Sedikides et al., 2015), a qual é fundamental para contrabalancear seus efeitos negativos.

Em seguida, observou-se as relações entre as variáveis nostalgia, subfunção interativa, autoestima e otimismo. No que se refere à relação positiva entre nostalgia e os valores interativos, os dados corroboraram o estudo anterior, evidenciando a natureza

social em torno da nostalgia (Batcho, 2013). Já a associação positiva entre nostalgia e autoestima foi de encontro aos resultados do estudo 3. Em outras palavras, indivíduos com alto traço em nostalgia apresentam níveis elevados de autoestima, sendo congruente com a ideia de que a nostalgia possui como função o aumento da autoestima (Hepper et al., 2012; Reid et al., 2014); por outro lado, ao divergir com estudo anterior, esse dado demonstra a natureza complexa e multifacetada da nostalgia (Sedikides et al., 2015). Por fim, a relação negativa entre nostalgia e otimismo, difere dos achados de Cheung et al. (2013), que concluíram que a nostalgia aumenta as expectativas frente ao futuro.

As *hipóteses 1.3 e 1.4* não foram corroboradas. Isto porque, o efeito do estado de nostalgia nos valores interativos, autoestima e otimismo não teve poder explicativo tanto de forma direta como indireta nas variáveis dependentes. Esse resultado não corrobora com o estudo de Cheung et al. (2013), os quais encontraram que os indivíduos na condição de nostalgia aumentaram níveis de otimismo, tanto diretamente, bem como pela mediação da conectividade social e autoestima. Assim, discutem que a nostalgia, apesar do seu aspecto remeter ao passado, a sua finalidade psicológica também pode se estender para o futuro.

Em relação à predição do traço de nostalgia nas variáveis dependentes, observaram-se que as *hipóteses 1.5 e 1.6* foram corroboradas. Em relação à primeira hipótese, o traço de nostalgia explicou diretamente a subfunção interativa e autoestima e o fez inversamente com o otimismo; enquanto o traço de nostalgia explicou o otimismo mediado pelos valores interativos e autoestima. Esses achados reforçam que indivíduos com maior disposição à nostalgia, recebem seus benefícios psicológicos, pois tendem a priorizar os relacionamentos interpessoais e maior estima consigo e, por sua vez, elevam os níveis de expectativas positivas frente ao futuro e conseqüentemente, favorece o bem-estar subjetivo (Cheung et al., 2016; Gusmão et al., 2016).

Contudo, as *hipóteses 1.7 e 1.8* não foram corroboradas. Isso porque, o efeito principal ocorreu apenas no traço de nostalgia, não sucedendo com a nostalgia induzida e assim, impossibilitou de verificar se o efeito do estado nostálgico nas variáveis critérios, poderia depender dos níveis no traço de nostalgia, como aconteceu com o estudo de Cheung et al. (2016). Na ocasião, o fato de não existir efeito da nostalgia induzida nas variáveis dependentes, pode ter ocorrido dada à natureza complexa em torno do conceito da nostalgia, uma vez que de forma simultânea há a presença dos seus desencadeadores, a exemplo da solidão (Zhou et al., 2008), bem como a ativação das lembranças do passado para encontrar um equilíbrio psicológico (Sedikides et al., 2015) e assim, aumentar suas funções.

Portanto, os achados destes estudos expressam a complexidade em torno do construto de nostalgia. O estado nostálgico obteve efeito na subfunção interativa, autoestima e otimismo, corroborando assim a importância do traço nostálgico. Assim como no estudo anterior (ver *estudo 3*), pessoas com níveis elevados de disposição à nostalgia, recorrem-se aos valores interativos (afetividade, apoio social e convivência) e, por sua vez, aumentam sua presença de sentido social. Igualmente, indivíduos com alta pontuação no traço nostálgico tendem a ter expectativas positivas frente ao futuro, quando há priorização da subfunção interativa e maiores níveis de autoestima. Conclui-se que, a nostalgia abarca elementos cognitivos e motivacionais, os quais equilibram sua natureza ambivalente, na promoção do bem-estar subjetivo.

DISCUSSÃO GERAL

O presente estudo teve por objetivo conhecer se a nostalgia e os valores humanos prediziam variáveis promotoras do bem-estar (sentido de vida, autoestima e otimismo). Em específico, buscou-se (1) construir e conhecer os parâmetros psicométrico de uma medida de nostalgia; (2) identificar a relação entre a nostalgia, as subfunções valorativas e as variáveis dependentes (sentido de vida, autoestima e otimismo); (3) conhecer em que medida a nostalgia e a subfunção interativa explicam o bem-estar subjetivo; e, por fim (4) verificar se o efeito do estado de nostalgia prediz valores interativos, autoestima e otimismo e se esse efeito ocorria diante do traço nostálgico.

Portanto, de forma geral, acredita-se que os objetivos da presente dissertação tenham sido alcançados. Isto posto, seguindo a mesma sequência discorrida dos quatro estudos, optou-se por apresentar a discussão dividida em quatro seções, com o intuito de proporcionar uma leitura fluída e coerente. Assim, no primeiro momento serão discutidos os principais resultados, seguido pelas limitações do estudo, direções futuras e aplicabilidade.

Resultados principais

A presente dissertação ofereceu contribuições para o estudo da nostalgia, sobretudo por ter disposto de elementos novos, a começar pela construção e o desenvolvimento de uma medida na avaliação do construto central dos estudos e relação com outras variáveis (solidão, ruminação). Além disso, o caráter inovador na utilização dos valores humanos na compreensão da nostalgia.

Inicialmente, pode-se destacar a apresentação teórica dos conceitos e diferentes perspectivas da nostalgia na literatura do Brasil. Assim, na parte teórica desta dissertação, discorreu-se sobre a história da nostalgia perpassando por outras áreas até chegar como fenômeno psicológico. Considera-se esta seção fundamental na realização da parte empírica, uma vez que apresentou a perspectiva mais dominante no campo da Psicologia,

além de diferenciar de outros construtos similares (e.g., melancolia, ruminação) de modo que pôde construir itens que fossem capazes de abranger os aspectos centrais em torno da nostalgia.

Neste sentido, o primeiro estudo buscou construir e conhecer os parâmetros psicométricos de uma medida na avaliação da nostalgia. A partir da revisão da literatura, elaborou-se uma quantidade de itens que representassem aspectos que remetiam ao passado (e.g., almoços com a família, viagem com os amigos, brinquedos da infância), os quais todos foram avaliados positivamente por peritos na área da psicologia social. Assim, o conjunto de vinte itens foi nomeado de *Escala de Disposição à Nostalgia*, em que demonstrou ser uma medida com indicadores psicométricos satisfatórios. Não obstante, buscando contar uma medida breve foi selecionado os dez itens com maior carga fatorial, os quais também demonstraram adequabilidade de validade e consistência interna.

Após conhecer os primeiros indicadores psicométricos da EDN, buscou confirmar a estrutura fatorial preconizada. Dessa forma, verificou-se que um item havia bastante compartilhamento do seu erro com outros dois itens e assim, optou-se por excluí-lo. A estrutura fatorial final da END ficou composta por nove itens, os quais apresentaram indicadores de consistência interna satisfatório (alfa de Cronbach, teste-*retest*) e validade fatorial. Ademais, nos estudos 1 e 2 observaram a validade convergente com duas medidas que também mensuram a nostalgia, bem como a validade de critério com os construtos de ruminação e solidão. Desse modo, no âmbito psicométrico, esta medida conseguiu reunir indicadores de validade (fatorial, convergente e critério) e consistência interna satisfatórios.

Os estudos 3 e 4 exploraram a relação e o efeito de nostalgia nos valores humanos, autoestima, sentido de vida e otimismo. Em relação ao primeiro, a maioria das hipóteses foram corroboradas com os resultados, sobretudo, na relação entre nostalgia e valores

humanos. Como esperado, nostalgia se relacionou com os valores interativos de modo que esse dado reforça o componente social em torno da nostalgia (Wildschut et al., 2006). Os valores interativos com o tipo de orientação social e tipo motivador idealista representam a ênfase dos atributos mais afetivos e abstratos, em que as proximidades sociais são uma meta em si (Gouveia, 2013). Desse modo, o indivíduo com traço nostálgico, ao priorizar os valores interativos, recorre a estratégias diretas de contato interpessoal como forma de compensar as lembranças do passado.

Consequentemente, pessoas que pontuam alto em nostalgia e nos valores interativos, apresentaram maior autoestima, presença de sentido e otimismo. Por outro lado, na ausência dos valores interativos, o alto traço nostálgico possui direção oposta com as variáveis do bem-estar. Assim, considera-se como o principal resultado da presente dissertação, por duas razões: (1) evidência adicional à natureza ambivalente da nostalgia; e (2) a presença da conexão social (valores interativos) para o manejo dessa ambivalência em torno do construto. Portanto, os resultados corroboram com a literatura em torno da nostalgia, além de adicionar como ocorre sua relação com outros construtos.

Limitações do estudo

Apesar dos achados discutidos anteriormente, este estudo não está isento de limitações. Primeiro, refere-se a amostra que foi adotada nos estudos. Esta foi escolhida pelo método não-probabilístico, isto é, conveniência, em que as pessoas foram convidadas a participar do estudo e de fácil acesso, de modo que não permite generalizar os resultados para outros contextos do país (Cozby, 2003).

Além disso, ressalta à utilização da amostra composta ter sido composta unicamente por estudantes universitários. Apesar de os estudantes universitários não serem a maioria no Brasil, correspondendo, majoritariamente, a jovens de classe socioeconômica média, incluí-los em pesquisas não é somente um problema neste país,

podendo produzir incertezas quanto a generalização e reprodutibilidade dos achados (Peterson & Merunka, 2014).

Outra limitação diz respeito ao efeito da manipulação do último *Estudo 4*. Talvez, o estado de nostalgia não apresentou efeito nas variáveis dependentes pelo tempo curto da apresentação do estímulo e a resposta para estímulo. Além disso, ao utilizar diferentes medidas no mesmo caderno de resposta possa ter interferido na resposta emocional da nostalgia. Por fim, também considera limitação a inconsistência da relação entre nostalgia e autoestima no *Estudo 3 e 4*.

Direções futuras

Diante dos resultados principais e as limitações discutidas, foram consideradas possibilidades futuras. No primeiro momento, ressalta-se o enfoque dos estudos experimentais do estado de nostalgia. A maioria das pesquisas sobre a nostalgia utilizaram diferentes instrumentos que desencadearam a nostalgia, como por exemplo, o perfume (Reid et al., 2014) e música (Barret et al., 2010; Cheung et al., 2013). Tais procedimentos podem ser utilizados no contexto brasileiro como forma de elevar o estado de nostalgia.

Outra possibilidade futura corresponde à aplicação em outros contextos do território brasileiro da Escala de Disposição à Nostalgia, reunindo evidências de adequação psicométrica. Ademais, a utilização de amostras com diferentes faixas etárias (e.g., crianças, idosos) para verificar se a nostalgia ocorre para todas as idades (Batcho, 1995; 2013). Também a possibilidade de considerar pessoas da população geral de diferentes faixas etárias, grupos minoritários (e.g., homossexuais, negros) e aquelas que buscam ajuda psicológica, avaliando a adequação e aplicabilidade desta medida.

Por fim, no que diz respeito ao estudo dos valores humanos, ressalta a importância de observar o efeito dos valores idealistas/humanitários. No *Estudo 3*, pôde-se verificar a

relação da nostalgia com as subfunções experimentação, suprapessoal e interativa, as quais em conjunto representam os valores idealistas. Tais valores se referem a manifestação das necessidades humanas, retratadas por meio da cognição (Gouveia, 2003). Já à nostalgia, apresenta o elemento de necessidade de filiação e pertencimento (Baumeister & Leary, 1995; Sedikides et al., 2015). Dessa forma, talvez o entendimento do efeito da nostalgia em outros construtos possa sofrer o efeito moderador dos valores idealistas.

Aplicabilidade

A nostalgia é um fenômeno complexo e profundamente social de modo que pode ter diferentes aplicações práticas no âmbito individual e coletivo. Considera que os estudos apresentados aqui, possam fornecer dados para outras pesquisas no campo psicológico. Ademais, contribuir com a literatura da área e possibilitar a criação de intervenção.

Inicialmente, o entendimento da nostalgia como um traço de personalidade pode contribuir para diferentes aplicações na área social. Ressalta-se que a nostalgia se diferencia dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade, mas a compreensão de sua natureza intrínseca relativamente estável possibilita por quais direcionamento o psicólogo social pode utilizar em seus estudos. De forma prática, a nostalgia pode ser utilizada como um recurso na proximidade social.

Por fim, a ideia de usar o passado na promoção do bem-estar psicológico sugere o impacto que as memórias autobiográficas possuem na qualidade mental da pessoa, importante no âmbito clínico. Bauer, McAdams e Sakaeda (2005) observaram que o conceito de “*good life*” (boa vida) para os indivíduos é representado por dimensões de *maturidade* e *bem-estar*, sendo fundamentais nesse processo as memórias autobiográficas. Isso porque tanto a maturidade quanto o bem-estar retomam a construção

de sentido da vida e a relação com as outras pessoas, corroborando a necessidade de pertencimento do indivíduo (Baumeister & Leary, 1995). Portanto, a justaposição de afetos positivos e afetos negativos, no aumento da saúde mental, pode auxiliar a psicoterapia se beneficiar do estímulo à nostalgia como via para promover melhor qualidade de vida dos pacientes.

REFERÊNCIAS

- Abeyta, A. A., Routledge, C., Roylance, C., Wildschut, T., & Sedikides, C. (2015). Attachment-related avoidance and the social and agentic content of nostalgic memories. *Journal of Social and Personal Relationships, 32*, 406-413.
- Allen, M. W., Ng, S. H., & Wilson, M. (2002). A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behaviour system of consumer choice. *European Journal of Marketing, 36*, 111-135.
- Anderson, J. C., & Gerbing, D. W. (1984). The effect of sampling error on convergence, improper solutions, and goodness-of-fit indices for maximum likelihood confirmatory factor analysis. *Psychometrika, 49*, 155-173.
- Aquino, T. A. A. D., Correia, A. P. M., Marques, A. L. C., Souza, C. G. D., Assis Freitas, H. C. D., Araújo, I. F. D., ... & Araújo, W. F. D. (2009). Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. *Psicologia: Ciência e Profissão, 29*, 228-243.
- Aquino, T. A. A. D., Dará, D. M. B., & Simeão, S. D. S. S. (2016). Depressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 12*, 35-41.
- Aquino, T. A. A., Gouveia, V. V., Aguiar, A. A., Serafim, T. D. B., Meneses, A. P., Araújo, G. P., & Fernandes, A. S. (2015). Questionário de sentido de vida: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Psicologia: Ciência e Profissão, 35*, 4-19.
- Athayde, R. A. A. (2012). *Medidas Implícitas de Valores Humanos: Elaboração e Evidências de Validade*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Avia, M. D. (1997). Personality and positive outcomes. *European Journal of Personality, 11*, 33-56.

- Baldwin, M., & Landau, M. J. (2015). Exploring nostalgia's influence on psychological growth. *Self and Identity, 13*, 162–177.
- Baldwin, M., Biernat, M., & Landau, M. J. (2015). Remembering the real me: Nostalgia offers a window to the intrinsic self. *Journal of Personality and Social Psychology, 108*, 128-147.
- Barbosa, L. H. G. M. (2015). *Explicando a disposição para perdoar: o papel dos valores humanos e das crenças no mundo justo/injusto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 1173-1182.
- Barrett, F. S., Grimm, K. J., Robins, R. W., Wildschut, T., Sedikides, C., & Janata, P. (2010). Music-evoked nostalgia: Affect, memory, and personality. *Emotion, 10*, 390-403.
- Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2014). Optimism, self-esteem and personality: adaptation and validation of the Brazilian Version Of The Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Psico-USF, 19*, 523-531.
- Batcho, K. I. (1995). Nostalgia: A psychological perspective. *Perceptual and Motor Skills, 80*, 131-143.
- Batcho, K. I. (1998). Personal nostalgia, world view, memory, and emotionality. *Perceptual & Motor Skills, 87*, 411–432.
- Batcho, K. I. (2007). Nostalgia and the emotional tone and content of song lyrics. *The American Journal of Psychology, 120*, 361-381.

- Batcho, K. I. (2013). Nostalgia: The bittersweet history of a psychological concept. *History of Psychology, 16*, 165-176.
- Batcho, K. I., DaRin, M. L., Nave, A. M., & Yaworsky, R. R. (2008). Nostalgia and identity in song lyrics. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts, 2*, 236-244.
- Batcho, K. I., Nave, A. M., & DaRin, M. L. (2011). A retrospective survey of childhood experiences. *Journal of Happiness Studies, 12*, 531-545.
- Battista, J., & Almond, R. (1973). The development of meaning in life. *Psychiatry, 36*, 409-427.
- Bauer, J. J., McAdams, D. P., & Sakaeda, A. R. (2005). Interpreting the good life: growth memories in the lives of mature, happy people. *Journal of Personality and Social Psychology, 88*, 203-217.
- Bauer-Wu, S., & Farran, C. J. (2005). Meaning in life and psycho-spiritual functioning: a comparison of breast cancer survivors and healthy women. *Journal of Holistic Nursing, 23*, 172-190.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin, 117*, 497-529.
- Baumeister, R. F., & Wilson, B. (1996). Life stories and the four need for meaning. *Psychological Inquiry, 7*, 322-325.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. D. (2003). Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest, 4*, 1-44.
- Belk, R. W. (1990). The Role of Possessions in Constructing and Maintaining a Sense of Past. *Advances in Consumer Research, 17*, 669-676.

- Biskas, M., Cheung, W. Y., Juhl, J., Sedikides, C., Wildschut, T., & Hepper, E. (2018). A prologue to nostalgia: savouring creates nostalgic memories that foster optimism. *Cognition and Emotion*, 1-11.
- Blascovich, J. & Tomaka, J. (1994). Measures of self-esteem. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 115-160). San Diego: Academic Press.
- Bosson, J. K., Swann, W. B., & Pennebaker, J. W. (2000). Stalking the perfect measure of implicit self-esteem: The blind men and the elephant revisited? *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 631–643.
- Braithwaite, V., Makkai, T., & Pittelkow, Y. (1996). Inglehart's Materialism-Postmaterialism Concept: Clarifying the Dimensionality Debate Through Rokeach's Model of Social Values. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 1536-1555.
- Brasil (2016). *Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde, Brasil.
- Brassai, L., Piko, B. F., & Steger, M. F. (2011). Meaning in life: Is it a protective factor for adolescents' psychological health?. *International Journal of Behavioral Medicine*, 18, 44-51.
- Brito, T. R. de S. (2017). *Adesão ao tratamento antirretroviral: uma explicação pautada nos valores humanos, na positividade e no coping*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Burke, K. L., Joyner, A. B., Czech, D. R., and Wilson, M. J. (2000). An investigation of concurrent validity between two optimism/pessimism questionnaires: The life

- orientation test-revised and the optimism/pessimism scale. *Current Psychology: Development, Learning, Personality, Social*, 19, 129-136.
- Buss, D. (2015). *Evolutionary psychology: The new science of the mind*. Psychology Press.
- Butler, J., & Kern, M. L. (2016). The PERMA-Profiler: A brief multidimensional measure of flourishing. *International Journal of Wellbeing*, 6, 1-48.
- Cacioppo, J. T., & Cacioppo, S. (2014). Social relationships and health: The toxic effects of perceived social isolation. *Social and Personality Psychology Compass*, 8, 58–72.
- Carvalho, R. S. D. (2016). Materialidades discursivas persuasivo-nostálgicas na publicidade. *Doutorado Ciência da Linguagem*. Universidade do Sul, Santa Catarina.
- Carver, C. S., & M. F. Scheier (2009). Optimism. In C. R. Snyder & S. L. Lopez. (2° Eds.) *Handbook of positive psychology*. New York: Oxford University Press.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2014). Dispositional optimism. *Trends in Cognitive Sciences*, 18, 293-299.
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para adaptação de instrumentos. In L. Pasquali (Ed.), *Instrumentação psicológica*. Fundamentos e práticas (pp. 506-520). Porto Alegre: Artmed.
- Castelnuovo-Tedesco, P. (1980). Reminiscence and nostalgia: The pleasure and pain of remembering. In S. I. Greenspan, & G. H. Pollack (Eds.), *Adulthood and the aging process: Vol. III. The course of life: Psychoanalytic contributions toward understanding personality development* (pp. 104–118). Washington, DC: U.S. Government Printing Office.

- Cavalcanti, T. M. (2016). A natureza dos valores humanos: evidências acerca das necessidades psicológicas. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Chaves, S. S. S. (2003). *Valores como preditores do bem-estar subjetivo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Cheung, W. Y., Sedikides, C., & Wildschut, T. (2016). Induced nostalgia increases optimism (via social-connectedness and self-esteem) among individuals high, but not low, in trait nostalgia. *Personality and Individual Differences, 90*, 283-288.
- Cheung, W. Y., Wildschut, T., & Sedikides, C. (2018). Autobiographical memory functions of nostalgia in comparison to rumination and counterfactual thinking: similarity and uniqueness. *Memory, 26*, 229-237.
- Cheung, W. Y., Wildschut, T., Sedikides, C., Hepper, E. G., Arndt, J., & Vingerhoets, A. J. J. M. (2013). Back to the future: Nostalgia increases optimism. *Personality and Social Psychology Bulletin, 39*, 1484–1496.
- Cicchetti, D. V. (1994). Guidelines, criteria, and rules of thumb for evaluating normed and standardized assessment instruments in psychology. *Psychological assessment, 6*, 284-290.
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment, 7*, 309 – 321.
- Coelho, G. L. H., Fonseca, P. N., Gouveia, V.V., Wolf, L. J., & Souza, R.V.L. (2018). De Jong Gierveld Loneliness Scale (Short version): Validation brazilian context. *Paidéia*.
- Coelho, G. L., Vilar, R., Hanel, P. H., Monteiro, R. P., Ribeiro, M. G., & Gouveia, V. V. (2018). Optimism scale: Evidence of psychometric validity in two countries

- and correlations with personality. *Personality and Individual Differences*, 134, 245-251.
- Cohen, K., & Cairns, D. (2012). Is searching for meaning in life associated with reduced subjective well-being? Confirmation and possible moderators. *Journal of Happiness Studies*, 13, 313-331.
- Cooley, C. H. (1902). *Human nature and the social order*. New York: Scribner's.
- Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem*. San Francisco, CA: Freeman.
- Coopersmith, S. (1975). *Coopersmith Self-Esteem Inventory, technical manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Cosby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 10, 1-9.
- Couto, R. N. (2017). *Perdão e crescimento pós-traumático no âmbito do divórcio: uma explicação pautada nos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Cox, J. L. (1988). The overseas student: Expatriate, sojourner or settler? *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 78, 179-184.
- Crumbaugh, J. C., & Maholick, L. T. (1964). An experimental study in existentialism: The psychometric approach to Frankl's concept of noogenic neurosis. *Journal of Clinical Psychology*, 20, 200-207.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11, 213-228.

- Damásio, B. F. (2013). *Sentido de vida e bem-estar subjetivo: interações com esperança, otimismo, autoeficácia e autoestima em diferentes etapas do ciclo vital*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Damásio, B. F., & Koller, S. H. (2015). How search for meaning interacts with complex categories of meaning in life and subjective well-being?. *The Spanish Journal of Psychology, 18*, 1-10.
- Damásio, B. F., & Koller, S. H. (2015). Meaning in Life Questionnaire: Adaptation process and psychometric properties of the Brazilian version. *Revista Latinoamericana de Psicología, 47*, 185-195.
- Davis, F. (1979). *Yearning for yesterday: A sociology of nostalgia*. New York, NY: The Free Press.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry, 11*, 227-268.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2013). The importance of autonomy for development and well-being. In B. W. Sokol, M. E. F. Grouzet & U. Müller (Eds). *Self-regulation and autonomy: Social and developmental dimensions of human conduct* (pp.19-46). Cambridge University Press: London, UK.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin, 95*, 542-575.
- Diener, E. (2013). The remarkable changes in the science of subjective well-being. *Perspectives on Psychological Science, 8*, 663-666.
- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 653-663.
- Diener, E., & Emmons, R. A. (1984). The independence of positive and negative affect. *Journal of Personality and Social Psychology, 47*, 1105-1117.

- Diener, E., Heintzelman, S. J., Kushlev, K., Tay, L., Wirtz, D., Lutes, L. D., & Oishi, S. (2017). Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 58, 87-184.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture, and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology*, 54, 403-425.
- Diener, E., Pressman, S. D., Hunter, J., & Delgado-García, D. (2017). If, why, and when subjective well-being influences health, and future needed research. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 9, 133–167.
- Drost, E. A. (2011). Validity and reliability in social science research. *Education Research and perspectives*, 38, 105-123.
- Edwards, M. J., & Holden, R. R. (2001). Coping, meaning in life, and suicidal manifestations: Examining gender differences. *Journal of Clinical Psychology*, 57, 1517-1534.
- Eid, M., & Larsen, R. J. (Eds.). (2008). *The science of subjective well-being*. New York, NY: Guilford Press.
- Ellickson, D. (2013). *The Influence of sad music on nostalgia, happiness, and optimism Levels*. Departamento de Psicologia. Dublin Business School, Irlanda, UK.
- Estramiana, J. L. A., Pereira, C. R., Monter, M. R., & Zlobina, A. (2013). Valores sociais. Em L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia social: temas e teorias*. 2ª ed. (pp. 309-353). Brasília: Technopolitik.
- Fava, G. A. (2016). Well-being therapy: current indications and emerging perspectives. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 85, 136-145.
- Field, A. (2013). *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed.

- Fitts, W. H., & Roid, G. H. (1964). *Tennessee self concept scale*. Nashville, TN: Counselor Recordings and Tests.
- Fodor, N. (1950). Varieties of nostalgia. *Psychoanalytic Review*, 37, 25–38.
- Fonsêca, P. N. D., Lopes, B. D. J., Gusmão, E. É. D. S., Pessoa, V. S. A., Couto, R. N., & Silva, M. I. F. D. (2017). Perdão conjugal: uma explicação a partir dos valores humanos. *Temas em Psicologia*, 25(4), 1913-1926.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18, 39-50.
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida* (A. M. Castro, trad.). São Paulo: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946).
- Freud, S. (1996a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996b). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (o pequeno Hans). In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909).
- Gardner, W. L., Pickett, C. L., & Knowles, M. L. (2005). Social snacking and shielding: Using social symbols, selves, and surrogates in the service of belongingness needs. In K. D. Williams, J. P. Forgas, & W. von Hippel (Eds.), *The social outcast: Ostracism, social exclusion, rejection, and bullying* (pp. 227–241). New York, NY: Psychology Press.

- Garrido, S. (2018). The influence of personality and coping style on the affective outcomes of nostalgia: Is nostalgia a healthy coping mechanism or rumination?. *Personality and Individual Differences, 120*, 259-264.
- Giacomoni, C.H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia, 12*, 43-50.
- Gierveld, J. D. J., & Tilburg, T. V. (2006). A 6-item scale for overall, emotional, and social loneliness: Confirmatory tests on survey data. *Research on Aging, 28*, 582-598.
- Gobitta, M., & Guzzo, R. S. L. (2002). Initial study of the Self-Esteem Inventory (SEI): Form A. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 15*, 143-150.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Uma comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia, 8*, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V. (2016). Introdução à Teoria Funcionalista dos Valores. In V. V. Gouveia (Ed.), *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-27). São Paulo: Vetor
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014a). Functional theory of human values Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences, 60*, 41-47.

- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014b). The functional theory of human values: From intentional overlook to first acknowledgement—A reply to Schwartz (2014). *Personality and Individual Differences*, 68, 250 - 253.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R. D., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In M. L. M. Teixeira (Ed.) *Valores humanos & gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo: Senac.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R., & Leite, I. L. (2011). Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida. *Psico*, 42, 106-115.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Athayde, R. A. A., Souza, R. V. L., & Gusmão, E. É. S. (2014). Valores, altruísmo e comportamentos de ajuda: comparando doadores e não doadores de sangue. *Psico*, 45, 209-218.
- Gouveia, V. V., Vione, K. C., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2015). Patterns of Value Change During the Life Span Some Evidence From a Functional Approach to Values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 1 – 15.
- Gouveia, V.V. & Soares, A.K.S. (2015). *Calculadora de validade construto (CVC)*. João Pessoa, PB: BNCS / Universidade Federal da Paraíba.
- Gouveia, V. V., Ribeiro, M. G. C., Loureto, G. D. L., Neta, O. F. S., Gouveia, R. S. V., Vilar, R., & Freire, S. E. A. (2018). Escala de afetos positivos e negativos (EAPN-10): evidências de sua adequação psicométrica. *Temas em Psicologia* (no prelo).
- Guerra, V. M., Moura, H. M., Oliveira, I. C. V., Ribeiro, M. G. C., & Brito, T. R. S. (2017). Psicologia positiva: seus construtos e a sua relação com a psicologia social. In C. F. Lima & C. E. Pimentel (Org.). *Revisitando a psicologia social* (pp. 127-148). Curitiba: Juruá.

- Gusmão, E. E. S., Nascimento, B. S., & Aquino, T. A. A. (2016). Psicologia positiva e o estudo dos valores. In V. V. Gouveia (Org.). *Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações* (pp. 159-174). São Paulo: Vetor.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados (6ª edição)*. Porto Alegre: Bookman.
- Hakstian, A. R., & Whalen, T. E. (1976). A k-sample significance test for independent alpha coefficients. *Psychometrika*, *41*, 219-231.
- Hallegatte, D., & Marticotte, F. (2014). Does Holbrook's Nostalgia Index measure nostalgia proneness?. *Winter Marketing Educators Conference*, Orlando, Florida, United States.
- Hampson, S. E., & Goldberg, L. R. (2006). A first large cohort study of personality trait stability over the 40 years between elementary school and midlife. *Journal of Personality and Social Psychology*, *91*, 763-779.
- Hanssen, M. M., Vancleef, L. M. G., Vlaeyen, J. W. S., Hayes, A. F., Schouten, E. G. W., & Peters, M. L. (2015). Optimism, motivational coping and well-being: Evidence supporting the importance of flexible goal adjustment. *Journal of Happiness Studies*, *16*, 1525-1537.
- Harlow, L. L., Newcomb, M. D., & Bentler, P. M. (1987). Purpose in Life Test assessment using latent variable methods. *British Journal of Clinical Psychology*, *26*, 235-236.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: Guilford Press.
- Harter, S., Whitesell, N. R., & Junkin, L. J. (1998). Similarities and differences in domain specific and global self-evaluations of learning disabled, behaviorally

- disordered, and normally achieving adolescents. *American Education Research Journal*, 35, 653–680.
- Havlena, W. J., & Holak, S. L. (1991). “The good old days”: Observations on nostalgia and its role in consumer behavior. *Advances in Consumer Research*, 18, 323–329.
- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004). Factor retention decisions in exploratory factor analysis: A tutorial on parallel analysis. *Organizational Research Methods*, 7, 191-205.
- Henriques, G. (2011). *A new unified theory of psychology*. New York, NY: Springer.
- Henriques, G., Kleinman, K., & Asselin, C. (2014). The Nested Model of well-being: A unified approach. *Review of General Psychology*, 18, 7-18.
- Hepper, E. G., Ritchie, T. D., Sedikides, C., & Wildschut, T. (2012). Odyssey's end: Lay conceptions of nostalgia reflect its original homeric meaning. *Emotion*, 12, 102-119.
- Hepper, E. G., Wildschut, T., Sedikides, C., Ritchie, T. D., Yung, Y.-F., Hansen, N., et al. (2014). Pancultural nostalgia: Prototypical conceptions across cultures. *Emotion*, 14, 733–747.
- Hermida, R. (2015). The problem of allowing correlated errors in structural equation modeling: concerns and considerations. *Computational Methods in Social Sciences*, 3, 5-17.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contribuciones al análisis estadístico*. Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes/IESINFO.
- Hertz, D. G. (1990). Trauma and nostalgia: New aspects of the coping of aging holocaust survivors. *The Israeli Journal of Psychiatry and Related Sciences*, 27, 189–198.

- Ho, M. Y., Cheung, F. M., & Cheung, S. F. (2010). The role of meaning in life and optimism in promoting well-being. *Personality and Individual Differences, 48*, 658-663.
- Hobsbawm, E. (1983). Introduction: Inventing Tradition. In: E. Hobsbawm & T. Ranger (Eds.). *The Invention of Tradition* (pp. 1-14). Cambridge: Cambridge University Press.
- Hofer, J. (1934). Medical dissertation on nostalgia (C.K. Anspach, Trans.). *Bulletin of the History of Medicine, 2*, 376–391, Original work published 1688.
- Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in word-related values*. Newbury Park: Sage Publications.
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. *Online readings in psychology and culture, 2*, 8 – 22.
- Holak, S. L., & Havlena, W. J. (1998). Feelings, fantasies, and memories: An examination of the emotional components of nostalgia. *Journal of Business Research, 42*, 217-226.
- Holbrook, M. B. (1993). Nostalgia and consumption preferences: Some emerging patterns of consumer tastes. *Journal of Consumer Research, 20*, 245-256.
- Holbrook, M. B., & Schindler, R. M. (1991). Echoes of the dear departed past: Some work in progress on nostalgia. In: R. H. Holman & M. R. Solomon (Eds). *Advances in Consumer Research*, (pp. 330-33). Provo, UT: Association for Consumer Research.
- Homer. (1921). *The Odyssey* (F. Caulfield, Trans.). London, UK: G. Bell and Sons.
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica, 10*, 41-49.

- Hutz, C. S., Midgett, A., Pacico, J. C., Bastianello, M. R., & Zanon, C. (2014). The relationship of hope, optimism, self-esteem, subjective well-being, and personality in Brazilians and Americans. *Psychology, 5*, 514-522.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1991). El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo XXI.
- Inglehart, R. F. (2008). Changing values among western publics from 1970 to 2006. *West European Politics, 31*, 130-146.
- Ishida, R., & Okada, M. (2006). Effects of a firm purpose in life on anxiety and sympathetic nervous activity caused by emotional stress: assessment by psychophysiological method. *Stress and health: Journal of the International Society for the Investigation of Stress, 22*, 275-281.
- Jaeggi, A. V., De Groot, E., Stevens, J. M., & Van Schaik, C. P. (2013). Mechanisms of reciprocity in primates: testing for short-term contingency of grooming and food sharing in bonobos and chimpanzees. *Evolution and Human Behavior, 34*, 69-77.
- Janata, P., Tomic, S. T., & Rakowski, S. K. (2007). Characterisation of music-evoked autobiographical memories. *Memory, 15*, 845-860.
- Janis, I. L., & Field, P. B. (1959). Sex differences and personality factors related to persuasibility. In C. I. Hovland & I. L. Janis (Eds.), *Personality and persuasibility* (pp. 55-68). Oxford, England: Yale Univer. Press.
- Johnson-Laird, P. N., & Oatley, K. (1989). The language of emotions: An analysis of semantic field. *Cognition and Emotion, 3*, 81-123.
- Jose, P. E. (2013). *Doing statistical mediation and moderation*. New York: Guilford Press.

- Ju, H., Shin, J. W., Kim, C. W., Hyun, M. H., & Park, J. W. (2013). Mediation effect of meaning in life on the relationship between optimism and well-being in community elderly. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, *56*, 309-313.
- Juhl, J., & Routledge, C. (2014). The effects of trait self-esteem and death cognitions on worldview defense and search for meaning. *Death Studies*, *38*, 62–68.
- Kaplan, H. A. (1987). The psychopathology of nostalgia. *Psychoanalytic Review*, *74*, 465–486.
- Kenrick, D. T., Griskevicius, V., Neuberg, S. L., & Schaller, M. (2010). Renovating the pyramid of needs contemporary extensions built upon ancient foundations. *Perspectives on psychological science*, *5*, 292 - 314.
- Kleftaras, G., & Psarra, E. (2012). Meaning in life, psychological well-being and depressive symptomatology: A comparative study. *Psychology*, *3*, 337-345.
- Kleiman, E. M., Chiara, A. M., Liu, R. T., Jager-Hyman, S. G., Choi, J. Y., & Alloy, L. B. (2017). Optimism and well-being: a prospective multi-method and multi-dimensional examination of optimism as a resilience factor following the occurrence of stressful life events. *Cognition and Emotion*, *31*, 269-283.
- Keyes, C. L. (2006). Subjective well-being in mental health and human development research worldwide: An introduction. *Social Indicators Research*, *77*, 1-10.
- Kluckhohn, C. (1951). Los valores y las orientaciones de valor en la teoría de la acción. In T. Parsons, & E. A. Shils (Eds.), *Hacia una teoría general de la acción* (pp. 435-485). Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- Kuklick, H. (2002). Functionalism. Em A. Barnard & J. Spencer (Orgs.), *Encyclopedia of social and cultural anthropology* (pp. 377- 384). London: Routledge.

- Kong, F., Zhao, J., & You, X. (2013). Self-esteem as mediator and moderator of the relationship between social support and subjective well-being among Chinese university students. *Social Indicators Research, 112*, 151-161.
- Kuster, F., & Orth, U. (2013). The long-term stability of self-esteem: Its time-dependent decay and nonzero asymptote. *Personality and Social Psychology Bulletin, 39*, 677-690.
- Lasaleta, J. D., Sedikides, C., & Vohs, K. D. (2014). Nostalgia weakens the desire for money. *Journal of Consumer Research, 41*, 713-729.
- Leidy, N. K. (1994). Operationalizing Maslow's theory: Development and testing of the basic need satisfaction inventory. *Issues in Mental Health Nursing, 15*, 277-295.
- Leite, U. R., & Pasquali, L. (2008). Estudo de validação do Inventário de Perspectiva de Tempo do Zimbardo. *Avaliação Psicológica, 7*, 301-320.
- Leventhal, A. M., & Rehm, L. P. (2005). The empirical status of melancholia: Implications for psychology. *Clinical Psychology Review, 25*, 25-44.
- Lima, T. J. S., Gouveia, V. V., Souza, L. E. C., & Fonseca, P. N. (2014). Avaliando Valores a partir de Relatos Comportamentais: Evidências Psicométricas de uma Nova Medida. *Psico, 45*, 485-493.
- Lopes de Andrade, M. W. C. (2001). *A dimensão valorativa do sentido da vida*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: "A força desafiadora do espírito"* (J. de Sá Porto, trad.). São Paulo: Edições Loyola e Leopoldianum.
- Lyubomirsky, S., King, L., & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: Does happiness lead to success? *Psychological Bulletin, 31*, 803-855.

- MacDonald, G. & Leary, M. R. (2012). Individual differences in self-esteem. In: M. R., Leary & J. P. Tangney (Eds.). *Handbook of self and identity*. (pp. 354-377). New York, NY: Guilford Press.
- MacDonald, G., Saltzman, J. L., & Leary, M. R. (2003). Social approval and trait self-esteem. *Journal of Research in Personality*, 37, 23–40.
- MacKinnon, D. P., Krull, J. L., & Lockwood, C. M. (2000). Equivalence of the mediation, confounding and suppression effect. *Prevention Science*, 1, 173-181.
- Maddux, J. (2018). Subjective well-being and life satisfaction: an introduction to conceptions, theories, and measures. In: J. Maddux (Ed.). *Subjective well-being and life satisfaction*. (pp.3-32). New York: Routledge.
- Maio, G. R. (2010). Mental representations of social values. In: M. Zanna. (Ed.) *Advances in experimental social psychology*, 42 (pp.1-43). Amsterdã: Elsevier.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Mäkikangas, A., & Kinnunen, U. (2003). Psychosocial work stressors and well-being: Self-esteem and optimism as moderators in a one-year longitudinal sample. *Personality and Individual Differences*, 35, 537-557.
- McCann, W. H. (1941). Nostalgia: A review of the literature. *Psychological Bulletin*, 38, 165–182.
- McCracken, G. (1988). *Culture and Consumption: New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*, Bloomington: Indiana University Press.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self, and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. (Tese de Doutorado não publicada). Departamento de Psicologia, UFPB, João Pessoa, PB.

- Medeiros, E. D. D., Pimentel, C. E., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Medeiros, P. C. B. D. (2015). Valores, atitudes e uso de bebidas alcoólicas: proposta de um modelo hierárquico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 841-854.
- Merchant, A., Latour, K., Ford, J. B., & Latour, M. S. (2013). How Strong is the Pull of the Past?: Measuring Personal Nostalgia Evoked by Advertising. *Journal of Advertising Research*, 53, 150-165.
- Miller Smedema, S., Catalano, D., & Ebener, D. J. (2010). The relationship of coping, self-worth, and subjective well-being: A structural equation model. *Rehabilitation Counseling Bulletin*, 53, 131-142.
- Mishra, K. K. (2013). Optimism and well-being. *Social Science International*, 29, 75-87.
- Muehling, D. D., & Pascal, V. J. (2012). An involvement explanation for nostalgia advertising effects. *Journal of Promotion Management*, 18, 100-118.
- Muehling, D. D., Sprott, D. E., & Sprott, D. E. (2004). The power of reflection: An empirical examination of nostalgia advertising effects. *Journal of Advertising*, 33, 25-35.
- Nascimento, A. M. D. (2016). *Satisfação com a vida: uma explicação pautada na crença no mundo justo e nos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Nolen-Hoeksema, S., & Morrow, J. (1991). A prospective study of depression and posttraumatic stress symptoms after a neutral disaster: the 1989 Loma Prieta Earthquake. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 115-121.

- Ojanen, T., & Perry, D. G. (2007). Relational schemas and the developing self: Perceptions of mother and of self as joint predictors of early adolescents' self-esteem. *Developmental Psychology*, *43*, 1474–1483.
- Oliveira, I. S. V. (2017). *Personalidade virtuosa: evidências psicométricas e correlatos valorativos e pró-sociais*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Oliveira, K. G. (2013). *O sentido da vida, a religiosidade e os valores na cultura surda*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Orth, U., & Robins, R. W. (2014). The development of self-esteem. *Current Directions in Psychological Science*, *23*, 381-387.
- Orth, U., Robins, R. W., & Widaman, K. F. (2012). Life-span development of self-esteem and its effects on important life outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, *102*, 1271-1288.
- Osborn, H. J. (2016). *Nostalgic Reverie and Affect toward Past and Present Selves*. (Doctoral Dissertation) Ohio University, Ohio, USA.
- Ottati, F., & Noronha, A. P. P. (2017). Factor structure of the Life Orientation Test-Revised (LOT-R). *Acta Colombiana de Psicología*, *20*, 32-39.
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 55-70). Porto Alegre: Artmed.
- Pacico, J. C. (2015). Normas. In: C.S. Hutz, D.R., Bandeira, & C. M. Trentini, (Org.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed.

- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pasquali, L. (2010). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In L. Pasquali (Ed.), *Instrumentação psicológica. Fundamentos e práticas* (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.
- Pedrosa, I., Celis-Atenas, K., Suárez-Álvarez, J., García-Cueto, E., & Muñiz, J. (2015). Cuestionario para la evaluación del optimismo: Fiabilidad y evidencias de validez. *Terapia Psicológica, 33*, 127-138.
- Pereira, C., Camino, L., & Bastos da Costa, J. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18*, 16-25.
- Peters, R. (1985). Reflections on the origin and aim of nostalgia. *Journal of Analytical Psychology, 30*, 135–148.
- Peterson, C. (2000). The future of optimism. *American Psychologists, 55*, 44-55.
- Peterson, R. A., & Merunka, D. R. (2014). Convenience samples of college students and research reproducibility. *Journal of Business Research, 67*, 1035–1041.
- Peterson, C., & Steen, T. A. (2009). Optimism. In C. R. Snyder & S. L. Lopez. (2° Eds.) *Handbook of positive psychology*. New York: Oxford University Press.
- Plutarco, F., & Botelho, D. (2012). A volta dos velhos e bons tempos: proposições sobre o construto nostalgia na área de comportamento do consumidor. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 36*.
- Prestes, A. P., & Macedo, D. G. (2013). Influência da Nostalgia no Consumo Simbólico e Material de Bens. In *Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação e Consumo (Comunicon 2013)*. ESPM: São Paulo (pp. 10-11).

- Reid, C. A., Green, J. D., Wildschut, T., & Sedikides, C. (2015). Scent-evoked nostalgia. *Memory*, *23*, 157-166.
- Reker, G. T., & Wong, P. T. (1988). Aging as an individual process: Toward a theory of personal meaning. In J. E. Birren & V. L. Bengtson (Eds.), *Emergent theories of aging* (pp. 214-246). New York: Springer.
- Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O processo de construção de escalas psicométricas. *Avaliação Psicológica*, *13*, 307-310.
- Riichiro, I., & Masahiko, O. (2006). Effects of a firm purpose in life on anxiety and sympathetic nervous activity caused by emotional stress: Assessment by psychophysiological method. *Stress and Health*, *22*, 275–281.
- Roid, G. H., & Fitts, W. H. (1988). *Tennessee Self-Concept Scale* (revised manual). Los Angeles: Western Psychological Services.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Romero, E., Villar, P., Gómez-Fraguela, J. A., & López-Romero, L. (2012). Measuring personality traits with ultra-short scales: a study of the Ten Item Personality Inventory (TIPI) in a Spanish sample. *Personality and Individual Differences*, *53*, 289-293.
- Rosen, G. (1975). Nostalgia: A “forgotten” psychological disorder. *Psychological Medicine*, *5*, 340–354.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Revised edition. Middletown, CT: Wesleyan University Press.

- Routledge, C., Arndt, J., Sedikides, C., & Wildschut, T. (2008). A blast from the past: The terror management function of nostalgia. *Journal of Experimental Social Psychology, 44*, 132-140.
- Routledge, C., Arndt, J., Wildschut, T., Sedikides, C., Hart, C., Juhl, J., et al. (2011). The past makes the present meaningful: Nostalgia as an existential resource. *Journal of Personality and Social Psychology, 101*, 638–652.
- Routledge, C., Wildschut, T., Sedikides, C., & Juhl, J. (2013). Nostalgia as a resource for psychological health and well-being. *Social and Personality Psychology Compass, 7*, 808-818.
- Routledge, C., Wildschut, T., Sedikides, C., Juhl, J., & Arndt, J. (2012). The power of the past: Nostalgia as a meaning-making resource. *Memory, 20*, 452-460.
- Rucker, D. D., Preacher, K. J., Tormala, Z. L., & Petty, R. E. (2011). Mediation analysis in social psychology: Current practices and new recommendations. *Social and Personality Psychology Compass, 5*, 359-371.
- Ruini, C., & Ryff, C. D. (2016). Using eudaimonic well-being to improve lives. In A. M. Wood & J. Johnson (Eds.), *The Wiley handbook of positive clinical psychology* (pp. 153–166). New York: Wiley.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology, 52*, 141-166.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 1069-1081.
- Ryff, C. D. (2014). Psychological well-being revisited: Advances in the science and practice of eudaimonia. *Psychotherapy and Psychosomatics, 83*, 10-28.

- Ryff, C. D. (2016). Beautiful ideas and the scientific Enterprise: sources of intellectual vitality in research on eudaimonic well-being. J. Vittersø (Ed.). *Handbook of eudaimonic well-being* (pp. 95-108). Cham: Springer International Publishing.
- Ryff, C. D., & Singer, B. (1998). The contours of positive human health. *Psychological Inquiry, 9*, 1-28.
- Santos, A. M. L. D. (2008). *Autoestima e suporte social em mães adolescentes: Um estudo no estado do Amapá–Brasil*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF, 15*, 395-403.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology, 4*, 219–247.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1993). On the power of positive thinking: The benefits of being optimistic. *Current Directions in Psychological Science, 2*, 26-30.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1987). Dispositional optimism and physical well-being: The influence of generalized outcome expectancies on health. *Journal of Personality. Special Issue: Personality and Physical Health, 55*, 169-210.
- Scheier, M. F., Carver, C. S., and Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem): A reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 1063-1078.
- Scheier, M.F., Carver, C.S., & Segerstrom, S.C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review, 30*, 879-889.

- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research Online*, 8, 23-74.
- Schindler, R. M., & Holbrook, M. B. (2003). Nostalgia for early experience as a determinant of consumer preferences. *Psychology & Marketing*, 20, 275-302.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19 – 45.
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C. et al. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663 - 688.
- Schweizer, K. (2011). Some thoughts concerning the recent shift from measures with many items to measures with few items. *European Journal of Psychological Assessment*, 27, 71-72.
- Schweizer, K., Beck-Seyffer, A., and Schneider, R. (1999). Cognitive bias of optimism and its influence on psychological well-being. *Psychological Report*, 84, 627-636.
- Sedikides, C. & Wildschut, T. (2016). Nostalgia: A bittersweet emotion that confers psychology health benefits. In: A. M. Wood & J. Johnson (Eds.) *The Wiley Handbook of Positive Clinical Psychology*. New York, US. Wiley.
- Sedikides, C., Cheung, W. Y., Wildschut, T., Hepper, E. G., Baldursson, E., & Pedersen, B. (2018). Nostalgia motivates pursuit of important goals by increasing meaning in life. *European Journal of Social Psychology*, 48, 209-216.

- Sedikides, C., Wildschut, T., & Baden, D. (2004). Nostalgia: Conceptual issues and existential functions. In: J. Greenberg, S. L., Koole, & T. A. Pyszczynski. (Eds). *Handbook of experimental existential psychology* (pp.200-214). New York, NY: Guilford Press.
- Sedikides, C., Wildschut, T., Cheung, W. Y., Routledge, C., Hepper, E. G., Arndt, J., ... & Vingerhoets, A. J. (2016). Nostalgia fosters self-continuity: Uncovering the mechanism (social connectedness) and consequence (eudaimonic well being). *Emotion, 16*, 524-539.
- Sedikides, C., Wildschut, T., Routledge, C., & Arndt, J. (2015). Nostalgia counteracts self-discontinuity and restores self-continuity. *European Journal of Social Psychology, 45*, 52-61.
- Sedikides, C., Wildschut, T., Routledge, C., Arndt, J., Hepper, E. G., & Zhou, X. (2015). To nostalgize: Mixing memory with affect and desire. *Advances in Experimental Social Psychology, 51*, 189-273.
- Seehusen, J., Cordaro, F., Wildschut, T., Sedikides, C., Routledge, C., Blackhart, G. C., et al. (2013). Individual differences in nostalgia proneness: The integrating role of the need to belong. *Personality and Individual Differences, 55*, 904–908.
- Seligman, M. E. (2011). *Florescer. Rio de Janeiro: Objetiva.*
- Seligman, M. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychological Association, 55*, 5–14.
- Seligman, M. E. P. (1998). *Learned optimism: How to change your mind and your life.* New York: Free Press.
- Serafim, T. D. B. (2013). *Congruência dos valores humanos e suas repercussões para o sentido de vida em pessoas religiosas.* Programa de Pós-graduação em Ciências

das Religiões Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Soares, A. K.S. (2015). *Valores humanos no nível individual e cultural: um estudo pautado na teoria funcionalista*. (Tese de de Doutorado não publicada).

Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Souza, L. E. C., Gouveia, V. V., de Lima, T. J. S., & dos Santos, W. S. (2015).

Questionários dos Valores Básicos–Diagnóstico (QVB-D): Evidências de Validade de Construto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28, 292-301.

Souza, R. V. L. (2015). *Explicando a civilidade: contribuições das prioridades valorativas e do priming valorativo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Steger, F. M., Frazier, P., Oishi, S., & Kaler, M. (2006). The meaning in Life Questionnaire: assessing the presence of and search for meaning in life. *Journal of Counseling Psychology*, 53, 80-93.

Steger, M. F. (2009). Meaning in life. In S. J. Lopez (Ed.), *Oxford handbook of positive psychology* (2nd Ed.) (pp. 679-587). Oxford, UK:Oxford University Press.

Steger, M. F. (2013). Experiencing meaning in life: Optimal functioning at the nexus of well-being, psychopathology, and spirituality. In *The human quest for meaning* (pp. 211-230). Routledge.

Stephan, E., Wildschut, T., Sedikides, C., Zhou, X., He, W., Routledge, C., et al.

(2015). The mnemonic mover: Nostalgia regulates avoidance and approach motivation. *Emotion*, 14, 545–561.

- Strassle, C. G., McKee, E. A., and Plant, D. D. (1999). Optimism as an indicator of psychological health: Using psychological assessment wisely. *Journal of Personality Assessment*, 72, 265-276.
- Šubrt, J., & Cassling, R. (2001). The problem of time from the perspective of the Social Sciences. *Czech Sociological Review*, 211-224.
- Toledo, A. C., Lopes, E. L., & Toledo, L. A. (2016). O apelo do sentimento de nostalgia no incremento da lealdade do cliente. *Revista da FAE*, 19, 110-131.
- Treynor, W., Gonzalez, R., & Nolen-Hoeksema, S. (2003). Rumination reconsidered: a psychometric analysis. *Cognitive Therapy and Research*, 27, 247-259.
- Turner, R. N., Wildschut, T., & Sedikides, C. (2012). Dropping the weight stigma: Nostalgia improves attitudes toward persons who are overweight. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48, 130-137.
- Valentini, F., & Bruno, D. F. (2016). Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 1-7.
- Van Tilburg, W. A. P., Igou, E. R., & Sedikides, C. (2013). In search of meaningfulness: Nostalgia as an antidote to boredom. *Emotion*, 13, 450-461.
- Vehling, S., Lehmann, C., Oechsle, K., Bokemeyer, C., Krüll, A., Koch, U., & Mehnert, A. (2011). Global meaning and meaning-related life attitudes: exploring their role in predicting depression, anxiety, and demoralization in cancer patients. *Supportive Care in Cancer*, 19, 513-520.
- Verplanken, B. (2012). When bittersweet turns sour: Adverse effects of nostalgia on habitual worriers. *European Journal of Social Psychology*, 42, 285-289.
- Verplanken, B., & Holland, R. W. (2002). Motivated decision making: Effects of activation and self-centrality of values on choices and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 434-447.

- Vess, M., Arndt, J., Routledge, C., Sedikides, C., & Wildschut, T. (2012). Nostalgia as a resource for the self. *Self and Identity, 11*, 273-284.
- Vione, K. C. (2012). *As prioridades valorativas mudam com a idade? testando as hipóteses de rigidez e plasticidade*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Welzel, C., & Inglehart, R. (2010). Agency, values, and well-being: A human development model. *Social Indicators Research, 97*, 43-63.
- Werman, D. S. (1977). Normal and pathological nostalgia. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 25*, 387–398.
- Wildschut, T., Sedikides, C., Arndt, J., & Routledge, C. (2006). Nostalgia: content, triggers, functions. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*, 975-993.
- Wildschut, T., Sedikides, C., Routledge, C., Arndt, J., & Cordaro, F. (2010). Nostalgia as a repository of social connectedness: the role of attachment-related avoidance. *Journal of Personality and Social Psychology, 98*, 573-586.
- Wood, A. M., & Joseph, S. (2010). The absence of positive psychological (eudemonic) well-being as a risk factor for depression: A ten year cohort study. *Journal of Affective Disorders, 122*, 213-217.
- Zentner, M., Grandjean, D., & Scherer, K. R. (2008). Emotions evoked by the sound of music: Characterization, classification, and measurement. *Emotion, 8*, 494– 521.
- Zhao, X., Lynch Jr, J. G., & Chen, Q. (2010). Reconsidering Baron and Kenny: Myths and truths about mediation analysis. *Journal of Consumer Research, 37*, 197-206.
- Zhou, X., Sedikides, C., Wildschut, T., & Gao, D. G. (2008). Counteracting loneliness: On the restorative function of nostalgia. *Psychological Science, 19*, 1023-1029.

Zhou, X., Wildschut, T., Sedikides, C., Chen, X., & Vingerhoets, A. J. (2012).

Heartwarming memories: Nostalgia maintains physiological comfort. *Emotion, 12*, 678-684.

Zhou, X., Wildschut, T., Sedikides, C., Shi, K., & Feng, C. (2012). Nostalgia: The gift that keeps on giving. *Journal of Consumer Research, 39*, 39-50.

Zimbardo, P. G. & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: a valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*, 1271-1288.

ANEXOS



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social
CEP; 58.051-900 João Pessoa – PB
Tel.: 83 3216-7856
E-mail: vgouveia@gmail.com
mariagabier@gmail.com

Prezado (a) colaborador (a),

Estamos realizando uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba com o propósito de conhecer correlatos de Nostalgia e emoções sociais. Neste sentido, para efetivação do estudo gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo este questionário.

Por favor, leia atentamente as instruções deste caderno e marque ou escreva a resposta que mais se aproxima com o que você pensa, sente e/ou faz, sem deixar qualquer item ou pergunta em branco.

Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas. Você também pode abandonar o estudo a qualquer momento sem prejuízo. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto na resolução nº 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, com a devida aprovação (CAAE: 70957517.0.0000.5188) faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, estamos à sua inteira disposição no endereço acima para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Desde já, agradecemos sua colaboração



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, coordenado pelo Prof. Dr. Valdiney V. Gouveia e a mestrandia Maria Gabriela Costa Ribeiro, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

João Pessoa, ____ de _____ de 2017

Assinatura do participante

ESCALA DE DISPOSIÇÃO À NOSTALGIA - TOTAL

INSTRUÇÕES. A seguir são descritas experiências gerais que as pessoas podem ter sobre nostalgia. Porém, nesta oportunidade ela avalia o quanto você a tem vivenciado durante toda a sua vida.

0	1	2	3	4
Quase nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Quase sempre

VIVÊNCIAS DE NOSTALGIA	ESCALA DE RESPOSTA				
01. Propagandas de marcas antigas me fazem lembrar de meu passado.	0	1	2	3	4
02. Fico lembrando de coisas que aconteceram em minha vida na década passada.	0	1	2	3	4
03. Pego-me pensando sobre minha cidade natal.	0	1	2	3	4
04. Penso sobre as tradições festivas do passado.	0	1	2	3	4
05. Tenho assistido novelas que estão sendo reprisadas.	0	1	2	3	4
06. Fico lembrando de desenhos animados do passado.	0	1	2	3	4
07. Revejo fotos do passado.	0	1	2	3	4
08. Tenho escutado músicas de décadas passadas.	0	1	2	3	4
09. Lembro-me do cheiro das coisas de minha infância.	0	1	2	3	4
10. Fico me imaginando no tempo de escola.	0	1	2	3	4
11. Recordo-me de competições esportivas do passado (e.g futebol, vôlei).	0	1	2	3	4
12. Lembro-me da comida de minha mãe / avó.	0	1	2	3	4
13. Tenho pensado sobre as brincadeiras de infância.	0	1	2	3	4
14. Relembro a tranquilidade da vida no passado.	0	1	2	3	4
15. Fico pensando sobre os brinquedos que eu gostava na infância.	0	1	2	3	4
16. Fico lembrando de meu animal de estimação.	0	1	2	3	4
17. Pego-me pensando sobre meu primeiro amor.	0	1	2	3	4
18. Lembro de bebidas e comidas que vendiam nos mercados.	0	1	2	3	4
19. Revejo filmes de décadas passadas.	0	1	2	3	4
20. Lembro-me de festas e comidas típicas do passado.	0	1	2	3	4

ESCALA DE DISPOSIÇÃO À NOSTALGIA

INSTRUÇÕES. A seguir são descritas experiências gerais que as pessoas podem ter sobre nostalgia. Porém, nesta oportunidade ela avalia o quanto você a tem vivenciado durante toda a sua vida.

0	1	2	3	4
Quase nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Quase sempre

VIVÊNCIAS DE NOSTALGIA	ESCALA DE RESPOSTA				
	0	1	2	3	4
01. Fico lembrando de coisas que aconteceram em minha vida na década passada.	0	1	2	3	4
02. Penso sobre as tradições festivas do passado.	0	1	2	3	4
03. Revejo fotos do passado.	0	1	2	3	4
04. Lembro-me do cheiro das coisas de minha infância.	0	1	2	3	4
05. Lembro-me da comida de minha mãe / avó.	0	1	2	3	4
06. Tenho pensado sobre as brincadeiras de infância.	0	1	2	3	4
07. Relembro a tranquilidade da vida no passado.	0	1	2	3	4
08. Fico pensando sobre os brinquedos que eu gostava na infância.	0	1	2	3	4
09. Lembro de bebidas e comidas que vendiam nos mercados.	0	1	2	3	4

INVENTÁRIO DE NOSTALGIA

INSTRUÇÕES. Usando a seguinte escala, **CIRCULE** um número para indicar o quanto você sente falta (dentro dos aspectos apresentados) do que perdeu quando era mais jovem.

01. Família	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
02. Heróis ou Heroínas	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
03. Não ter o que se preocupar	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
04. Lugares	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
05. Música	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
06. Alguém que você ama	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
07. Amigos	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
08. Coisas que você fez	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
09. Brinquedos	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
10. O modo como as pessoas eram	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
11. Sentimentos que você teve	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
12. Programas de TV, filmes	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
13. Escola	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
14. Ser dependente de alguém	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
15. Feriados	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
16. O modo como a sociedade era	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
17. Animais de estimação	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
18. Não ter conhecimento de coisas tristes ou más	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
19. Igreja	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito
20. Sua casa	Nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muito

ESCALA NOSTALGIA DE *SOUTHAMPTON*

INSTRUÇÕES. De acordo com o dicionário Aurélio (2010) “Nostalgia” é definida como uma “saudade, lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las”. Por favor, a seguir responda de acordo com a seguinte escala de resposta:

Nada 1 2 3 4 5 6 7 Muito

1. _____ Quão valiosa é a nostalgia para você?
2. _____ Quão importante é para você trazer à mente experiências nostálgicas?
3. _____ Quão significativo é para você se sentir nostálgico?
4. _____ Quão propenso você está de se sentir nostálgico?
5. _____ Com que frequência você sente nostalgia?
6. _____ De modo geral, com que frequência você traz à mente experiências nostálgicas?

7. Especificamente, com que frequência você traz à mente experiências nostálgicas? (por favor, marque apenas um item.)
 - _____ Pelo menos uma vez ao dia
 - _____ Três a quatro vezes por semana
 - _____ Aproximadamente duas vezes por semana
 - _____ Aproximadamente uma vez por semana
 - _____ Uma ou duas vezes por mês
 - _____ Uma vez a cada dois meses
 - _____ Uma ou duas vezes por ano

ESCALA DE RESPOSTA RUMINATIVA – (ERR-10)

INSTRUÇÕES. As pessoas pensam e fazem coisas muito diferentes quando se sentem tristes, cabisbaixas e deprimidas. Por favor, leia a lista de situações a seguir e, considerando a escala de resposta que se apresenta abaixo, escreva ao lado de cada uma um número que melhor indica o quanto você pensa ou faz cada uma das coisas que são indicadas quando se sente triste ou deprimida. É importante que você diga o que geralmente pensa ou faz, não como se esperaria que fizesse.

1	2	3	4
Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre

01. ____ Pensa "O que estou fazendo para merecer isso?".
02. ____ Pensa acerca de eventos recentes para tentar entender por que está deprimido.
03. ____ Pensa "Por que eu sempre reajo dessa maneira?".
04. ____ Pensa sobre o motivo pelo qual você se sente assim.
05. ____ Anota o que você está pensando e depois analisa o que escreveu.
06. ____ Pensa em situação recente, desejando que ela tenha sido melhor.
07. ____ Pensa "Por que tenho problemas que outras pessoas não têm?".
08. ____ Pensa "Por que não consigo lidar com as coisas melhor?".
09. ____ Analisa sua personalidade para tentar entender por que você está deprimido.
10. ____ Procura estar em algum lugar sozinho para pensar sobre seus sentimentos.

ESCALA DE SOLIDÃO DE JONG GIERVELD (*Short-version*)

INSTRUÇÕES. *Por favor, leia atentamente as sentenças listadas a seguir. Utilizando a escala de resposta abaixo, marque o número que indica sua resposta, manifestando em que medida concorda ou não com cada uma delas.*

Discordo totalmente	Discordo	Nem Concordo, nem Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

01. ___ Geralmente tenho uma sensação de vazio.

02. ___ Há muitas pessoas com quem eu posso contar quando tenho problemas.

03. ___ Sinto falta de ter pessoas ao meu redor.

04. ___ Há muitas pessoas em quem posso confiar completamente.

05. ___ Sinto-me rejeitado frequentemente.

06. ___ Há pessoas o suficiente a quem me sinto próximo.

ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS (EAPN-10)

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma lista com **dez estados emocionais**. Para cada um deles, pedimos-lhe que **indique o quanto você o tem experimentado ultimamente**. Faça isso marcando o número correspondente a cada estado emocional, segundo a escala de resposta abaixo. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível em suas respostas.

AFETOS	Totalmente improvável	Bastante improvável	Improvável	Mais ou menos	Provável	Muito provável	Totalmente provável
	1	2	3	4	5	6	7
01. Feliz	1	2	3	4	5	6	7
02. Deprimido	1	2	3	4	5	6	7
03. Satisfeito	1	2	3	4	5	6	7
04. Frustrado	1	2	3	4	5	6	7
05. Raivoso	1	2	3	4	5	6	7
06. Divertido	1	2	3	4	5	6	7
07. Preocupado	1	2	3	4	5	6	7
08. Otimista	1	2	3	4	5	6	7
09. Infeliz	1	2	3	4	5	6	7
10. Alegre	1	2	3	4	5	6	7

ESCALA DE SENTIDO DE VIDA (QSV)

INSTRUÇÕES. Pense por um momento sobre o que faz com que sua vida seja importante para você. Por favor, responda as sentenças seguintes de modo verdadeiro e com o máximo de cuidado que você puder. Também se lembre de que estas questões subjetivas e que não existem respostas certas ou erradas. Utilize a seguinte escala de resposta:

Totalment e Falso	Bastant e Falso	Parcialment e Falso	Nem verdadeiro , nem Falso	Parcialment e Verdadeiro	Bastante Verdadeir o	Totalment e Verdadeir o
1	2	3	4	5	6	7

01. ____ Eu compreendo o sentido da minha vida.
02. ____ Eu estou procurando alguma coisa que faça com que minha vida tenha sentido.
03. ____ Eu sempre estou em busca do sentido da minha vida.
04. ____ Minha vida tem um sentido claro.
05. ____ Eu tenho uma boa consciência do que faz minha vida ter sentido.
06. ____ Eu descobri um sentido de vida satisfatório.
07. ____ Eu estou sempre procurando por algo que faça com que minha vida seja significativa.
08. ____ Eu estou buscando um significado ou missão para minha vida.
09. ____ Minha vida não tem um propósito claro.
10. ____ Eu estou procurando um sentido em minha vida.

ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG

INSTRUÇÕES. Leia com atenção cada afirmação a seguir, circulando um número que indica o quanto você concorda ou discorda com o que ela indica, segundo a escala de resposta abaixo:

1	2	3	4
Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente

1. Sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas.	1	2	3	4
2. Acho que eu tenho várias qualidades boas.	1	2	3	4
3. Levando tudo em conta, penso que eu sou um fracasso.	1	2	3	4
4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.	1	2	3	4
5. Eu acho que não tenho muito do que me orgulhar.	1	2	3	4
6. Tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.	1	2	3	4
7. No conjunto, estou satisfeito comigo mesmo.	1	2	3	4
8. Gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.	1	2	3	4
9. Às vezes me sinto inútil.	1	2	3	4
10. Às vezes acho que não presto para nada.	1	2	3	4

ESCALA DE OTIMISMO

INSTRUÇÕES. Leia com atenção cada afirmação a seguir, escrevendo um número que indica o quanto você concorda ou discorda com o que ela indica, segundo a escala de resposta abaixo:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem Concordo, Nem Discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ____ Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.
02. ____ Quando penso no futuro, sou positivo.
03. ____ Me ocorrem mais coisas boas do que ruins.
04. ____ Penso que tudo vai dar errado.
05. ____ Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.
06. ____ Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.
07. ____ Vejo o lado positivo das coisas.
08. ____ Tenho confiança para superar problemas.
09. ____ Tenho confiança no futuro.

QUESTIONÁRIO DOS VALORES BÁSICOS (QVB)

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida você o considera importante como um **princípio que guia sua vida.**

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01. ___ **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02. ___ **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ___ **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04. ___ **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ___ **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ___ **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ___ **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ___ **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ___ **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
10. ___ **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ___ **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ___ **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.
13. ___ **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
14. ___ **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como social, esportivo ou comunitário.
15. ___ **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ___ **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ___ **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ___ **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus propósitos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

MANIPULAÇÃO DO ESTADO DE NOSTALGIA

CONDIÇÃO EXPERIMENTAL

INSTRUÇÕES. Por favor, leia com atenção a descrição abaixo.

O *Oxford Dictionary* indica que "nostalgia" é uma "saudade sentimental do passado". Pense em um evento nostálgico em sua vida. Especificamente, tente pensar em um evento passado que o faça sentir mais nostálgico. Traga essa experiência nostálgica à mente. Vivencie essa experiência nostálgica. Como isso faz você se sentir? Por favor, por um minuto pense sobre como isso faz você se sentir. Escreva **quatro palavras-chave** relacionadas para este evento nostálgico (ou seja, palavras que descrevem sua experiência).

Primeira palavra: _____

Segunda palavra: _____

Terceira palavra: _____

Quarta palavra: _____

Usando o espaço abaixo, no próximo minuto, escreva sobre este evento nostálgico. Mergulhe nesta experiência nostálgica, vivenciando-a. Descreva-a e indique como isso faz você se sentir.

CONDIÇÃO CONTROLE

INSTRUÇÕES. Por favor, leia com atenção a descrição abaixo.

Pense por um instante em um evento comum em sua vida. Especificamente, tente imaginar um evento passado que tem sido frequente em sua vida. Traga essa experiência à mente. Vivencie essa experiência comum de sua vida. Como isso faz você se sentir? Por favor, por um minuto pense sobre como isso faz você se sentir. Escreva **quatro palavra-chave** relacionadas com este evento típico (ou seja, palavras que descrevem sua experiência).

Primeira palavra: _____

Segunda palavra: _____

Terceira palavra: _____

Quarta palavra: _____

Usando o espaço abaixo, no próximo minuto, escreva sobre este evento comum, típico em sua vida. Mergulhe nesta experiência nostálgica, vivenciando-a. Descreva-a e indique como isso faz você se sentir.

MANIPULATION CHECK

As seguintes afirmações dizem respeito a como você se sente agora. De acordo com a escala de resposta a seguir, escreva um número no espaço em banco que antecede cada afirmação para indicar o quanto que você discorda ou concorda com a descrição de como se sente:

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente

_____ Neste momento, estou me sentindo bastante nostálgico(a).

_____ No momento, estou tendo sentimentos nostálgicos.

_____ Sinto-me nostálgico no momento

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Idade _____ anos

2. Sexo: Masculino Feminino.

3. Estado civil: Solteiro Casado/União Estável Divorciado/Separado Viúvo

4. Orientação sexual: Heterossexual Homossexual Bissexual
 Outra: _____

5. Religião: Católica Evangélica Espírita Outra: _____

6. Em que medida você se considera religioso? (**circule um número**):

1	2	3	4	5
Nada religioso	Pouco religioso	Medianamente religioso	Muito religioso	Totalmente religioso

7. Em comparação com as pessoas de sua cidade, você se considera de qual classe social? (**circule um número**):

1	2	3	4	5
Classe baixa	Classe média baixa	Classe média	Classe média alta	Classe alta

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEDINDO NOSTALGIA: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E CORRELATOS COM BEM-ESTAR

Pesquisador: Valdiney Veloso Gouveia

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70957517.0.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Universidade Federal da Paraíba

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.191.039

Apresentação do Projeto:

O protocolo de pesquisa "MEDINDO NOSTALGIA: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E CORRELATOS COM BEM-ESTAR" do pesquisador Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia trata-se de Projeto PIBIC (VIGÊNCIA 2016-2017).

PARTICIPANTES:

400 (ARQUIVOS "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_917303.pdf" E "nostalgia_folhaderosto.pdf").

500 conforme descrito no arquivo "projetodepesquisa.pdf" e no corpo do texto do arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_917303.pdf"

Estudo 1. Construção e adaptação da Escala de Nostalgia: "300 participantes da população geral" (...) "Pretende-se distribuir equitativamente a amostra em termos de sexo (masculino e feminino)."

Estudo 2. Correlações entre nostalgia, afetos, autoestima e sentido de vida. "Participação deste estudo, aproximadamente, 200 pessoas dos sexos masculino e feminino da população geral.